



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MICHELLE ALINE BARRETO

**ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: VOZES, HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS DE ATLETAS MEDALHISTAS (1976 A 1992)**

CAMPINAS
2016

MICHELLE ALINE BARRETO

**ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: VOZES, HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS DE ATLETAS MEDALHISTAS (1976 A 1992)**

Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para obtenção do título de Doutora
em Educação Física na Área de Atividade Física
Adaptada

Orientador: JOSÉ JÚLIO GAVIÃO DE ALMEIDA

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA MICHELLE
ALINE BARRETO E ORIENTADA PELO PROFESSOR
DR. JOSÉ JÚLIO GAVIÃO DE ALMEIDA.

Orientador

CAMPINAS
2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

B275e Barreto, Michelle Aline, 1983-
Esporte paralímpico brasileiro : vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 a 1992) / Michelle Aline Barreto. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. História oral. 2. Atletas. 3. Jogos Paralímpicos. 4. Esporte. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Brazilian paralympic sport: : voices, stories and memories of athletes medalists (1976 to 1992)

Palavras-chave em inglês:

Oral history

Athlete

Paralympic games

Sport

Área de concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Doutora em Educação Física

Banca examinadora:

José Júlio Gavião de Almeida [Orientador]

Maria Luiza Tanure Alves

Mey de Abreu Van Munster

Elisabeth de Mattos

Alberto Martins da Costa

Data de defesa: 29-03-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

PROFESSOR DR. JOSÉ JÚLIO GAVIÃO DE ALMEIDA

PROFESSORA DRA. MARIA LUIZA TANURE ALVES

PROFESSORA DRA. MEY DE ABREU VAN MUNSTER

PROFESSORA DRA. ELISABETH DE MATTOS

PROFESSOR DR. ALBERTO MARTINS DA COSTA

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica da aluna.

*Aos atletas que fizeram a história
do Esporte Paralímpico no Brasil.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos responsáveis e membros do programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pela qualidade de ensino e atendimento. Especialmente ao meu orientador José Júlio Gavião de Almeida pela oportunidade, confiança, apoio e ensinamentos.

Aos meus pais por acreditarem e me apoiarem em todos os momentos da minha vida, mesmo quando parecia loucura viajar 800 km em um mesmo dia para assistir aula na UNICAMP.

Aos meus amigos, Viviane Pereira Macedo e Heitor Luiz Menezes Neto, vocês me ajudaram muito na coleta de dados, obrigada! E aos amigos virtuais Roberto Ramos e Antônio Menescal, que não mediram esforços para me ajudar encontrar os atletas.

Agradecimento à direção geral e amigos da Faculdade Presbiteriana Gammon – FAGAMMON de Lavras pelo apoio para realização do meu doutorado.

E a cada atleta que participou desse estudo, me recebendo em suas casas, locais de trabalho ou indo me encontrar sem nenhum sacrifício e com todo carinho do mundo. Obrigada por compartilharem comigo suas experiências oportunizando a conquista de um título de doutorado, mas acima de tudo me fazendo uma pessoa melhor com suas histórias. Vocês foram fundamentais: *Luiz Carlos da Costa, Márcia Malsar, Anelise Hermany, Amintas Piedade, Luiz Cláudio Pereira, Miracema Ferraz, Maria Jussara Mattos, Jorge Graciano, Graciana Moreira Alves, Ádria Rocha Santos, César Antônio Gualberto, Cláudio Nunes Silva, Elmo Ribeiro, Carlos Roberto Sestrem, Iranilson Oliveira, Jaime de Oliveira, Júlio Silva, Leandro Ramos Santos, Leonel Cunha Filho, Sebastião da Costa Neto, Suely Guimarães, Eduardo Wanderley, Genezi Alves de Andrade e Ivanildo Vasconcelos.*

RESUMO

O esporte paralímpico é um fenômeno mundial e o Brasil ocupa uma posição de destaque nesse cenário. Esse movimento teve início no país no final da década de 1950, quando foram fundados clubes para a prática do basquetebol em cadeira de rodas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Conhecendo esse primeiro passo, identificou-se uma lacuna na literatura científica sobre o desenvolvimento e a evolução do esporte paralímpico nos anos iniciais, anteriores à criação do Comitê Paralímpico Brasileiro. Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar e descrever os aspectos histórico-sociais, de treinamento e de estruturação e as condições gerais correlatas da constituição do esporte paralímpico no Brasil, com base nos depoimentos orais de atletas medalhistas no período de 1976 a 1992. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, desenvolvida através da metodologia da história oral. O número de indivíduos que constituem o universo da pesquisa é de 27 atletas, com medalhas de ouro, prata ou bronze, em pelo menos uma das edições dos Jogos Paralímpicos no período delimitado, independentemente de gênero e faixa etária. No entanto, somente foi possível coletar os depoimentos de 23 atletas, pois 4 já haviam falecido no período de coleta de dados. As entrevistas foram gravadas em áudio, seguindo um roteiro de temas geradores, transcritas na íntegra e analisadas através do cruzamento de dados e documentos. As categorias de análise foram: categoria 1 – condições histórico-sociais de desenvolvimento do esporte; categoria 2 – aspectos técnicos, infraestrutura e treinamento no período de implantação do esporte paralímpico; categoria 3 – incentivos e obstáculos para a prática do esporte. Os resultados mostraram que o esporte paralímpico se estruturou no país sem o efetivo apoio governamental para fomento, embora algumas entidades gestoras já atuassem em busca de desenvolvimento e de amparo para esse seguimento esportivo. As ações das instituições especializadas de atendimento à pessoa com deficiência, os profissionais e os familiares tiveram papéis importantes nessa construção. Constatou-se que os atletas pioneiros treinavam com poucos recursos materiais e infraestrutura, além de não receberem nenhuma remuneração por sua carreira de atleta; isso pode ter levado ao precoce encerramento da carreira para alguns. Quatro participantes desse período encontram-se ativos como atletas e outros quatro atuam como gestores ou treinadores no âmbito do esporte paralímpico. Com os resultados desta análise, pretendeu-se preencher uma lacuna científica de um período pouco estudado, fornecendo dados para futuras pesquisas e contribuindo para que esses atletas pioneiros tenham voz e suas histórias sejam registradas.

Palavras-chave: história oral, atleta, Jogos Paralímpicos, esporte.

ABSTRACT

Paralympic sports is a global phenomenon and Brazil occupies a prominent position in this arena. This movement began in our country in the late 1950s, when clubs were founded to practice wheelchair basketball in cities Rio de Janeiro and São Paulo. After taking this first step, we identified a gap in the literature on the development and evolution of Paralympic sports in the early years, before the creation of the Brazilian Paralympic Committee. The aim of our research is to describe and analyze the historical and social aspects, training and infrastructure along with related general conditions of Paralympic Sports in Brazil, based on the oral testimony of medalists from 1976 through 1992. It is a qualitative research of descriptive character, developed through oral history methodology. The number of individuals who comprised the bulk of the research was 27 athletes, with gold, silver or bronze medals in at least one of the events of the Paralympic Games during this specific period, regardless of gender or age. However, it was only possible to collect the stories of 23 of those athletes because four had died in the data collection period. The interviews were audio recordings following a script which generated themes, which were then transcribed and analyzed through the intersection of data and documents. The categories were: category 1 - Historical and social conditions throughout the development of the sport; category 2 - Implementation of the Paralympic sport period including technical aspects, infrastructure and training; category 3 - Incentives and obstacles to the practice of the sport. The results showed that the Paralympic sport in Brazil was ineffectively structured without sufficient government support for its development, although some management companies had already pursued development and support for the sport. The actions of the specialized institutions who care for people with disabilities, professionals and family members have important roles in this development. It was found that pioneer athletes trained with few material resources and infrastructure, besides not receive any remuneration for their athletic careers; this may have led to the early end to their careers for some of them. Four participants from this period are still active as athletes, and four others are managers or coaches within the Paralympic sport. With the results of this analysis, we intend to fill in the scientific gap of a little-studied period, providing data for future research and allowing these pioneer athletes to have a voice and have their stories recorded for all time.

Keywords: oral history, athlete, Paralympic Games, sport.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Prática de basquetebol em cadeira de rodas.....	26
Figura 2: Prática de tiro com arco por mulheres.....	26
Figura 3: Prática de polo em cadeira de rodas.....	26
Figura 4: Prática de corrida em cadeira de rodas.....	26
Figura 5: Arqueiros na 1ª Edição dos Jogos Nacionais de Stoke Mandeville, julho de 1948.....	28
Figura 6: <i>Netball</i> modalidade inserida na 2ª edição dos Jogos Nacionais de Stoke Mandeville.....	28
Figura 7: Arqueiros em 1949, no Hospital em Stoke Mandeville.....	29
Figura 8: Edição do Jogos de Stoke Mandeville.....	29
Figura 9: Lançamento de dardo, modalidade da 1ª edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville.....	29
Figura 10: Margaret Webb em Stoke Mandeville, uma das mulheres pioneiras no esporte.....	29
Figura 11: Cerimônia de Abertura da 1ª edição dos Jogos Paralímpicos de 1960 - Roma.....	31
Figura 12: Jogo de basquetebol na da 1ª edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.....	31
Figura 13: Prova de Lançamento de dardo da 1ª edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.....	31
Figura 14: Basquetebol em cadeira de rodas 1ª edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.....	31
Figura 15: Tênis de mesa da 1ª edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.....	32
Figura 16: Prova de natação da 1ª edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.....	32
Figura 17: Originalmente publicado no jornal <i>Observer</i> em 9 de agosto de 1953.....	33
Figura 18: Originalmente publicado no jornal <i>The Guardian</i> em 19 de agosto de 1960.....	33
Figura 19: Publicação do Jornal O Globo em 03 de agosto de 1959, Matutina, Esportes, página 2.....	34
Figura 20: Publicação do jornal Folha de São Paulo, em 01 de agosto de 1959, página 3.....	35
Figura 21: Cerimônia de Abertura da 2ª Edição dos Jogos Paralímpicos de 1964 -	

Tokyo.....	37
Figura 22: Cerimônia de Abertura delegação japonesa, 1964 – Tokyo.....	37
Figura 23: Prova de corrida de 60 metros em cadeira de rodas.....	37
Figura 24: Logomara dos Jogos.....	37
Figura 25: Abertura dos Jogos Paralímpicos de 1964, Jornal O Globo, 09 de Novembro de 1964, página 3.....	38
Figura 26: Cerimônia de Abertura da 3ª edição dos Jogos Paralímpicos de 1968 – Tel Aviv.....	39
Figura 27: <i>Lawn bolws</i> , modalidade incluída nos jogos paralímpicos em 1968.....	39
Figura 28: Prova de atletismo – corrida em cadeira de rodas, 1972 Heidelberg.....	41
Figura 29: Logotipo dos Jogos Paralímpicos de inverno de 1976 em Ornskoldsvik – Suécia.....	42
Figura 30: Primeiro símbolo Paralímpico.....	47
Figura 31: Divulgação dos jogos de exibição dos atletas com deficiência no Brasil, publicado em 21 de março de 1957 no jornal O Globo, Geral, página 18.....	49
Figura 32: Atletas de São Paulo realizando treinos de basquetebol em cadeira de rodas em fevereiro de 1958. Publicado em 25 de fevereiro de 1958 no jornal O Globo, Geral, página 14.....	50
Figura 33: Meados da década de 60, equipe de basquetebol do Clube do Otimismo....	52
Figura 34: Divulgação do segundo confronto entre paulistas e cariocas. Publicado em 03 de agosto de 1960 no jornal O Globo, página 20.....	52
Figura 35: Divulgação do segundo confronto entre paulistas e cariocas. Publicado em 06 de agosto de 1960 no jornal O Globo, página 3.....	53
Figura 36: Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.....	56
Figura 37: Parte da Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.....	56
Figura 38: Parte da Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.....	57
Figura 39: Atletas da Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.....	57
Figura 40: Divulgação dos Jogos Paralímpicos de 1980. Publicado em 20 de janeiro de 1980 no jornal Folha de São Paulo, página 5.....	60

Figura 41: Notícia de fundação de um Comitê Paraolímpico Brasileiro. Publicado em 26 de Julho de 1965, no Jornal O Globo, Matutina, Esportes, página 3.....	68
Figura 42: Reportagem sobre a importância das instituições gestoras do esporte. Publicada em 26 de Setembro de 1989, no Jornal O Globo, Matutina, página 31.....	70
Figura 43: Esquema de organização dos participantes da pesquisa por ano de conquista da primeira medalha.	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1972.....	54
Quadro 2: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1976.....	57
Quadro 3: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1980.....	59
Quadro 4: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1984.....	61
Quadro 5: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1988.....	63
Quadro 6: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1992.....	65
Quadro 7: Título paralímpico do atleta Luiz Carlos da Costa.....	80
Quadro 8: Título paralímpico do atleta Jorge Graciano.....	81
Quadro 9: Títulos paralímpicos da atleta Amintas Piedade.....	81
Quadro 10: Títulos paralímpicos da atleta Márcia de Fátima Vieira Malsar.....	81
Quadro 11: Títulos paralímpicos do atleta Luiz Cláudio Alves Pereira.....	82
Quadro 12: Títulos paralímpicos da atleta Miracema Ferraz da Silva.....	82
Quadro 13: Títulos paralímpicos da atleta Anelise Hermany.....	83
Quadro 14: Títulos paralímpicos da atleta Maria Jussara Mattos de Oliveira.....	83
Quadro 15: Títulos paralímpicos da atleta Graciana Moreira Alves.....	84
Quadro 16: Título paralímpico do atleta Eduardo Ferreira Wanderley.....	85
Quadro 17: Títulos paralímpicos da atleta Ádria Rocha Santos.....	85
Quadro 18: Título paralímpico do atleta César Antônio Gualberto.....	86
Quadro 19: Títulos paralímpicos do atleta Elmo Ribeiro Junior.....	86
Quadro 20: Títulos paralímpicos do atleta Carlos Roberto Sestrem.....	86
Quadro 21: Título paralímpico do atleta Jaime de Oliveira.....	87
Quadro 22: Título paralímpico do atleta Iranilson Oliveira da Silva.....	87
Quadro 23: Título paralímpico do atleta Júlio Silva.....	87
Quadro 24: Título paralímpico do atleta Leonel Cunha Moraes.....	88
Quadro 25: Título paralímpico do atleta Leandro Ramos Santos.....	88
Quadro 26: Títulos paralímpico do atleta Sebastião Antônio da Costa Neto.....	88
Quadro 27: Títulos paralímpicos da atleta Suelly Guimarães.....	89
Quadro 28: Títulos paralímpicos do atleta Genezi Alves de Andrade.....	89
Quadro 29: Títulos paralímpicos do atleta Ivanildo Alves Vasconcelos.....	90
Quadro 30: Locais e datas das entrevistas.....	92

Quadro 31: Caracterização dos participantes a partir dos dados da anamnese.....	98
Quadro 32: Distribuição das instituições de desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS

Associação Campo-Grandense Beneficente De Reabilitação.....	ACBR
American Association on Intellectual and Developmental Disabilities.....	AAIDD
Associação Brasileira de Desporto para Amputados.....	ABDA
Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas.....	ABRADECAR
Associação Brasileira de Desportos para Cegos.....	ABDC
Associação de Assistência à Criança Deficiente.....	AACD
Associação de Deficiente Físico do Estado de Goiás.....	ADFEGO
Associação de Deficientes Motores.....	ADM
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.....	APAE
Associação Desportiva de Deficiente Físico de Pernambuco.....	ADDF/PE
Associação Desportiva Deficiente Físico.....	ADDF
Associação dos Deficientes Visuais de Belo Horizonte.....	ADEVIBEL
Associação dos Deficientes Visuais do Paraná.....	ADEVIPAR
Associação dos Deficientes Visuais do Triângulo Mineiro.....	ADEVITRIM
Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais	AJIDEVI
Associação Nacional de Desporto de Deficientes.....	ANDE
Associação Nacional de Desporto de Excepcionais.....	ANDE
Certificado de Apresentação para Apreciação Ética.....	CAAE
Clube do Paraplégicos de São Paulo.....	CPSP
Comitê Paralímpico Brasileiro.....	CPB
Confederação Brasileira de Desporto para Cegos.....	CBDC
Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Visuais.....	CBDV
Conselho Nacional de Desportos.....	CND
Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência	CORDE
International Blind Sports Federation.....	IBSA
International Coordinating Committee	ICC
International Paralympic Committee.....	IPC
International Sports Organization for the Disabled.....	ISOD
International Stoke Mandeville Games Federation.....	ISMGF

Organização das Nações Unidas.....	ONU
Organizações Não Governamentais.....	ONG
Secretária Especial de Educação a Distância – do Ministério da Educação.....	SEED/MEC
Sociedade Amiga do Deficiente Físico.....	SADEF
Sociedade Louis Braille.....	SOLB
The Cerebral Palsy International Sports and Recreation Association.....	CP-IRSA
Universidade Estadual de Maringá.....	UEM
Universidade Federal de Pernambuco.....	UFPE

SUMÁRIO

SUMÁRIO	16
INTRODUÇÃO	18
1.0 A HISTÓRIA DO ESPORTE PARALÍMPICO E DOS JOGOS PARALÍMPICOS NO CENÁRIO MUNDIAL	24
1.1 Primeira edição dos Jogos Paralímpicos – Roma/Itália, 1960.....	30
1.2 Segunda edição dos Jogos Paralímpicos – Tóquio/Japão, 1964.....	36
1.3 Terceira edição dos Jogos Paralímpicos – Tel Aviv/Israel, 1968.....	38
1.4 Quarta edição dos Jogos Paralímpicos – Heidelberg/Alemanha, 1972	40
1.5 Quinta edição dos Jogos Paralímpicos – Toronto/Canadá, 1976.....	41
1.6 Sexta edição dos Jogos Paralímpicos – Arhem/Holanda, 1980.....	43
1.7 Sétima edição dos Jogos Paralímpicos – Stoke Mandeville/Inglaterra e Nova York/EUA – 1984	44
1.8 Oitava edição dos Jogos Paralímpicos – Seul/Coreia do Sul, 1988.....	45
1.9 Nona edição dos Jogos Paralímpicos – Barcelona/Espanha, 1992	46
2.0. ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: PASSOS INICIAIS E PARTICIPAÇÕES EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS	48
2.1 Primeira participação brasileira nos Jogos Paralímpicos de Verão: 1972	54
2.2 A trajetória e acontecimentos de 1973 à primeira medalha paralímpica brasileira em 1976	56
2.3 Participações brasileiras nos Jogos Paralímpicos de Verão: 1980 e 1984.....	59
2.4 Participações brasileiras nos Jogos Paralímpicos de Verão: 1988 e 1992.....	62
3.0 ASSOCIAÇÕES DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO	68
4.0 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	72
5.0 MÉTODO	75
5.1 Participantes da pesquisa	77
5.2 Caracterização dos participantes entrevistados, participações em Jogos Paralímpicos e medalhas conquistadas.....	80
5.3 Contatos com os participantes	91
5.4 Coleta de dados	92
5.5 Análise dos dados	94
6.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES	97
6.1 Categoria 1: condições histórico-sociais de desenvolvimento do esporte.....	99

6.2 Categoria 2: aspectos técnicos, infraestrutura e treinamento no período de implantação do esporte paralímpico.....	107
6.3 Categoria 3: incentivos e obstáculos para a prática do esporte.....	120
7.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre E Esclarecido	137
APÊNDICE B – Ficha de Identificação do Atleta	141
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista.....	142
ANEXO A – Notícias das primeiras exposições de esportes paralímpicos no Brasil.....	144
ANEXO B – Notícias da primeira participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos – 1972.	148
ANEXO C – Documento de aprovação no comitê de ética e pesquisa	153

INTRODUÇÃO

O esporte identifica-se como fenômeno social e cultural de grande importância e se transforma continuamente. No século XX sua abrangência, estruturação, valores e divulgação evoluíram consideravelmente, passando da era do Esporte Moderno para o Esporte Contemporâneo.

Bourdieu (1990) apresenta esporte moderno como o fenômeno originado na Inglaterra no século XIX com características de sistematização e regularização dos jogos populares por parte da nobreza. Nessa regularização estavam implícitos valores morais e de racionalidade para desenvolvimento dessa prática.

Marques, Gutierrez e Montagner (2009) apontam algumas características do esporte contemporâneo como a institucionalização, o esporte-espetáculo, a mercantilização e o profissionalismo. Gebara (2002) complementa sobre a massificação, que permite que um maior número de pessoas consuma o esporte, e também sobre a democratização do esporte, que possibilita a participação efetiva das minorias.

Dentro dessas minorias se encontram as pessoas com deficiência, que, de acordo com a Lei 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), artigo 2.º:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

O esporte contemporâneo permitiu que esses indivíduos também tivessem a oportunidade de usufruir das possibilidades e benefícios do esporte, sejam eles nos aspectos físicos, psicológicos ou sociais, em caráter de lazer ou competitivo. E com o passar dos tempos, tornou-se, também, um espaço para que atletas com deficiência alcançassem excelentes resultados no esporte de alto rendimento.

A ascensão do esporte para pessoas com deficiência data de 1944, pois a partir da Segunda Guerra Mundial, soldados voltavam dos combates mutilados ou com graves lesões e precisavam ser reabilitados. Em Stoke Mandeville, na Inglaterra, o neurocirurgião, chamado Ludwig Guttmann, introduziu algumas modalidades esportivas, em especial tiro com arco (semelhante ao arco e flecha), polo e *netball* (que era similar ao basquetebol, mas sua cesta não possuía tabela), durante o processo de reabilitação desses soldados, com a intenção de melhorar as condições psicossociais desses indivíduos. Assim, deu-se um passo importante para o desenvolvimento e o estado atual do esporte paralímpico (WINNICK, 2004; COSTA e SOUSA, 2004; PARSONS e WINCKLER, 2012).

Costa e Winckler (2012) apontam que, com base nessa iniciativa, percebe-se a evolução e a concretização do que é o movimento paralímpico. Bailey (2008) indica que tal fenômeno ocorreu porque o esporte foi proposto com funções além da reabilitação e da socialização, focado na competição e no rendimento dos atletas, modelo no qual o resultado passou a ser componente principal no processo. Esse caráter competitivo pode ter sido decisivo para o sucesso das modalidades esportivas adaptadas, pois motivava as pessoas com deficiência a participarem e buscarem metas dentro do esporte.

Considerando essa experiência positiva, diversos países passaram a adotar o esporte com caráter competitivo, criando, assim, um movimento mundial que, com o passar dos anos, foi organizado, chegando aos Jogos Paralímpicos. Esses jogos são considerados o maior evento esportivo mundial de alto rendimento que envolve pessoas com deficiência e ocorrem de quatro em quatro anos em consonância com os Jogos Olímpicos (IPC, 2015).

Nesse evento estão envolvidas pessoas com deficiência física, visual e intelectual. Inicialmente apenas as pessoas com deficiência física (usuárias de cadeira de rodas) participavam das provas, mas com a evolução do movimento paralímpico atletas com outros tipos de deficiência física (como os amputados), deficiência visual e intelectual foram inseridos no programa dos jogos.

A deficiência física ou motora pode ser entendida como “problemas osteomusculares ou neurológicos que afetam a estrutura ou a função do corpo, interferindo na motricidade” (MATTOS, 2008). Ela pode ser decorrente de paralisia cerebral, poliomielite, traumatismo cranioencefálico, distrofia muscular, lesões medulares, amputações, entre outros (MATTOS, 2008; PEDRINELLI e TEIXEIRA, 2008; GORGATTI e BÖHME, 2008).

Já a deficiência visual é caracterizada por Munster e Almeida (2008) como perda parcial ou total da visão, limitando o desempenho habitual do indivíduo, ocorrendo déficit em ambos os olhos.

E, finalmente, a deficiência intelectual, que é caracterizada pela *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* (AAIDD, 2016) por se desenvolver antes dos 18 anos, causando limitações significativas no funcionamento intelectual (raciocínio, aprendizagem, resolução de problemas) e no comportamento adaptativo (habilidades sociais e práticas cotidianas).

Dentre os diversos países que hoje são potências paralímpicas e outros que se estruturam para tais competições está o Brasil, que começou a passos lentos e hoje ocupa uma posição de destaque entre as dez principais forças paralímpicas do mundo, tendo alcançado o sétimo lugar na última edição dos Jogos Paralímpicos, em Londres, no ano de 2012.

Os primeiros passos do esporte paralímpico brasileiro foram dados no final da década de 1950, quando Robson Sampaio, em 1958, fundou o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro e Sérgio Seraphin Del Grande criou, no mesmo ano, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP), nos quais a principal atividade era o basquetebol em cadeira de rodas (COSTA e SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011; PARSONS e WINCKLER, 2012).

A partir dessas ações, o esporte paralímpico começou a se desenvolver no país, porém, acredita-se que com outras iniciativas isoladas e sem apoio institucionais ou governamentais efetivos naquele período.

Ao longo de seu processo de concretização, esse segmento esportivo traçou uma trajetória evolutiva com atletas conquistando um número surpreendente de medalhas para o país nos últimos grandes eventos esportivos paralímpicos.

Por isso, o esporte paralímpico vem sendo estudado sob diferentes óticas: avaliações fisiológicas, análises de treinamento e preparação física e psicológica dos atletas, e também aspectos sobre a organização e o desenvolvimento das modalidades desse movimento.

Miranda (2011) desenvolveu seu estudo pela história oral dos gestores do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), ao longo dos 15 anos de existência desse órgão, abordando aspectos como consolidação institucional, desenvolvimento e profissionalização do esporte

paralímpico que foram relatados. Investimento nas categorias de base, projetos de longo prazo e investimento em parcerias com o meio acadêmico constituíram a trajetória desse órgão, tal como revela o referido estudo.

Marques (2010) realizou uma pesquisa exploratório-descritiva por meio de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que tinham funções técnicas e/ou administrativas do Comitê Paralímpico Brasileiro, a fim de analisar as interações sociais no esporte, com base na teoria de Pierre Bourdieu. O autor concluiu, em linhas gerais, que “o meio paralímpico é um espaço de disputa do controle das práticas esportivas, políticas e comerciais, próprias do esporte contemporâneo do século XXI”.

Já Araújo (1996), interessado em resgatar e discutir a estruturação do desporto para pessoa com deficiência no Brasil, entrevistou responsáveis governamentais por esse segmento do esporte, dirigentes do esporte adaptado em nível nacional e responsáveis pelas instituições esportivas que desenvolviam a prática naquele momento. Focado no período de 1984 a 1996, o autor concluiu que grandes esforços foram feitos para a institucionalização do esporte para esse público, tanto por parte do governo quanto por parte das pessoas com deficiência, por meio das associações. Buscavam naquele momento uma adequação administrativa e técnica para o, ainda, pequeno grupo de atletas com deficiência do país.

Outra linha de estudos desenvolvidos, ao longo dos anos, teve como foco os atletas brasileiros, principalmente os participantes das Paralimpíadas, o maior evento do esporte para pessoas com deficiência.

Cidade (2004) analisou as configurações de dez atletas, do gênero feminino, selecionadas para as Paralimpíadas de Sydney, na Austrália em 2000, baseada na Teoria Sociológica de Norbert Elias. Nesse estudo foram encontrados subsídios teóricos e empíricos que corroboraram a leitura do processo de (re)significação do papel das atletas paralímpicas, em conformidade com as disposições e perspectivas da sociedade contemporânea.

O estudo de Florence (2009) teve como foco 18 atletas medalhistas de ouro nas Paralimpíadas de Atenas, no ano de 2004, que participaram de uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de investigar as particularidades ocorridas durante a trajetória dos atletas de ouro nessa edição das Paralimpíadas e as percepções sobre o sucesso deles. Os resultados apontaram que a prática desportiva pelas pessoas com deficiência adquirida teve

sua iniciação dentro de um contexto de (re)construção de vida, e é nesse momento que o desporto adaptado ganha importância fundamental na vida dessas pessoas.

E, finalmente, outra linha de abordagem das publicações em torno do tema esporte paralímpico são livros com fundamentos biográficos ou comemorativos. Como exemplo, podemos citar os livros: 1996 – Paraolimpíada: o Brasil no pódio (ALENCAR, 1997); Paralímpicos: os deuses de Atenas 2004 (SIQUEIRA e RONCHI, 2005); *Dinastia paraolímpica – Beijing 2008: a inserção social em movimento* (SIQUEIRA, 2009); *Vencedores* (DUTTI, 2013); *Guerreiros paraolímpicos: vida e magia* (OSANDÓN, 2008); e, finalmente, *Para-heróis* (ASSIS, 2014).

Após essa análise, pôde-se verificar que há uma lacuna ou uma ausência de estudos que tratem do período anterior à criação do Comitê Paralímpico Brasileiro. Por isso, delimitamos o período entre 1976 a 1992 para desenvolvimento deste estudo, sendo 1976 o ano em que o Brasil conquistou sua primeira medalha paralímpica e 1992 o ano da última Paraolimpíada de que os atletas participaram antes da fundação do Comitê Paralímpico Brasileiro. A ausência desses estudos nos remeteu também à utilização das fontes orais dos atletas medalhistas que viveram esse período de criação, descoberta e desenvolvimento do esporte paralímpico no país.

O objetivo geral nesta pesquisa foi analisar e descrever os aspectos histórico-sociais, de treinamento, estruturação e as condições gerais correlatas da constituição do esporte paralímpico no Brasil, com base nos depoimentos orais de atletas medalhistas no período de 1976 a 1992.

Foi por meio dessas histórias individuais que buscamos possíveis desdobramentos e que contemplaram os objetivos específicos deste estudo, que foram:

- ✓ Identificar as modalidades e os contextos sociais de desenvolvimento do esporte paralímpico;
- ✓ Analisar condições técnicas e estruturais do desenvolvimento esportivo: infraestrutura, materiais, profissionais e treinamento no período abordado;
- ✓ Descrever incentivos e obstáculos financeiros para o esporte paralímpico de alto rendimento;
- ✓ Verificar a condição de encerramento de carreira desses indivíduos.

Um estudo de tal natureza justifica-se e torna-se fundamental para se ter a real ideia da constituição do esporte paralímpico no país diante da inexistência de um comitê organizador e também por registrar com bases científicas um período pouco estudado. Um outro aspecto de grande relevância é o de permitir que os atletas pioneiros do esporte paralímpico possam registrar a história do ponto de vista da pessoa/atleta com deficiência.

1.0 A HISTÓRIA DO ESPORTE PARALÍMPICO E DOS JOGOS PARALÍMPICOS NO CENÁRIO MUNDIAL

Hoje, para os Jogos Paralímpicos de Verão de 2016 tem-se 23 modalidades oficiais (atletismo, basquetebol em cadeira de rodas, bocha, canoagem, ciclismo de estrada, ciclismo de pista, esgrima em cadeira de rodas, futebol de 5, futebol de 7, *goalball*, halterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, rúgbi em cadeira de rodas, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo, vela e vôlei sentado), já os Jogos de Inverno possuem seis modalidades oficiais em seu programa competitivo e se tornaram um grandioso evento mundial. Em sua última edição, em Londres, no ano de 2012, participaram 4.200 atletas de 150 países em 20 diferentes esportes (IPC, 2015; SILVER, 2012). A evolução dos Jogos Paralímpicos, ao longo de 67 anos, tem seu marco inicial em 1948, com os Jogos Nacionais de Stoke Mandeville.

Existem registros de atividades esportivas sendo desenvolvidas para pessoas com deficiência antes de 1948, como atividades realizadas com alunos com deficiência visual no ano de 1838, em Boston, na Escola Perkins (WINNICK, 2004); o *International Paralympic Committee* (IPC) aponta registros de clubes de surdos em Berlim (IPC, 2015), em 1888, e, também, o *International Committee of Sports for the Deaf* (2015), com os registros dos Jogos para Surdos em sua primeira edição em 1924, em Paris. Vale ressaltar que as pessoas com deficiência auditiva não participam dos Jogos Paralímpicos por terem um evento esportivo específico. Contudo, as ações que desencadearam o movimento atual foram as competições em cadeira de rodas de 1948, incentivadas e promovidas na Inglaterra por Ludwig Guttmann.

O neurocirurgião Ludwig Guttmann, nascido em 1899, segundo Connor (2012), considerado um “*outsider*” para sua época, fugiu da Alemanha em 1939 em virtude das perseguições nazistas e se estabeleceu na Inglaterra, em Oxford, desenvolvendo importantes pesquisas sobre o sistema nervoso periférico. A partir de sua experiência prévia nos hospitais alemães e sua excelente atuação no *Department of Neurosurgery at the Radcliffe Infirmary*, Guttmann foi convidado pelo responsável do Ministério da Saúde, em 1943, para colocar suas pesquisas em prática em uma nova unidade de lesados medulares. Ele tinha três opções de cidades para trabalhar: Barnsley Hall, Basingstoke e Stoke Mandeville (uma vila no distrito de Aylesbury), sendo esta última opção a escolhida (BAILEY, 2008; PARSONS e WINCKLER, 2012).

Segundo Bailey (2008), a abertura e o investimento do governo nesses centros de reabilitação aconteceram em decorrência dos inúmeros combatentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que voltaram das batalhas com lesões medulares permanentes, ficando, assim, impossibilitados de exercer suas funções realizadas antes da guerra. O *Stoke Mandeville Spinal Injuries Unit* foi aberto em 1.º de fevereiro de 1944, com uma pequena equipe de enfermeiras e enfermeiros do Exército. E foi assim que Guttmann iniciou seu trabalho com uma proposta diferenciada de reabilitação pelo movimento.

Para Guttmann (1954) *apud* Bailey (2008, p. 16, tradução nossa), “a intenção de Guttmann foi de afastar-se da ideia de que as unidades de lesados medulares eram uma mera acumulação de indivíduos condenados”¹. Em sua visão, a reabilitação do indivíduo deveria acontecer como um todo, pensando nos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

Dentro da proposta de reabilitação pelo movimento, esse médico propôs a abertura de um departamento de fisioterapia, mas apenas isso não foi suficiente, em especial para promover a motivação dos pacientes. Connor (2012) descreve Ludwig Guttmann considerando-o incansável e infatigável, um líder nato que queria motivar seus pacientes na reabilitação, e, então, estimulou-os a praticarem exercícios para evitar maiores problemas decorrentes da lesão e a praticarem esportes competitivos com o intuito de obter ganhos psicológicos e sociais.

De acordo com Parsons e Winckler (2012) e Bailey (2008), as primeiras modalidades praticadas foram tiro com arco em cadeira de rodas, polo em cadeira de rodas, atletismo (lançamento de dardo), tênis de mesa, sinuca, *skittle bowl* (modalidade similar ao boliche) e *netball*. Bailey (2008) afirma que as práticas esportivas tiveram imensa adesão por parte dos pacientes, principalmente por se tratar de indivíduos que antes da lesão eram ativos fisicamente (especialmente soldados), jovens e vigorosos, mas que depois do período da reabilitação e fisioterapia, mostravam-se ansiosos e atraídos pelo esporte. As figuras a seguir mostram o período inicial dessas práticas que ocorriam dentro do próprio hospital.

¹ Texto original: “It was Guttmann’s intention to move away from the idea that units with spinal injuries became ‘merely an accumulation of doomed individuals’”.

Figura 1: Prática de basquetebol em cadeira de rodas.



Fonte: *News England – BBC* (2015).

Figura 2: Prática de tiro com arco por mulheres.



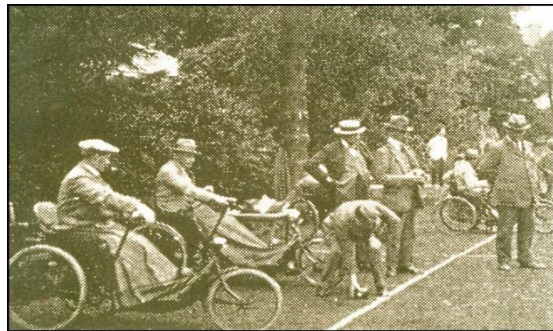
Fonte: *Jewish Museum* (2015).

Figura 3: Prática de polo em cadeira de rodas.



Fonte: *News England – BBC* (2015).

Figura 4: Prática de corrida em cadeira de rodas.



Fonte: *Journal of Medical Biography* (2015).

Paralelamente a esse movimento na Inglaterra, os Estados Unidos, em 1946, também propuseram o basquetebol em cadeira de rodas como prática de reabilitação em seus hospitais e começaram a promover pequenas competições entre os hospitais e as associações de veteranos de guerra (PARSONS e WINCKLER, 2012). Bailey (2008) complementa com a informação de que a *Paralyzed Veterans of America* organizou torneios e jogos de exibição que atraíam muitos espectadores naquela época.

O momento mais marcante dessa história está no evento denominado *Stoke Mandeville Games*, que ocorreu, pela primeira vez, no dia 29 de julho de 1948, do qual participaram 16 atletas, sendo 14 homens e duas mulheres apenas na modalidade tiro com arco, e que passou a ser realizado anualmente. Nesse mesmo dia acontecia, em Londres, a cerimônia de abertura da XIV edição dos Jogos Olímpicos, e Ludwig Guttman, um visionário, aproveitou o simbolismo da ocasião ao afirmar que era um bom presságio a

fundação dos Jogos de Stoke Mandeville acontecer, por coincidência, juntamente com a abertura das olimpíadas (BAILEY, 2008).

Mais uma vez as palavras de Guttmann citadas por Bailey (2008, p. 18, tradução nossa) mostram o perfil desse homem empreendedor e com visão de futuro: “Muitas pessoas tiveram dificuldade em compartilhar meu otimismo, mas os acontecimentos confirmaram a minha confiança na determinação dos desportistas paraplégicos para fazer este novo movimento um sucesso”².

Em 1949, na segunda edição dos Jogos de Stoke Madeville, ocorreram provas de tiro com arco e foi inserida a modalidade *netball* (BAILEY, 2008). No mesmo ano, nos Estados Unidos, a Universidade de Illinois organizou o primeiro torneio nacional de basquetebol em cadeira de rodas e possibilitou a formação da *National Wheelchair Basketball Association* e, posteriormente, por Benjamin Lipton a criação da *National Athletic Wheelchair Association*; este último órgão patrocinou diversas competições estaduais, regionais e nacionais para usuários de cadeira de rodas nos Estados Unidos (WINNICK, 2004).

Portanto, Benjamin Lipton desenvolvia, nos Estados Unidos, um trabalho semelhante ao de Guttmann na Inglaterra, também com os veteranos lesionados na guerra, e tinha a consciência de quão importantes eram o esporte e a disciplina advinda dele para a reabilitação das pessoas com deficiência (SAVITZ, 2006).

Thiboutot e Craven (1996) apontam que, embora nos Estados Unidos o basquetebol em cadeira de rodas também tenha sido proposto nos hospitais, havia um caráter esportivo mais arraigado nessa prática, os treinadores da modalidade tinham experiência no basquetebol convencional e eram envolvidos com o meio esportivo, o que culminou em um excelente desempenho dos atletas americanos nas competições.

Esse desenvolvimento paralelo do esporte nos dois países levou Guttmann, em 1950, aos Estados Unidos, para se reunir com Benjamin Lipton a fim de discutir e impulsionar o desporto em cadeira de rodas, partindo daí o convite para que os atletas americanos fossem para os Jogos de Stoke Mandeville em 1952 (ARAÚJO, 2011). Guttmann,

² Texto original: “Many people had difficulty in sharing my optimism, but events confirmed my confidence in the determination of the paraplegic sportsmen to make this new movement a success”.

também, mantinha relações com a Holanda, especialmente pelas discussões médicas, mas que se estenderam para a questão esportiva (BAILEY, 2008).

Então, em 1952, um novo passo foi dado, tendo em vista a importância e o significado dos jogos nacionais e anuais de Stoke Mandeville. Guttmann realizou, em 26 de julho desse ano, em Aylesbury, o primeiro *International Stoke Mandeville Games*, em que as modalidades eram: tiro com arco, *netball*, lançamento de dardo, tênis de mesa, sinuca, além da demonstração do lançamento de *club* (prova para pessoas com lesões mais severas, que consiste em lançar um objeto, semelhante à maça da ginástica rítmica desportiva, porém mais pesado). O evento contou com a participação de atletas holandeses e ingleses, somando um total de 130 indivíduos dos dois países (BAILEY, 2008; ARAÚJO, 2011; PARSONS e WINCKLER, 2012; IPC, 2015).

A seguir, seguem ilustrações dos jogos nacionais e internacionais realizados em Stoke Mandeville e algumas modalidades praticadas nesse período:

Figura 5: Arqueiros na 1.^a edição dos Jogos Nacionais de Stoke Mandeville, julho de 1948.



Fonte: *Mandeville Legacy* (2015).

Figura 6: *Netball*, modalidade inserida na 2.^a edição dos Jogos Nacionais de Stoke Mandeville.



Fonte: *Wheel Power – British Wheelchair Sport* (2015).

Figura 7: Arqueiros em 1949, no Hospital em Stoke Mandeville.



Fonte: *The Guardian* (2015).

Figura 8: Edição do Jogos de Stoke Mandeville.



Fonte: *News England – BBC* (2015).

Figura 9: Lançamento de dardo, modalidade da 1.ª edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville.



Fonte: *Radio Times* (2015).



Fonte: *The Sunday Times* (2015).

Bailey (2008) ressalta que, em 1953, representantes da Austrália, Canadá, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Israel e África do Sul tomaram conhecimento dos Jogos de Stoke Mandeville, e houve a partir de então um movimento mundial de organização e implementação do esporte para pessoas com deficiência.

No período de 1953 a 1959, ocorreram anualmente da 2.ª à 8.ª edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, contudo esse período não se encontra bem descrito na literatura. Alguns pontos destacados por Bailey (2008) foram: 1953 – a participação de atletas norte-americanos; 1955 – o basquetebol em cadeira de rodas passa a fazer parte dos jogos; a partir de 1958 – os países começam a organizar seletivas nacionais para participar dos jogos internacionais. Nesse período nota-se também a estruturação de algumas instituições e

associações em níveis nacionais e internacionais em diversos países com foco no esporte adaptado, como, por exemplo, a *World Veteran Federation*.

Savitz (2006) chama atenção para a participação do time americano de basquetebol em cadeira de rodas, chamado *Pan Am Jets*, que era formado por funcionários de uma empresa de aviação que treinavam nos finais de semana. Eles foram campeões do basquetebol em cadeira de rodas por cinco vezes consecutivas nos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, mas na 6.^a edição, em 1957, foram desqualificados por apresentarem uma forma de jogo muito agressiva e que colocava em risco a integridade física dos atletas.

1.1 Primeira edição dos Jogos Paralímpicos – Roma/Itália, 1960

A 9.^a edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville foi marcada, mais uma vez, por um grande passo em direção ao bom presságio que Guttmann havia tido em 1948, quando criou os Jogos de Stoke Mandeville. No ano de 1960, seria realizada a XVII edição dos Jogos Olímpicos em Roma, e, por isso, a partir de 1957 Ludwig Guttmann começou a cogitar a ideia de transferir os Jogos Internacionais para essa cidade. E ele conseguiu que os jogos fossem realizados logo após as olimpíadas e utilizando o mesmo espaço (BAILEY, 2008).

Essa edição dos Jogos Internacionais é reconhecida oficialmente como a primeira edição dos Jogos Paralímpicos, e o termo paralímpico surgiu porque os jogos aconteceram paralelamente aos Jogos Olímpicos. Ocorreram de 18 a 25 de setembro de 1960, no Estádio Olímpico, com a participação de 400 atletas, todos com deficiência física proveniente de lesão medular, de 23 países (BAILEY, 2008).

Os atletas disputaram as modalidades: tiro com arco, atletismo (lançamento de dardo e *club*, arremesso de peso), sinuca, natação, tênis de mesa, tiro de dardo (aproxima-se do tiro com arco por causa da utilização de um alvo semelhante, mas era realizado pelo arremesso com um dardo), basquetebol em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas e pentatlo – que era a combinação de tiro com arco, natação, dardo, *club* e peso (IPC, 2015; PARSONS e WINCKLER, 2012; BAILEY, 2008).

Segundo Bailey (2008), Guttman relatou sua satisfação em realizar os jogos em outro país e em outro padrão, e que, a partir daquele momento, os jogos até então realizados de forma isolada e sem muita visibilidade poderiam ser comparados aos Jogos Olímpicos. Assim, as pessoas com deficiência deveriam ter um evento com padrão similar àquele. As figuras que seguem ilustram os Jogos Paralímpicos de 1960; a diferença estrutural pode ser notada facilmente, se comparada às figuras dos eventos anteriores.

Figura 11: Cerimônia de Abertura da 1.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1960 – Roma.



Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Figura 12: Jogo de basquetebol na 1.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.



Fonte: *Wheelchairs can jump* (2015).

Figura 13: Prova de lançamento de dardos da 1.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.



Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Figura 14: Basquetebol em cadeira de rodas na 1.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.



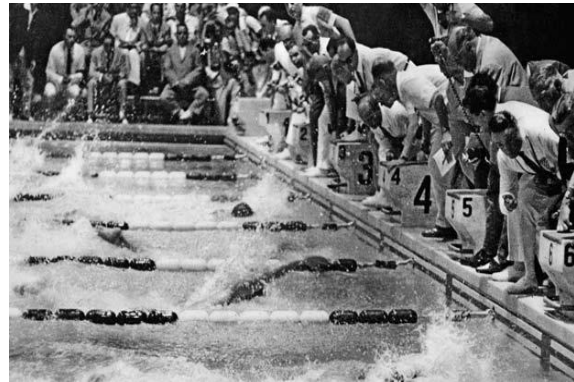
Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Figura 15: Tênis de mesa da 1.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.



Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Figura 16: Prova de natação da 1.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1960.



Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

De acordo com o IPC (2015), a cerimônia de abertura aconteceu no dia 18 de setembro, no *Acqua Acetosa Stadium*, com desfile das delegações para um público de cinco mil espectadores que cumprimentaram e aplaudiram os atletas. O ministro da saúde da Itália, na época, Camillo Giardina, abriu oficialmente os jogos. Já a cerimônia de encerramento, em 25 de setembro, foi realizada no *Palazetto dello Sport in the Olympic Village*, onde os atletas ficaram hospedados, com a presença de Ludwig Guttman, que foi o patrono dos jogos. Os países que ocuparam os cinco primeiros lugares foram: Itália, Grã-Bretanha, Alemanha, Áustria e, em quinto lugar, os Estados Unidos. Nessa última cerimônia, Guttman destacou que os jogos foram um sucesso, pois esse foi um importante momento de reintegração das pessoas com deficiência à sociedade por intermédio do esporte. E que seu propósito de reabilitação nas vertentes físicas, psicológicas e sociais estava se concretizando (BAILEY, 2008).

A seguir, apresentamos duas publicações originais de jornais que circulavam no período. A primeira, de 1953, trata da 2.^a edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville. O segundo recorte, já de 1960, antecipa as informações da realização da 9.^a edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, que aconteceria no mês seguinte em Roma, após as Olimpíadas (Figuras 17 e 18).

Figura 17: Originalmente publicado no jornal *Observer* em 9 de agosto de 1953.

Wheel-chair Sportsmen Hold Olympics

From Cyril Dunn

AYLESBURY, August 8

"IT'S getting too big," said one of the staff happily. "It'll have to be White City next year."

He was talking about an international sports meeting which was held at Stoke Mandeville, near Aylesbury, this afternoon. It had all the marks of the traditional athletic meeting—the neat grass lined with white-wash, the R.A.F. band playing under the trees, the flags of competing nations streaming from white poles.

But all the competitors were paraplegics—paralysed as a result of wounds, of industrial and traffic accidents, and of diseases of the spinal cord. They competed against one another with high seriousness and in wheel-chairs at netball, archery, javelin-throwing and similar Olympic sports, adding to athletic prowess a skilful technique of chair control.

200 Competitors

The Games have been steadily expanding since 1948. This year's event, with 200 competitors, was the first truly international one. Teams had come from several parts of Great Britain (among them injured colliers from the mines of South Wales and Durham), from Canada, Finland, France, the Netherlands and Israel, and individual entrants from Australia and South Africa.

The meeting took place at the Ministry of Pensions spinal centre at the Stoke Mandeville hospital, where the Director—and the originator of the Games—is Dr. Ludwig Guttmann, O.B.E. It was here that in 1944 radical changes were made in the medical approach to the problem of spinal paraplegia and a new way which has led to the present energetic and evidently enjoyable means of physical readjustment was tried instead of immobility and plaster. The plan took its present vigorous course when the Director began moving around in a wheel-chair, trying to hit and pursue a ball with an inverted walking-stick.

Netball Match

We watched a tremendously dashing netball match between Canada and one of the English teams. The Canadians, with large maple leaves on their chests, used a special form of lightweight chair.

People who have had the Stoke Mandeville treatment are now in full-time employment in factories and offices, earning full wages and paying income tax like the rest of us. Injury or disease of the spinal cord used to have an extremely high mortality rate. The centre has treated 950 cases since 1944, and mortality has been only about eight per cent., including causes other than the spinal injury.

Fonte: *The Guardian*.

Figura 18: Originalmente publicado no jornal *The Guardian* em 19 de agosto de 1960.

GAMES FOR THE DISABLED

Rome the centre

By our Luton Correspondent

Immediately after the Olympic Games, another international sports meeting will be held in Rome—for men and women who are paralysed. For the first time, the International Stoke Mandeville Games will be held away from Stoke Mandeville national spinal injuries centre, near Aylesbury.

With the co-operation of the International Olympics Committee and Italian authorities 400 wheel-chair competitors from 20 countries will be accommodated in Olympic village and will use one of the Olympic stadia for their 12-day gathering.

Britain will send a team of 51 paraplegics, 10 of whom will be women. With 25 escorts the British contingent will be the largest. Most European countries are competing, however, together with the United States, Canada, Australia, and Rhodesia.

Entrants will compete in sports for which the rules can be adapted for the handicapped, such as fencing, basketball, table tennis, and snooker. Five events—archery, club throwing, the javelin, putting the shot, and swimming—have been combined into a pentathlon.

British hopes

Although an Italian won this event when it was introduced at Stoke Mandeville last year, Britain has strong hopes in R. Thompson, a resident at Duchess of Gloucester House, Isleworth, Middlesex; C. Heppel, of Wakefield, and R. Scott, of Sheffield. Lady Masham, aged 24, of Ripon, who was paralysed in a riding accident, will be in the British team. She is an enthusiastic swimmer and table-tennis player. The British basketball team will comprise ex-servicemen from the Lyme Green settlement, Macclesfield. The contingent will be led by Dr Ludwig Guttmann, director of the Stoke Mandeville spinal injury unit who introduced sports as part of his rehabilitation programme in 1944.

The first games were held in the grounds of Stoke Mandeville in 1948 with 26 ex-servicemen taking part. Now there are two games every year, the British meeting and the international meeting, with hundreds of entrants.

The cost of sending the British team to Rome will be more than £3,000, but money will come from the Paraplegic Sports Endowment Fund, formed in 1955, with several senior Service chiefs and leading medical authorities among its officials.

Fonte: *The Guardian*.

O jornal brasileiro *O Globo* trouxe uma notícia, no ano que antecedeu esses jogos, destacando o interesse de participação dos atletas brasileiros nessa competição, que teria como representantes os atletas do Clube dos Paraplégicos de São Paulo (Figura 19). O jornal *Folha de São Paulo* também apresentou uma notícia com o mesmo conteúdo, evidenciando a busca de recursos e a necessidade de apoio para participar do evento (Figura 20).

Figura 19: Publicação do jornal *O Globo*, em 3 de agosto de 1959, Matutina, Esportes, página 2.

Os Paraplégicos em Roma

SÃO PAULO, 2 (Especial para O GLOBO) — Os "Ases das Cadeiras de Rodas", equipe de basquete do Clube de Paraplégicos de São Paulo, estão envidando esforços, visando a conseguir, junto às autoridades esportivas do nosso País, recursos necessários para participarem das Olimpíadas dos Paraplégicos, no próximo ano, em Roma. Falando à reportagem, o Sr. Oscar Malzoni, um dos dirigentes da entidade declarou:

"Se tudo for certo e os altos poderes esportivos, ao lado do povo em geral nos derem a ajuda indispensável, iremos participar da olimpíada".

Afirmou ainda o Sr. Malzoni que os "Ases" de São Paulo estão preparados para brilhar na Itália, tudo dependendo da colaboração dos poderes públicos, pois a equipe vem realizando dois treinos por semana, visando a aprimorar cada vez mais a técnica de cada jogador.

Prosseguindo em suas declarações, o dirigente nos informou que possivelmente dentro de 60 dias os "Ases" irão a Buenos Aires, onde enfrentarão uma equipe argentina.

Além do basquete, o Clube dos Paraplégicos pratica ainda natação, lançamento de dardo, e tênis de mesa, que igualmente poderão participar do magno certame em Roma, conforme disse o Sr. Oscar Malzoni.

Fonte: Acervo digital *O Globo*.

Figura 20: Publicação do jornal *Folha de São Paulo*, em 1.º de agosto de 1959, página 3.

DISPUTAR UMA OLIMPIADA NA EUROPA

O certame reunirá esportistas que se movimentarão sobre cadeiras de rodas — Dentro de 60 a 90 dias a equipe de bola ao cesto de São Paulo enfrentará seus companheiros da Argentina — "Precisamos da colaboração de todos"

— «Se tudo der certo, e os altos poderes esportivos, ao lado do povo em geral, nos derem a ajuda indispensável, iremos participar da olimpíada» — declarou esta tarde às FOLHAS o sr. Oscar Malzoni, a propósito das possibilidades de o Clube dos Paraplegicos de São Paulo — Ases das Cadeiras de Rodas — disputar os Jogos Paralímpicos, um torneio olímpico a ser realizado em



exercícios que estão sendo realizados, poderemos enviar à capital italiana um grande quinteto, que representará muito bem o Brasil.»

OUTROS ESPORTES

Diz ainda o sr. Oscar Malzoni que o «C.R.» já está cuidando de desenvolver outras atividades esportivas, atualmente quase restritas ao bola ao cesto.

— «Já temos alguns jovens» — ressaltou — que praticam natação, lançamento de dardo e ténis de mesa. Não está fora de cogitação que esses também venham a participar da olimpíada, além de outros, que até 1960 adquiriram condições suficientes. O importante em tudo isso — e disso fazemos nossa lição — é que o paraplegico, no ambiente desportivo e na prática reiterada dos esportes, será cada vez mais útil à coletividade e à pátria.»

500 ASSOCIADOS

Por último, afirmou o entrevistado que atualmente o Clube dos Paraplegicos de São Paulo conta 500 associados (uns fundadores, outros beneméritos).

— O povo de São Paulo muito nos tem prestigiado, e esperamos que o nosso quadro de sócios aumente ainda mais, a fim de ampliar as iniciativas programadas pela atual diretoria. — finalizou o sr. Oscar Malzoni.

Roma, no próximo ano. Os competidores dessa disputa que será realizada no Estádio Olímpico, atuarão em cadeiras de rodas, e o programa ficará restrito a esportes compatíveis com suas capacidades físicas.

Acréscitou o sr. que o «C.R.» tecnicamente estará preparado para se inscrever e fazer bonito. — no importante certame, tudo defendida. — Irá a colaboração que as altas esferas esportivas dispensarem ao clube. — As nossas equipes de futebol — destaca o sr. Malzoni — vêm desenvolvendo um intenso treinamento, tanto que se exercitam duas vezes por semana no ginásio do DEFE, as quartas-feiras (à noite) e aos domingos (pela manhã).

CONTRA OS ARGENTINOS

Informa o presidente da entidade que dentro de 60 a 90 dias os Ases das Cadeiras de Rodas enfrentarão aqui em São Paulo, os seus companheiros de Buenos Aires.

— É interessante destacar — menciona o sr. Malzoni — que a equipe argentina participou no ano passado de uma olimpíada realizada em Londres, onde obteve muitos aplausos pelas suas magníficas atuações. E, se já mantivermos entendimentos com os desportistas portenhos para a disputa com o «C.R.» é porque contamos nas possibilidades de nossas equipes. Dentro de um ano, ante os seguintes

1.2 Segunda edição dos Jogos Paralímpicos – Tóquio/Japão, 1964

Após o sucesso dos jogos de 1960, o movimento dos Jogos Paralímpicos buscava mais uma vez conquistar seu espaço com os organizadores da nova edição dos Jogos Olímpicos, e pelo empenho de Guttmann novamente essa parceria foi possível.

Os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, em sua décima edição, assim ainda chamados por seu idealizador, foram realizados de 8 a 12 de novembro de 1964, no *Olympic Stadium of Tokyo*, e, segundo o comitê organizador, cerca de cem mil pessoas assistiram às *performances* dos atletas com deficiência. As cerimônias de abertura (Figuras 21 e 22) e de encerramento foram realizadas para um público aproximado de cinco mil pessoas, e os patronos do evento foram o príncipe Akihito e a princesa Michiko (IPC, 2015; BAILEY, 2008).

Buscando a evolução e a expansão dos jogos nessa edição, além das provas que foram disputadas na edição anterior, foi inserida, na modalidade atletismo, a corrida de 60 metros em cadeira de rodas, para homens e mulheres, ilustrada na Figura 23. Além disso, o levantamento de peso foi uma nova modalidade agregada aos jogos (IPC, 2015).

De acordo com dados do IPC (2015), dessa edição participaram 21 países e 375 atletas; os Estados Unidos, seguidos de Itália, Grã-Bretanha, Austrália e Rodésia, ocuparam da primeira à quinta posição. E, nesses jogos, alguns atletas começaram a se destacar com a conquista de diversas medalhas; como exemplo temos Ron Stein, norte-americano que conquistou seis medalhas, todas de ouro, em provas de atletismo. Outro ponto de destaque foi a criação da primeira logomarca dos jogos, já com a referência *paralympic*, ilustrada na Figura 24.

Figura 21: Cerimônia de abertura da 2.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1964 – Tóquio.



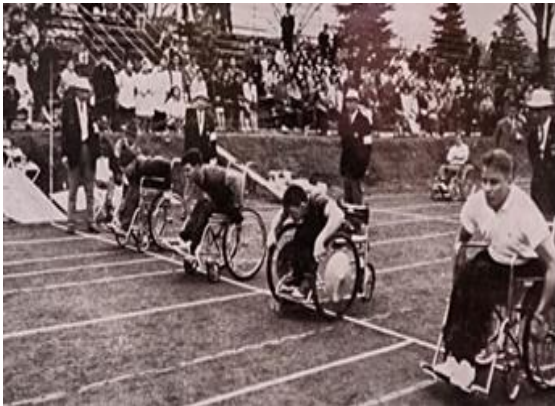
Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Figura 22: Cerimônia de abertura da delegação japonesa, 1964 – Tóquio.



Fonte: *Sports Special* (2015).

Figura 23: Prova de corrida de 60 metros em cadeira de rodas.



Fonte: *Tezukurikagu* (2015).

Figura 24: Logomara dos Jogos.



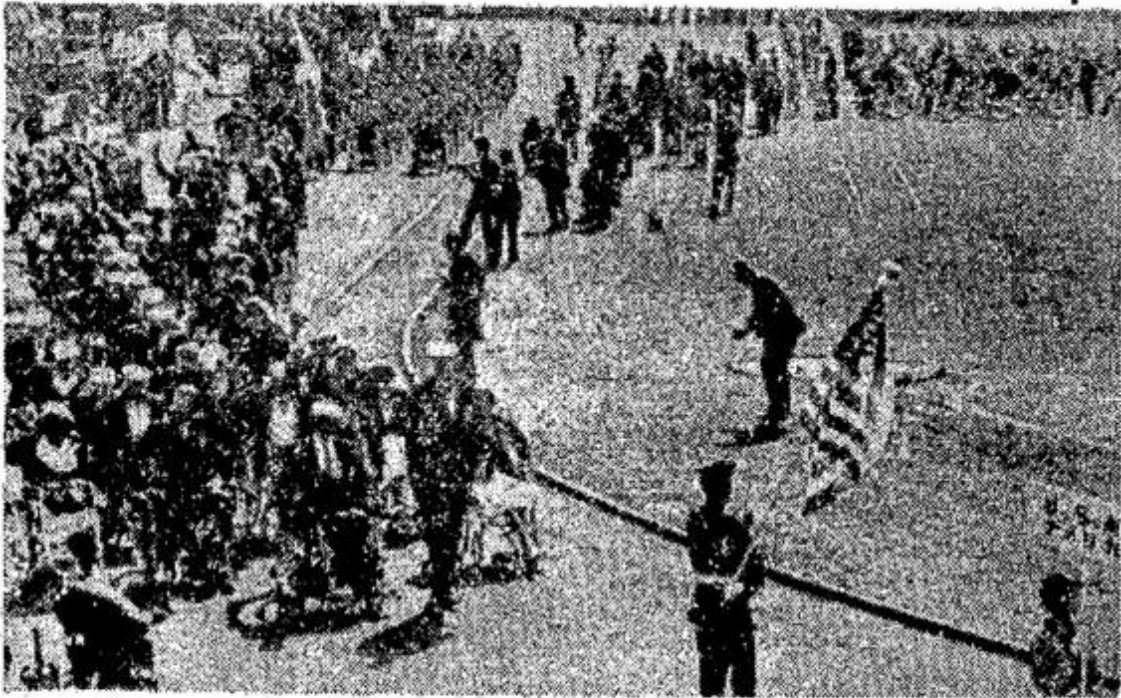
Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Bailey (2008) relatou que os participantes dos jogos perceberam uma imensa transformação, dos jogos de Roma para os de Tóquio, especialmente no espírito olímpico dos atletas, quando um deles descreveu como um milagre o que acontecia. A mídia japonesa cobriu de maneira intensa e significativa as competições; além disso, afirmou-se que esses jogos haviam quebrado as barreiras entre os participantes e espectadores, pois todos estavam em um só espírito e os que assistiam às provas chegavam a esquecer das deficiências.

Essa edição dos jogos foi noticiada de forma bastante singela pela imprensa brasileira, conforme a figura a seguir:

Figura 25: Abertura dos Jogos Paralímpicos de 1964, jornal *O Globo*, 9 de novembro de 1964, página 3.

Abertos os Jogos Para Paraplégicos



Depois dos Jogos Olímpicos, Tóquio voltou a assistir hoje a uma cerimônia inaugural de outros jogos internacionais, realizando-se na pista de atletismo da Vila Olímpica de Yoyogi, onde estão alojados os concorrentes, a exemplo das Olimpíadas, o desfile de abertura dos Jogos para Paraplégicos. Na radiofoto vê-se a equipe norte-americana desfilando e ao fundo a equipe japonesa, que encerrou o desfile. — (Radiofoto AP — O GLOBO)

Fonte: Acervo digital *O Globo*.

1.3 Terceira edição dos Jogos Paralímpicos – Tel Aviv/Israel, 1968

As Olimpíadas de 1968 foram realizadas na Cidade do México. Já em 1964, os responsáveis pela organização mexicana participaram do evento de Roma para observar como conduzir os futuros jogos. Desde então, os Jogos Paralímpicos foram definidos também para essa cidade; os organizadores desses jogos até previram uma visita para verificar as questões relacionadas à altitude para as competições dos lesados medulares. Contudo, em 1966, o comitê organizador dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville recebeu um comunicado do governo mexicano informando que, por dificuldades técnicas, eles não poderiam ser anfitriões

dos Jogos Paralímpicos em conjunto com os Jogos Olímpicos. E isso foi muito desapontador, pois a recente tradição da realização dos jogos no mesmo país e nas mesmas instalações seria rompida (BAILEY, 2008).

O autor complementa que, nesse mesmo ano, representantes do governo de Israel assumiram a realização dos jogos, que seriam realizados fora de Stoke Mandeville, mas não no mesmo local dos Olímpicos, como nas últimas edições. Israel já tinha uma boa relação com os organizadores, pois desde 1954 participava das competições, além de Guttmann manter relações de trabalho na área médica com esse país.

Não menos suntuosa pelo acontecido, a competição contou com 750 atletas, oriundos de 29 países, quase o dobro de competidores da edição anterior. E teve mais de dez mil expectadores na cerimônia de abertura realizada no dia 4 de novembro no estádio da *Hebrew University*, em Jerusalém (Figura 26), e encerramento no dia 13 de novembro (IPC, 2015).

Caminhando em direção ao progresso do evento, o programa das competições foi ampliado e foram incluídas as provas basquetebol em cadeira de rodas feminino e corrida de 100 metros em cadeira de rodas, além da modalidade *lawn bowls*, que é um jogo de precisão, semelhante ao jogo de bocha, representado na Figura 27. E algumas modificações foram feitas no sistema de classificação dos atletas da natação, basquetebol e atletismo (BAYLEY, 2008).

Figura 26: Cerimônia de abertura da 3.^a edição dos Jogos Paralímpicos de 1968 – Tel Aviv.



Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Figura 27: *Lawn bowls*, modalidade incluída nos Jogos Paralímpicos em 1968.



Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

De acordo com os dados do IPC (2015), os Estados Unidos, mais uma vez, foram campeões dos jogos, seguidos de Grã-Bretanha, o país anfitrião Israel, Austrália e França, nessa ordem, ocupando os cinco primeiros lugares.

1.4 Quarta edição dos Jogos Paralímpicos – Heidelberg/Alemanha, 1972

A 4.^a edição dos Jogos Paralímpicos aconteceu na cidade de Heidelberg, na Alemanha, pois mais uma vez a tentativa de realizar os jogos no mesmo local dos Jogos Olímpicos fracassou. Ludwig Guttman procurou o presidente do comitê organizador, que argumentou que os jogos não poderiam acontecer na cidade-sede de Munique, pois o governo transformaria, posteriormente, a vila olímpica em residências privadas, sendo, então, impossível adaptar ou atrasar o projeto de construção (BAILEY, 2008).

Assim, na cerimônia de abertura, em 2 de agosto, o evento contou com o surpreendente número de 984 atletas, de 43 países. Esse aumento no número de atletas pode ser justificado pela inclusão de atletas tetraplégicos nas competições pela primeira vez, além de jogos de exibição de deficientes visuais de *goalball* (é uma modalidade coletiva originalmente criada para a prática de pessoas com deficiência visual) e 100 metros rasos (Figura 28), além de encenação de jogos para amputados. Não houve nesse evento inserção de novas provas ou modalidades (IPC, 2015).

Essa participação, mesmo que em forma de exibição, partiu do interesse da *International Sports Organization for the Disabled* (ISOD – criada em 1964), que, em contato com a *International Stoke Mandeville Games Federation* (ISMFGF – 1960), por intermédio de Guttman (presidente de ambas as organizações), propôs a participação de atletas com outras deficiências nos jogos (INTERNATIONAL WHEELCHAIR & AMPUTEE SPORTS FEDERATION, 2015).

Bailey (2008) destaca uma importante ação, ao término dos jogos, que foi uma reunião com os técnicos e treinadores, a fim de se formar um subcomitê específico para cuidar dos aspectos técnicos do esporte, e a proposta foi concretizada com a criação da *International Swimming Training Association for the Paralyzed*, efetivando-se, posteriormente, para outros

esportes. E, em 11 de agosto, mais uma vez os Jogos Paralímpicos se encerraram com sucesso e com interessantes indícios de evolução.

Figura 28: Prova de atletismo – corrida em cadeira de rodas, 1972 – Heidelberg.



Fonte: *Die-stadtredaktion.*

1.5 Quinta edição dos Jogos Paralímpicos – Toronto/Canadá, 1976

Os jogos de Toronto, no Canadá, ocorreram no período de 4 a 12 de agosto, mais uma vez em uma cidade distinta da dos Jogos Olímpicos, que foi a cidade de Montreal, e não foi permitida a utilização dos espaços olímpicos (BAILEY, 2008). Esse evento foi marcado por enormes mudanças, ocasionadas pela participação oficial de atletas com deficiência visual e amputados, além dos paraplégicos e tetraplégicos.

Segundo dados do IPC (2015), participaram 1.657 atletas de 40 países, sendo 261 amputados e 187 com deficiência visual. E para esse evento, que se tornava cada vez maior, assumiram em conjunto a organização dos Jogos Paralímpicos de Toronto.

Bailey (2008) ressaltou que, em 1974, em Stoke Mandeville, foi realizado um evento preparatório para testar os regulamentos e de familiarização com o que ocorreria em Toronto. Nesse evento, chamado de *World Multi-Disability Games*, foram aplicadas as regras e os sistemas de classificação.

As novas modalidades que passaram a fazer parte do programa desses jogos foram o *goalball* e o tiro esportivo, este último já sendo amplamente praticado. Em relação às inovações, foi usada, pela primeira vez, a cadeira estendida, específica para corrida, nas provas de 200, 400, 800 e 1.500 metros. E em razão dos novos tipos de deficiência, diversas provas de exibição também aconteceram, como, por exemplo, o vôlei em pé (IPC, 2015).

Ainda com dados desse órgão, o grande número de atletas necessitou de uma nova logística para o evento, logo os atletas utilizaram diferentes alojamentos e ônibus escolares para o transporte aos locais das competições. Esse expressivo número de atletas atraiu um público de 24 mil pessoas para a cerimônia de abertura e fez com que, pela primeira vez, os Jogos Paralímpicos fossem televisionados para cerca de 600 mil pessoas. No encerramento do evento, em 11 de agosto, mais uma vez os Estados Unidos ocuparam o primeiro lugar da competição, seguidos de Holanda, Israel, Alemanha Ocidental e Grã-Bretanha.

A ambição por oportunidades e desenvolvimento do esporte, para pessoas com deficiência, levou, também, à organização da 1.ª edição dos Jogos Paralímpicos de Inverno, realizada nesse mesmo ano na Suécia, com a participação de 14 países e diferentes tipos de deficiências, um projeto que entusiasmou muito os atletas (BAILEY, 2008).

Figura 29: Logotipo dos Jogos Paralímpicos de Inverno de 1976, em Ornskoldsvik – Suécia.



Fonte: BRZ Comunicação.

1.6 Sexta edição dos Jogos Paralímpicos – Arnhem/Holanda, 1980

Essa edição ocorreu na cidade de Arnhem, na Holanda, no período de 21 de junho a 1.º de julho, com a participação de 1.973 atletas de 43 países. Enquanto isso, os Jogos Olímpicos realizavam-se em Moscou, na antiga União Soviética, portanto pela quarta vez os jogos aconteciam em locais diferentes (IPC, 2015).

Os atletas amputados, deficientes visuais, paraplégicos, tetraplégicos e os denominados *les autres* (pessoa com alguma deficiência motora que não se enquadra em outras classificações) participaram de disputas nas modalidades tiro com arco, tiro com dardo, atletismo (provas de campo e pista), basquetebol em cadeira de rodas, *lawn bowls*, esgrima, *goalball*, tiro, natação, tênis de mesa, sinuca, halterofilismo e voleibol; pela primeira vez o voleibol sentado foi disputado. E os Estados Unidos venceram essa edição.

De acordo com Bailey (2008), esse formato, dos jogos de 1980, caminhava para o modelo atual dos Jogos Paralímpicos, e as quatro principais federações internacionais, *International Sports Organization for the Disabled (ISOD)*, *International Stoke Mandeville Games Federation (ISMGF)*, *The Cerebral Palsy International Sports and Recreation Association (CPIRSA)* e *International Blind Sports Federation (IBSA)* tiveram sua representatividade na abertura do evento, e, diante de tamanha proporção que os jogos tinham tomado, teve início a necessidade de uma organização internacional. Logo, em 1982, foi criado o *International Coordinating Committee (ICC)*, órgão que representou os interesses do movimento paralímpico na organização dos jogos do período de 1982 a 1992.

É importante ressaltar que Ludwig Guttmann não participou dessa edição, pois faleceu em 18 de março de 1980, o que representou uma grande perda para o movimento esportivo paralímpico, mas também instigou a reorganização e a cientificidade do movimento (ARAÚJO, 2011).

Até aí 32 anos haviam se passado desde a primeira competição internacional de Stoke Mandeville, em 1948, e foi surpreendente o avanço alcançado. Bailey (2008), em sua obra, chamou o período de 1960 a 1980 de a “Era do Desenvolvimento”, considerando as conquistas de espaço, adaptações de novas modalidades, participação intensa de atletas e adesão de diversos países, a organização política e institucional estabelecida nesse meio desportivo, além, é claro, da visibilidade e de mudanças sociais atingidas.

1.7 Sétima edição dos Jogos Paralímpicos – Stoke Mandeville/Inglaterra e Nova York/EUA – 1984

No ano de 1984, não foi diferente a separação das sedes dos Jogos Paralímpicos e Olímpicos, pois este último evento aconteceu em Los Angeles, e os Paralímpicos foram divididos entre dois países. Os Jogos Paralímpicos sofreram essa divisão, primeiramente, porque a Universidade de Illinois, que sediaria os eventos em cadeira de rodas, desistiu em fevereiro do ano de realização do evento, alegando dificuldades financeiras. Além disso, o Comitê Olímpico Americano vetou a utilização do nome Paralimpíada, alegando que haveria conflito e confusão de entendimento com os Jogos Olímpicos (BAILEY, 2008).

Diante da situação, a *American National Wheelchair Athletic Association*, filiada à *International Stoke Mandeville Games Federation*, anunciou que faria os jogos dos atletas em cadeira de rodas, separadamente, em Stoke Mandeville, na Inglaterra. E os jogos dos outros grupos de deficiência, após acordo das federações, foram realizados em Nova York, nos Estados Unidos (IPC, 2015).

Assim, o primeiro evento realizado foi a 7.^a edição dos Jogos Internacionais para Deficientes, em Nova York, de 16 a 30 de junho, com a participação de 1.800 atletas de 45 países, com deficiência visual, amputados, pessoas com paralisia cerebral e os *les autres*. As modalidades futebol de sete, bocha e ciclismo de estrada foram incluídas como esporte (IPC, 2015; PARSONS e WINCKLER, 2012; BAILEY, 2008).

E de 22 de julho a 1.^o de agosto, a 7.^a edição dos Jogos Mundiais de Cadeira de Rodas aconteceu em Stoke Mandeville, em que participaram 41 países com um total de 1.100 atletas, sem inserção de nenhuma nova modalidade (IPC, 2015; PARSONS e WINCKLER, 2012; BAILEY, 2008).

De acordo com o *International Paralympic Committee*, os dois eventos juntos são considerados oficialmente como a 7.^a edição dos Jogos Paralímpicos, sendo a classificação final: Estados Unidos em primeiro lugar e, consecutivamente, Grã-Bretanha, Canadá, Alemanha Ocidental e França (IPC, 2015). Essa foi a única edição ao longo de toda a história em que o evento foi dividido.

Um fato inédito que ocorreu nesse ano, no dia 11 de agosto, é que houve uma demonstração de corrida em cadeira de rodas na XXIII Olimpíadas de Verão em Los Angeles.

O público médio no estádio era de 90 mil pessoas, e as provas exibidas foram 800 metros para mulheres e 1.500 metros para homens, com participação de oito vezes competidores, sendo quatro homens e quatro mulheres. Essa atitude do Comitê Olímpico Internacional (COI) foi uma demonstração de cooperação em um momento reativamente delicado dos Jogos Paralímpicos, e, ao término dessa demonstração, um dos representantes do COI destacou que esperava que, em um pequeno espaço de tempo, o *International Coordinating Committee* se tornasse um subcomitê daquele órgão (BAILEY, 2008).

O período compreendido entre 1980 e 1987, de acordo com Bailey (2008), foi de organização política e financeira; diversas federações se organizaram para trabalharem juntas em prol de uma organização maior, e o financiamento desses jogos estava cada vez mais caro, dadas as proporcionais magnitudes alcançadas.

1.8 Oitava edição dos Jogos Paralímpicos – Seul/Coreia do Sul, 1988

A partir dessa edição, os Jogos Paralímpicos passaram necessariamente a acontecer nos mesmos locais, como ocorre até hoje; de acordo com Parsons e Winckler (2012), em Seul, a influência religiosa fez com que os organizadores acreditassem que, se sediassem também os Jogos Paralímpicos, teriam benefícios futuros.

Portanto, as Paralimpíadas de Seul ficaram conhecidas como o primeiro evento da Era Moderna com a meteórica participação de 3.057 atletas de 61 países, de 15 a 25 de outubro de 1988, acontecendo exatamente nas mesmas instalações e com as mesmas condições proporcionadas aos atletas olímpicos, pois a vila olímpica foi construída de forma a proporcionar acessibilidade às pessoas com deficiência (IPC, 2015).

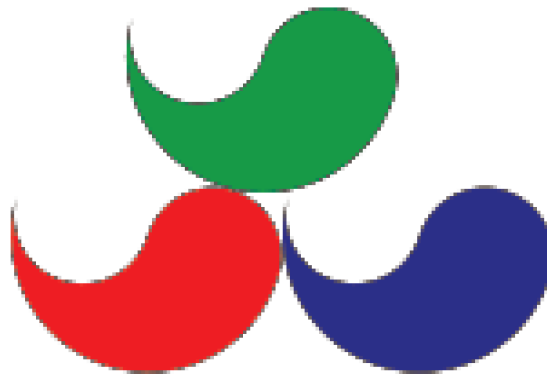
De acordo com Bailey (2008), os organizadores entenderam que aquele deveria ser o modelo a ser seguido em todas Paralimpíadas futuras, o único problema logístico a ser sanado eram as imensas filas para alimentação. E outra preocupação, para as próximas edições, era o cancelamento de provas, pois ocorria, algumas vezes, que os atletas e técnicos estavam preparados e empolgados para a prova, quando de repente ela era cancelada, porque

o competidor não entrou na prova ou porque a classificação o retirou da prova. Isso gerou muita frustração para os atletas, que se preparavam todo o ciclo para a competição.

Foram adicionadas as modalidades judô e tênis em cadeira de rodas, e os resultados dos jogos foram do primeiro ao quinto lugar: Estados Unidos, Alemanha, Grã-Bretanha, Canadá e França (IPC, 2015).

Foi apresentado nesse evento o primeiro símbolo paralímpico (Figura 30), que, um ano depois, foi incorporado como símbolo do Comitê Paralímpico Internacional. O comitê foi criado em 22 de setembro de 1989, na Alemanha, onde ainda é sua sede, em um encontro com a presença de 203 participantes representantes de 42 países, como uma organização sem fins lucrativos e com o objetivo de desenvolver oportunidades desportivas para todas as pessoas com uma deficiência, desde o iniciante até o nível de elite (BAILEY, 2008).

Figura 30: Primeiro símbolo paralímpico.



Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

1.9 Nona edição dos Jogos Paralímpicos – Barcelona/Espanha, 1992

O grande diferencial dos jogos de Barcelona foi o planejamento prévio e detalhado do evento do Comitê Paralímpico Internacional juntamente com o Comitê Olímpico

Internacional. Todo o planejamento tornou o evento um espetáculo que priorizava a *performance* do atleta, e não a deficiência (BAILEY, 2008).

Para priorizar essa *performance*, a classificação dos atletas deixou de ser uma classificação médica, baseada apenas no tipo de deficiência, e passou para um modelo funcional relacionado à capacidade de movimento, que passou a ser observado também nas competições, denominada classificação funcional. Essa mudança alterou as classes de diversos atletas e tornou as disputas mais equipadas, além da diminuição do número de classes e provas (PARSONS e WINCKLER, 2012; BAILEY, 2008).

Os dados do IPC (2015) mostram que esse espetáculo ocorreu de 3 a 22 de setembro, com a participação de 3.001 atletas de 83 países, um evento recorde, que teve em sua abertura no Estádio Olímpico de Montjuic um público de 65 mil espectadores, além de ter sido assistido pela televisão por milhões de telespectadores.

As provas disputadas foram: atletismo (provas de pista e campo), tiro com arco, bocha, ciclismo, futebol de sete, judô, *goalball*, *powerlifting*, halterofilismo, tiro esportivo, natação, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, basquetebol em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas e vôlei sentado, sem nenhuma inserção de nova modalidade. O resultado final foi com vitória dos Estados Unidos, seguidos de Alemanha, Grã-Bretanha, França, e os anfitriões espanhóis ocuparam o quinto lugar (IPC, 2015).

2.0. ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: PASSOS INICIAIS E PARTICIPAÇÕES EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS

Os registros sobre o início do esporte adaptado no Brasil datam do final da década de 1950, quando dois brasileiros com deficiência fizeram suas reabilitações nos Estados Unidos. Depois de uma lesão medular, conheceram alguns esportes adaptados e tempos depois fundaram instituições para a prática de esporte para pessoas com deficiência (COSTA e SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011).

O basquetebol em cadeira de rodas era praticado desde 1948, ainda era o *netball*, mas rapidamente evoluiria para o basquetebol. Segundo Del Grande, citado por Araújo (2011), o tradicional time americano da modalidade, formado por funcionários deficientes de uma empresa de aviação, chamado *Pan Am Jets*, veio para o Brasil a convite da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) com o intuito de divulgar o esporte. Eles fizeram jogos de apresentação das modalidades basquetebol, tênis de mesa e tiro com arco, todas em cadeira de rodas, em 1957, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo e no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. A partir dessas apresentações o Brasil iniciou suas organizações para a prática de esporte adaptado. A seguir apresentamos a notícia dessas exibições esportivas no Brasil (Figura 31), e no Anexo A, uma sequência de publicações sobre os jogos e exibições que aconteceram no país.

Figura 31: Divulgação dos jogos de exibição dos atletas com deficiência no Brasil, publicada em 21 de março de 1957, no jornal *O Globo*, Geral, página 18.

Atletas em Cadeiras de Rodas

Atuarão no Brasil os Funcionários Paráliticos da PAA — Exibições de Basquete, Tênis de Mesa, Arco e Flecha e Lançamento de Dardo

NOVA YORK, 21 (I.N.S. — O GLOBO) — A mundialmente famosa equipe de basquetebol Jete integrada por *funcionários paráliticos*, (jogam sentados em cadeiras de rodas), da Pan-American Airways, chegará dentro de pouco tempo ao Rio de Janeiro a fim de estreiar na América Latina contra jogadores brasileiros.

A equipe do Jete é constituída por 13 empregados do Departamento de Contabilidade da PAA de Nova York e todos sofrem de paralisia da cintura para baixo. O time irá ao Brasil com um treinador e quatro auxiliares.

• Esses funcionários foram contratados pela PAA numa campanha especialmente destinada a dar trabalho a muitos veteranos com defeitos físicos. Todos têm demonstrado extraordinária eficiência como operadores de máquinas calculadoras.

Apesar de *jogarem sentados em cadeiras de rodas*, eles conquistaram campeonatos mundiais de basquetebol, lançamento de dardo e tênis de mesa.

Os Jete viajarão em três pos de Nova York ao Rio de Janeiro nos dias 22, 23 e 24 de abril e visitarão diversas capitais brasileiras, dando, ainda, espetáculos de lançamento de dardo, tiro com arco e flecha e tênis de mesa.

O primeiro jogo se realizará no dia 27 de abril, no Maracanãzinho.

No dia 28 do mesmo mês irão a São Paulo retornando ao Rio no dia 29.

Fonte: Acervo digital *O Globo*.

Robson Sampaio de Almeida, carioca, em 1.º de abril 1958 fundou o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro, que tinha como objetivo desenvolver o esporte para pessoas com deficiência, com propósito de reabilitação e inclusão social naquela cidade (ARAÚJO, 2011, CASTRO, 2005). Sérgio Seraphin Del Grande, de acordo com a ata, criou em 28 de julho de 1958, na cidade de São Paulo, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo, entidade que tem como proposta a prática esportiva nas vertentes competitiva, recreativa e social. Em ambos os clubes a principal atividade era o basquetebol em cadeira de rodas (CPSP, 2015).

Existe uma divergência entre qual foi a primeira equipe de basquetebol em cadeira de rodas do país, pois embora o Clube do Otimismo tenha sido registrado juridicamente primeiro que o Clube dos Paraplégicos, Araújo (2011) *apud* Del Grande relata que, após o contato com um atleta do time americano de basquetebol, ele foi incentivado a formar uma

equipe, e, no final de 1957, iniciaram as ações que dariam origem à equipe. Del Grande reuniu pessoas com deficiência de algumas instituições e que ele mesmo convidou nas ruas, e por meio de uma cadeira de rodas esportiva que ele recebeu dos Estados Unidos, dez cadeiras parecidas foram reproduzidas e doadas por um fabricante brasileiro. Em fevereiro de 1958, começaram os treinamentos de basquetebol no Hospital das Clínicas de São Paulo.

A notícia publicada em 25 de fevereiro de 1958 pelo jornal *O Globo* confirma a existência da equipe de São Paulo já nessa data, realizando treinamentos e buscando recursos para investir em equipamentos.

Figura 32: Atletas de São Paulo realizando treinos de basquetebol em cadeira de rodas em fevereiro de 1958. Publicado em 25 de fevereiro de 1958, no jornal *O Globo*, Geral, página 14.



Fonte: Acervo digital *O Globo*.

Segundo Araújo (2011), embora o Clube do Otimismo tenha sido registrado primeiro, os indícios do discurso de um dos fundadores do CPSP indicam que sua prática se iniciou antes do registro, que foi em 28 de julho, data escolhida para homenagear o início do esporte por Ludwig Guttmann na Inglaterra. A publicação acima apresentada corrobora com o discurso do estudo supracitado.

E, de acordo com Parsons e Winckler (2012), como era de se esperar, logo as duas equipes se enfrentariam. Esse jogo aconteceu em dezembro de 1959, no Ginásio de Esportes do Maracanãzinho, no qual a equipe de São Paulo foi campeã com um placar de 22 x 16.

Nesse mesmo ano, em 6 dezembro, os atletas do Clube dos Paraplégicos de São Paulo viajaram para Buenos Aires, na Argentina, com intuito de fazer um intercâmbio esportivo e social entre as pessoas com deficiência dos dois países. Lá realizaram três jogos de basquetebol em cadeira de rodas, e, pelo que consta na literatura, essa foi a primeira competição internacional do esporte paralímpico do Brasil (ARAÚJO, 2011).

Segundo Parsons e Winckler (2012) e Araújo (2011), nos anos de 1960 e 1961, aconteceram mais dois jogos entre as equipes do Rio de Janeiro e São Paulo, que foram vencidos pelo Rio de Janeiro, respectivamente, por 37 x 17 e 48 x 8. A Figura 33 mostra os atletas do Clube do Otimismo nesse período.

Sobre esses jogos encontramos registros em jornais que divulgavam o jogo que aconteceu no ano de 1960 (Figuras 34 e 35):

Figura 33: Meados da década de 1960, equipe de basquetebol do Clube do Otimismo.



Fonte: Coleta de dados.

Figura 34: Divulgação do segundo confronto entre paulistas e cariocas. Publicado em 3 de agosto de 1960, no jornal *O Globo*, página 20.

Sábado, Cariocas x Paulistas

Basquete em Cadeira de Rodas, às 17 Horas, no Maracanãzinho — Troféus e Hegemonia em Jôgo — Os Bandeirantes Virão Representados Pelos "Ases da Cadeira de Rodas" — O Clube do Otimismo Jogará Com a Camiseta da Federação M. de Basquete

EM DISPUTA de três valiosos troféus, paulistas e cariocas paraplégicos jogarão, sábado, no Maracanãzinho. Essa partida será a primeira de uma melhor de três, precedida de um "show" cujo início está previsto para as 16 horas. Os cariocas estarão representados pelos jogadores do Clube do Otimismo, que envergaram a camiseta da Federação Metropolitana de Basquete, cedidas pelo seu presidente, Alberto Cúri. Os bandeirantes, por seu turno, serão defendidos pelos "Ases da Cadeira de Rodas", que, há pouco, derrotaram a seleção da Argentina e chegarão sexta-feira, às 22 horas.

Os Cariocas

No encontro que determinará a hegemonia no esporte, os cariocas alinharão com Irineu (10), Robson (13), Arnaldo (9), Jorge (6), José Maria (14), Vandilson (3), Abraão (4), Raimundo (5), Manuêlito (7), Hélio (12). Em vista da necessidade de serem submetidos a uma intervenção cirúrgica, Ramon e Tiago não jogarão e o técnico será Aldo Micólis, que já foi treinador do Piedade.

Os Paulistas

Os "Ases da Cadeira" trarão uma delegação de 35 pessoas, contando-se 17 jogadores. Entre eles, Sérgio, Paulinho, Pedro, Lourenço e Artur. Viajando em ônibus especial, a comitiva ficará hospedada no Colégio Batista, retornan-

do a São Paulo, domingo, às 15 horas.

Os Troféus

Além da liderança no Brasil, também estarão em jôgo

três troféus: "Cristiano Laccorte", oferecido pelo Clube do Paraplégico, de São Paulo; "Robson Sampaio de Almeida", ofertado pelo Clube do Otimismo, e a taça "Superball", da casa do mesmo nome.

Fonte: Acervo digital *O Globo*.

Figura 35: Divulgação do segundo confronto entre paulistas e cariocas. Publicado em 6 de agosto de 1960, no jornal *O Globo*, página 3.



Fonte: Acervo digital *O Globo*.

A partir de 1967, algumas ações foram promovidas em prol do esporte adaptado na América. Baseados nos jogos pan-americanos, foram criadas competições nos mesmos moldes; embora encontrados na literatura como Jogos Parapan-americanos, eles não são oficialmente reconhecidos por esse nome.

A origem desses jogos foi em Winnipeg, no Canadá, quando seis países se reuniram para disputar os "Jogos Pan-americanos para Paraplégicos", com esportes disputados em cadeiras de rodas. Nos anos seguintes, foram realizados em: Buenos Aires, na Argentina, em 1969; Kingston, na Jamaica, em 1971; Lima, no Peru, em 1973; Cidade do México, no México, em 1975; Rio de Janeiro, no Brasil, em 1978; Halifax, no Canadá, em

1982; Aguadillas, em Porto Rico, em 1986; Caracas, na Venezuela, em 1990, e Buenos Aires, na Argentina, em 1995 (REVISTA DO COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2011).

Esses eventos foram de suma importância para o esporte adaptado no Brasil, pois, em 1969, as equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo se uniram para representar o país na II edição dos Jogos Pan-americanos para Paraplégicos, em Buenos Aires (COSTA e SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011; PARSONS e WINCKLER, 2012).

A seguir apresenta-se em subdivisões por período as descrições das participações de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos de Verão, por entender que mesmo dentro da delimitação temporal compreendida nesse estudo existem mudanças consideráveis de uma edição para outra dos jogos.

2.1 Primeira participação brasileira nos Jogos Paralímpicos de Verão: 1972

Em 1972, pela primeira vez, uma equipe brasileira participou de uma edição dos Jogos Paralímpicos de Verão. Foi em Heidelberg, na Alemanha, com uma equipe de dez atletas, que, a princípio, foi participar das competições de basquetebol em cadeira de rodas. Contudo, como naquela época a participação era mais valorizada que o desempenho esportivo, os atletas competiram outras modalidades quando chegaram ao evento (PARSONS e WINCKLER, 2012).

Nessa participação, o Brasil não alcançou resultado significativo nas provas que participou e não conquistou nenhuma medalha. Do total de 43 países participantes o Brasil ocupou a 32.^a posição (IPC, 2015). Não há muitas informações sobre a organização dessa delegação ou financiamento dessa viagem. As participações estão listadas no quadro a seguir:

Quadro 1: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1972.				
Atletas	Modalidades			
	<i>Basquete-bol em cadeira de rodas</i>	<i>Atletismo</i>	<i>Natação</i>	<i>Tiro com arco</i>
Robson Sampaio de Almeida	X	✓ Lançamento de dardo com precisão	-	X
Cláudio Araújo	X	✓ 100 m em cadeira de rodas (4) ✓ Tiro com dardo (4)	-	-
Valério Augusto	X	✓ 100 m em cadeira de rodas (4) ✓ <i>Slalom</i> (4)	-	-
Abraão Gomes de Souza	X	✓ Lançamento de disco (3)	-	-
Valter Lemos Salles	X	✓ 100 m em cadeira de rodas (4) ✓ <i>Slalom</i>	-	-
Haroldo Teles	X	✓ 100 m em cadeira de rodas (5) ✓ <i>Slalom</i>	-	-
Cordeiro³	X	-	✓ 100 m nado peito (6) ✓ 100 m livre (6) ✓ 3x50 m Medley (6)	-

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

É importante ressaltar que alguns atletas participaram apenas do basquetebol em cadeira de rodas e os dados do IPC não discriminam os atletas que compunham a equipe, possivelmente, porque a divergência deu-se com uma delegação de dez atletas e os que compõem o quadro somam sete atletas.

O Anexo B apresenta uma sequência de reportagens que ilustram principalmente a dificuldade em conseguir verba para compra das passagens para que os atletas brasileiros participassem dessa edição dos Jogos Paralímpicos. Mostra também que o número de atletas que estavam treinando era bastante superior ao número de atletas que compuseram a delegação, justificado por terem conseguido apenas dez passagens aéreas para a delegação brasileira.

³ Em nossa pesquisa não foi possível identificar o nome completo do atleta.

2.2 A trajetória e acontecimentos de 1973 à primeira medalha paralímpica brasileira em 1976

Após a primeira participação nos Jogos Paralímpicos, o esporte brasileiro continuou a passos ainda pequenos e, sem estrutura organizacional e política, a se desenvolver. Conforme ressaltado, os “jogos pan-americanos para paraplégicos” continuaram a acontecer em intervalos irregulares de tempo, e os atletas brasileiros participavam desses eventos.

Em 1973, a delegação brasileira, composta de atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo, participou desses jogos, em Lima, no Peru, conforme ilustrado nas Figuras 36 a 39. E em 1975, um fato curioso alavancou a organização do esporte nacional: nos jogos pan-americanos dos paraplégicos do México, uma falha de comunicação entre as equipes de São Paulo e do Rio de Janeiro fez com que o Brasil fosse com duas delegações aos jogos. Esse acontecimento obrigou a *International Stoke Mandeville Games Federation* a exigir do país uma entidade de representatividade nacional. Assim, em 1975 foi criada a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais – ANDE (ARAÚJO, 2011; CPB, 2015).

Figura 36: Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.



Fonte: Coleta de dados.

Figura 37: Parte da Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.



Fonte: Coleta de dados.

Figura 38: Parte da Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.



Fonte: Coleta de dados.

Figura 39: Atletas da Delegação Brasileira nos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos em Lima – Peru, 1973.



Fonte: Coleta de dados.

Quando, em 1976, o Brasil foi participar dos Jogos Paralímpicos de Toronto no Canadá, já existia uma representatividade de uma entidade nacional que levou para a competição uma delegação de 23 pessoas que participaram de diversas provas (PARSONS e WINCKLER, 2011).

Pela primeira vez, houve a participação feminina de duas atletas brasileiras, Maria Alvares e Beatriz Siqueira, o que abriu portas para a participação feminina no esporte competitivo (IPC, 2015).

No quadro a seguir, está representado um total de 22 atletas, de acordo com os registros do Comitê Paralímpico Internacional. Vale ressaltar que desse grupo foi montada a equipe de basquetebol em cadeira de rodas, equipe essa que não está discriminada nos registros desse órgão.

Quadro 2: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1976.			
Atleta	Modalidades (classe)	Atleta	Modalidades (classe)
Maria Alvares	✓ 100 m em cadeira de rodas (4)	Beatriz Siqueira	✓ <i>Lawn bowls</i> individual
	✓ <i>Slalom</i> (4)		✓ 50 m nado costa
	✓ Tênis de mesa individual (4-5)		
Manoel Alves	✓ Arremesso de peso (3)	Orlando Meireles	✓ 100 m em cadeira de rodas (3)
	✓ Lançamento de disco (3)		✓ <i>Slalom</i> (3)
Cláudio Avário	✓ 100 m em cadeira de rodas (4)	Walter L. Salles	✓ 100 m em cadeira de rodas (3)
	✓ Arremesso de peso (4)		✓ Lançamento de disco (3)
	✓ Lançamento de disco (4)		✓ <i>Slalom</i> (3)

	✓ Tênis de mesa individual (4-5)		
Valério Augusto	✓ 100 m em cadeira de rodas (4) ✓ 800 m em cadeira de rodas (4) ✓ Arremesso de peso (4) ✓ Lançamento de disco (4) ✓ <i>Slalom</i> (4) ✓ Sinuca ✓ Tênis de mesa individual (4-5) ✓ Levantamento de peso	Roberto Ramos	✓ 100 m em cadeira de rodas (5) ✓ Arremesso de peso (5) ✓ Lançamento de dardo (5) ✓ Lançamento de dardo com precisão (5)
José Blanco	✓ Lançamento de disco (2)	Oswaldo Silva	✓ <i>Lawn bowls</i> individual
Joel Lopes	✓ 800 m em cadeira de rodas (5) ✓ Lançamento de dardo (5) ✓ Lançamento de disco (5)	Robson Sampaio de Almeida	✓ Tiro com dardo ✓ <i>Lawn bowls</i> individual ✓ <i>Lawn bowls</i> dupla ✓ Tiro esportivo
Jorge Ribeiro	✓ 100 m em cadeira de rodas (3) ✓ Sinuca	Lucio Tagino	✓ Lançamento de disco (4) ✓ Arremesso de peso (4)
Carlos A. Silva	✓ Lançamento de dardo (5) ✓ Lançamento de dardo com precisão (5) ✓ Lançamento de disco (5) ✓ Arremesso de peso (5)	José F. da Penna	✓ 100 m em cadeira de rodas (D1) ✓ Lançamento de dardo com precisão (D) ✓ Arremesso de peso (D) ✓ Tiro esportivo
Gilberto Tobias	✓ Salto em distância (D) ✓ Tênis de mesa individual (D)	Manuel Alves	✓ Tiro com dardo ✓ Tiro esportivo
Joel do Nascimento	✓ Salto em distância (D) ✓ Lançamento de dardo com precisão (D) ✓ Tênis de mesa individual (D)	Vinícius Gaspar	✓ Levantamento de peso
Luiz Carlos da Costa	✓ <i>Lawn bowls</i> individual ✓ <i>Lawn bowls</i> dupla	Jorge Ney	✓ <i>Lawn bowls</i> individual ✓ Tiro esportivo

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

O principal fato dessa edição é que o Brasil conquistou sua primeira medalha paralímpica. Foi uma medalha de prata em *lawn bowls*, conforme já citado, uma modalidade parecida com a bocha. A medalha veio com a dupla Luiz Carlos da Costa e Robson Sampaio de Almeida, atletas que marcaram a história do esporte paralímpico brasileiro (IPC, 2015; CPB, 2015).

E, de acordo com o CPB (2015), consecutivo a esse desempenho, em 1978, o Brasil organizou e sediou a 6.^a edição dos Jogos Pan-americanos para Paraplégicos, na cidade do Rio de Janeiro.

2.3 Participações brasileiras nos Jogos Paralímpicos de Verão: 1980 e 1984

Definitivamente o Brasil estava inserido no movimento mundial do esporte para pessoas com deficiência, no qual vinham ocorrendo diversas modificações e avanços, e o país tentava seguir as tendências organizacionais, de desenvolvimento e de participação.

Contudo, nos Jogos Paralímpicos de 1980, em Arnhem, na Holanda, o Brasil participou com uma pequena delegação com total de 15 atletas, com pouca representatividade. Do total de 43 países o Brasil ocupou a penúltima posição, 42.º lugar; essa foi a pior colocação do país ao longo da história (IPC, 2015; CPB, 2015).

O quadro abaixo mostra a participação de atletas brasileiros em provas individuais. Acredita-se que os demais atletas tenham composto a equipe de basquetebol em cadeira de rodas, os quais não são identificados nos registros do Comitê Paralímpico Internacional.

Quadro 3: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1980.			
Atleta	Modalidades (classe)	Atleta	Modalidades (classe)
Joel do Nascimento	✓ 800 m em cadeira de rodas (5)	Olavo da Silva Neto	✓ 100 m nado costas (4)
			✓ 100 m nado peito (4)
			✓ 100 m nado livre (4)
			✓ 25 m nado borboleta (4)

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC (2015).*

O texto a seguir foi publicado pela *Folha de São Paulo* e apenas noticiou o evento de 1980, sem mencionar ou destacar a participação dos atletas brasileiros:

Figura 40: Divulgação dos Jogos Paralímpicos de 1980. Publicado em 20 de janeiro de 1980 no jornal *Folha de São Paulo*, página 5.

Paraplégicos têm a sua Olimpíada

Um mês antes dos Jogos de Moscou, serão realizados na Holanda os Jogos Olímpicos dos Deficientes Físicos, um torneio que reunirá cerca de 2.000 esportistas de 42 países de 17 a 30 de Junho. Seriam 43 os países participantes, não fosse a negativa das autoridades holandesas, que não permitirão a presença dos atletas da África do Sul.

Nem mesmo a promessa dos sul-africanos de enviar uma equipe integrada também por atletas negros fez os holandeses mudarem de ideia. A equipe da Holanda, por sinal, vai ser a mais numerosa, contando com a participação de 158 atletas, já a Etiópia enviará somente um representante à competição.

Fonte: Acervo digital *Folha de São Paulo*.

Em 1984, o Brasil já havia criado a Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC) e, também, a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR). Esse era um indicativo de que no país já havia diversos praticantes de esporte adaptado e que eles já começaram a se organizar em associações de acordo com as diretrizes internacionais (ARAÚJO, 2011).

Portanto, para os Jogos Paralímpicos de 1984, que foi separada em dois locais e períodos diferentes, o Brasil enviou duas delegações: uma para Stoke Mandeville, com os atletas que competiriam em modalidades em cadeira de rodas, e outra para Nova York, com os atletas com deficiência visual, amputados, com paralisia cerebral e *les autres*, totalizando 31 atletas (IPC, 2015).

A seguir apresentamos o quadro de atletas que participaram dos Jogos Paralímpicos de 1984, com considerável ampliação no número de atletas:

Quadro 4: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1984.			
Atleta	Modalidades (classe)	Atleta	Modalidades (classe)
Ronaldo José Brito	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (C7) ✓ 200 m (C7) ✓ 400 m (C7) ✓ Lançamento de dardo (C7) ✓ Salto em distância (C7) 	Sulimar Esperança	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (C7) ✓ 200 m (C7) ✓ 400 m (C7) ✓ <i>Cross country</i> 1.000 m (C7) ✓ Arremesso de peso (C7)
Miracema Ferraz	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (1C) ✓ 100 m (1A) ✓ 200 m (1A) ✓ 400 m (1A) ✓ 800 m (1A) ✓ Lançamento de disco (1B) ✓ Lançamento de dardo (1B) ✓ Arremesso de peso (1A) ✓ <i>Slalom</i> (1B) 	Antônio Saulo Garcia	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (C5) ✓ <i>Club throw</i> (C6) ✓ <i>Cross country</i> 1.000 m (C6) ✓ Lançamento de disco (C6) ✓ Arremesso de peso (C6)
Antônio Figueiredo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>Club throw</i> (C6) ✓ Lançamento de dardo (C6) 	Jorge Graciano	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (3)
O. Lucas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (4) ✓ 800 m (4) ✓ 1.500 m (4) ✓ 5.000 m (4) 	Márcia Malsar	<ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>Club throw</i> (C6) ✓ Lançamento de dardo (C6) ✓ <i>Cross country</i> 1.000 m (C6) ✓ 60 m (C6) ✓ 200 m (C6)
Marcos Mello	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 400 m (C6) ✓ 60 m (C6) ✓ <i>Cross country</i> 1.000 m (C6) ✓ Lançamento de disco (C6) ✓ Salto em distância (C7) 	Luiz Cláudio Pereira	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Lançamento de disco (1C) ✓ Lançamento de dardo (1C) ✓ Arremesso de peso (1C) ✓ <i>Slalom</i> (1C) ✓ Pentatlo (1C)
Amintas Piedade	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Lançamento de disco (1C) ✓ Lançamento de dardo (1C) ✓ Arremesso de peso (1C) ✓ <i>Slalom</i> (1C) 	Sérgio Ribeiro	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 200 m (C7) ✓ 400 m (C7) ✓ <i>Cross country</i> 1.500 m (C7) ✓ Salto em distância (C7)
Paulo Roberto	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 200 m (5) 	P. Robinson	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 5.000 m (5)
Claudionor Santos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 400 m (C6) ✓ Lançamento de dardo (C6) ✓ Arremesso de peso (C6) ✓ <i>Cross country</i> 1.000 m (C6) ✓ <i>Club throw</i> (C6) 	Iranilson Oliveira da Silva	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (5) ✓ 200 m (5) ✓ 400 m (5) ✓ Arremesso de peso (5) ✓ Lançamento de disco (5)
J. Silva	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 400 m (2) ✓ 800 m (2) ✓ 1.500 m (2) ✓ 5.000 m (2) ✓ <i>Slalom</i> (2) 	Claudio Sylva	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (C8) ✓ 200 m (C8) ✓ 800 m (C8) ✓ <i>Cross country</i> 1.500 m (C8) ✓ Salto em distância (C7) ✓ Salto em distância (C8)
Sérgio Dias	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1.500 m (B3) ✓ 400 m (B3) ✓ 5.000 m (B3) ✓ 800 m (B3) 	Guaracy Fernandes	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1.500 m (B3) ✓ 400 m (B3) ✓ 100 m (B3) ✓ 800 m (B3) ✓ Salto em distância (B3)
Mário Sérgio Fontes	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 100 m (B1) ✓ 400 m (B1) ✓ 800 m (B1) ✓ Salto em distância (B1) 	Anelise Hermany	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1.500 m (B2) ✓ 400 m (B2) ✓ 100 m (B2) ✓ 800 m (B2) ✓ Salto em distância (B2)
Fernando Lauriano	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1.500 m (B1) ✓ 400 m (B1) ✓ 100 m (B1) ✓ 800 m (B1) 	Edson L. Silva	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1.500 m (B2) ✓ 400 m (B2) ✓ 5.000 m (B2) ✓ 800 m (B2)

	✓ 5.000 m (B1)		✓
Marcelo Amorim	✓ 100 m livre (5) ✓ 100 m costas (5) ✓ 100 m peito (5) ✓ 4x50 m individual <i>medley</i> (5)	Irapuã Coelho	✓ 100 m peito (A2) ✓ 100 m borboleta (A2) ✓ 100 m livre (A2) ✓ 400 m livre (A2) ✓ 200 m individual <i>medley</i> (A2)
Maria Jussara Mattos	✓ 400 m livre (6) ✓ 4x50 m individual <i>medley</i> (6) ✓ 100 m livre (6) ✓ 100 m peito (6)	A. Silva	✓ 100 m livre (1C) ✓ 100 m peito (1C)
Eduardo Wanderley	✓ 100 m livre (1C) ✓ 25 m livre (1C)		

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

De acordo com Parsons e Winckler (2012) e IPC (2015), nessa edição dos jogos, o Brasil teve um desempenho muito bom, trouxe de Nova York seis medalhas, com as atletas Anelise Hermany (3) e Márcia de Fátima Vieira Malsar (3). E de Stoke Mandeville, dos jogos em cadeira de rodas, foram 22 medalhas com os atletas: Amintas Piedade (4), Jorge Graciano (1), Luiz Cláudio Alves Pereira (4), Maria Jussara Mattos (3), Miracema Ferraz da Silva (6) e Marcelo Amorim (4), totalizando 28 medalhas, até então o melhor desempenho do Brasil, que ocupou a 24.^a posição de uma média de 45 países participantes em cada evento. As medalhas foram conquistadas nas modalidades atletismo e natação.

Esse último resultado foi expressivo para o país, estimulou o desenvolvimento do esporte e ampliou a participação de atletas; assim, para a organização das delegações de 1988 e 1992, constituiu-se uma “Comissão Paradesportiva Brasileira”, pois as associações não poderiam, por lei, constituir um único órgão diretivo. Essa comissão foi composta por membros representantes do governo federal, Secretaria Especial de Educação a Distância, do Ministério da Educação (SEED/MEC), da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) e pelos representantes das associações desportivas ANDE, ABRADCAR e ABDC (PARSONS e WINCKLER, 2012).

2.4 Participações brasileiras nos Jogos Paralímpicos de Verão: 1988 e 1992

Em 1988, em Seul, na Coreia do Sul, o Brasil levou uma delegação de 55 atletas, que trouxeram 27 medalhas, deixando o Brasil em 25.^o lugar de 61 países participantes. As

medalhas foram nas modalidades: atletismo, judô e natação. E os atletas medalhistas foram: Márcia de Fátima Vieira Malsar (1), Luiz Cláudio Alves Pereira (4), Anelise Hermany (2), Maria Jussara Mattos de Oliveira (2), Graciana Moreira Alves (3), Ádria dos Santos (2), César Antônio Gualberto (1), Elmo Ribeiro Junior (1), Carlos Roberto Sestrem (1), Iranilson Oliveira da Silva (1), Jaime de Oliveira (1), Júlio Silva (1), Leonel Cunha Moraes Filho (1), Leandro Ramos Santos (1), Sebastião Antônio da Costa Neto (1), Fábio Ricci (3) e Cláudio Nunes Silva (1) (IPC, 2015).

Ainda, de acordo com o Comitê Internacional, o judô brasileiro pela primeira vez competiu em uma Paralimpíada, e logo nessa estreia três medalhas foram conquistadas.

Os atletas brasileiros que participaram da edição de 1988 seguem descritos no quadro abaixo:

Quadro 5: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1988.			
Atleta	Modalidades (classe)	Atleta	Modalidades (classe)
Luiz Cláudio Pereira	✓ Lançamento de disco (1C) ✓ Lançamento de dardo (1C) ✓ Arremesso de peso (1C) ✓ Pentatlo (1C)	Aloísio Antunes da Silva	✓ Lançamento de dardo (1C) ✓ Lançamento de disco (1C) ✓ Arremesso de peso (1C) ✓ Pentatlo (1C)
Paulo Cesar Regal Castro	✓ 100 m (C2) ✓ <i>Kickball</i> (C2)	Sônia Soares Souza	✓ 100 m (5-6) ✓ 200 m (5-6) ✓ 400 m (5-6)
Marlene Sudário	✓ 100 m (4) ✓ 200 m (4) ✓ <i>Slalom</i> (4)	João Luiz da Silva	✓ <i>Slalom</i> (2) ✓ Basquetebol em cadeira de rodas
Maria da Silva Nascimento	✓ 100 m (5-6) ✓ 200 m (5-6) ✓ 400 m (5-6)	Ronaldo José Brito	✓ 200 m (C7)
Claudio Nunes Silva	✓ Lançamento de dardo (C6)	Márcia Malsar	✓ 100 m (C6)
Antônio Carlo Mattos	✓ 200 m (C4-5)	Sérgio Ribeiro	✓ 200 m (C7)
Amintas Piedade	✓ Lançamento de disco (1C) ✓ Lançamento de dardo (1C) ✓ Arremesso de peso (1C)	Sebastião Antônio da Costa Neto	✓ 100 m (C6) ✓ Lançamento de dardo (1C) ✓ Arremesso de peso (1C)
Claudionor Francisco Santos	✓ 100 m (C6) ✓ 200 m (C6) ✓ <i>Cross country</i> 3.000 m (C6)	Iranilson Oliveira da Silva	✓ 100 m (5-6) ✓ 200 m (5-6) ✓ 800 m (5-6) ✓ 1.500 m (5-6) ✓ Lançamento de disco (5) ✓ Pentatlo (5) ✓ Basquetebol em cadeira de rodas
Sérgio Dias	✓ 1.500 m (B3)	Anelise Hermany	✓ 400 m (B2) ✓ 800 m (B2)

Mário Sérgio Fontes	✓ 400 m (B1)	Demétrio Vieira Silva	✓ 1.500 m (B2)
Vera Luiza Bergamo	✓ 400 m (B1)	Irani Sily Filho	✓ 100 m (B3) ✓ 400 m (B3)
César Antônio Gualberto	✓ 400 m (B1) ✓ 800 m (B1)	Leila Marques	✓ 400 m (B3) ✓ 800 m (B3)
Robson Moura Pedro	✓ Salto em altura (B3)	Elmo Ribeiro	✓ 100 m (B2) ✓ 400 m (B2) ✓ Pentatlo (B2)
Ádria Santos	✓ 100 m (B2) ✓ 400 m (B2)	Carlos Roberto Sestrem	✓ 5.000 m (B1) ✓ Maratona (B1)
José Simão Stezduskoski	✓ Judô – até 86 kg	Antônio de Barros	✓ Salto em altura (B3) ✓ Salto triplo (B3)
Júlio Silva	✓ Judô – até 65 kg	Jaime de Oliveira	✓ Judô – até 60 kg
Leonel Cunha Moraes Filho	✓ Judô – acima de 95 kg	José Roberto Simões	✓ Judô – até 71 kg
Marcelo Amorim	✓ 100 m livre (6) ✓ 100 m costas (6) ✓ 100 m borboleta (6) ✓ 200 m individual <i>medley</i> (6) ✓ 400 m livre (6)	Mauro Bernardo Oliveira	✓ 50 m peito (2) ✓ 25 m borboleta (2) ✓ 200 m livre (2) ✓ 50 m costas (2) ✓ 50 m livre (2) ✓ 100 m individual <i>medley</i> (2)
Maria Jussara Mattos	✓ 100 m costas (6) ✓ 100 m peito (6) ✓ 100 m livre (6) ✓ 100 m borboleta (6) ✓ 400 m livre (6) ✓ 200 m individual <i>medley</i> (6)	Graciana Moreira Alves	✓ 100 m costas (6) ✓ 100 m peito (6) ✓ 100 m livre (6) ✓ 100 m borboleta (6) ✓ 400 m livre (6) ✓ 200 m individual <i>medley</i> (6)
Eduardo Wanderley	✓ 100 m livre (1B) ✓ 75 m individual <i>medley</i> (1B) ✓ 50 m livre (1B) ✓ 25 m costas (1B) ✓ 25 m peito (1B) ✓ 25 m borboleta (1B)	Leandro Ramos	✓ 100 m costas (L6) ✓ 100 m peito (L6) ✓ 100 m livre (L6) ✓ 100 m borboleta (L6) ✓ 400 m livre (L6) ✓ 200 m indiv. <i>medley</i> (L6)
Roberto Ramos	✓ 100 m costas (5) ✓ 100 m livre (5) ✓ Basquetebol em cadeira de rodas	Ricardo Nascimento	✓ 50 m costas (2) ✓ 50 m peito (2) ✓ Basquetebol em cadeira de rodas
Fábio Ricci	✓ 25 m costas (1C) ✓ 25 m peito (1C) ✓ 50 m livre (1C) ✓ 100 m livre (1C)	Paulo Cesar Marinho Fernandes	✓ Tênis de mesa – individual (3) ✓ Basquetebol em cadeira de rodas
Mario Lucio Câmara Pires	✓ Tênis de mesa – individual (3)	Keiki Shimo-maebara	✓ Tênis de mesa – individual (3)
Edson Costa Ferraz	✓ Basquetebol em cadeira de rodas	Celso Antônio Lima	✓ Basquetebol em cadeira de rodas
Carlos Alberto Lobo	✓ Basquetebol em cadeira de rodas	Kennedy Martins de Souza	✓ Basquetebol em cadeira de rodas
Roberto Carlos Fonte Pimenta	✓ Basquetebol em cadeira de rodas	Gilberto Lemes Silva	✓ Basquetebol em cadeira de rodas

Elizeu Ferreira da Silva	✓ Basquetebol em cadeira de rodas		
---------------------------------	-----------------------------------	--	--

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

E, finalmente, para os Jogos Paralímpicos de Barcelona de 1992, o Brasil reduziu o número de atletas da delegação, foram 39 atletas, que participaram nas modalidades atletismo, ciclismo, futebol de sete, judô, natação e tênis de mesa. Pela primeira vez, o país não participou com a equipe de basquetebol em cadeira de rodas, e a única modalidade coletiva foi o estreante futebol de sete; além dessa modalidade, o ciclismo também foi estreado pelo Brasil (IPC, 2015).

Quadro 6: Participação dos atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos em 1992.			
Atleta	Modalidades (classe)	Atleta	Modalidades (classe)
Luiz Cláudio Pereira	✓ Lançamento de disco (THW5) ✓ Lançamento de dardo (THW4) ✓ Arremesso de peso (THW4)	Júlio Gomes	✓ Lançamento de dardo (THW7) ✓ Lançamento de disco (THW7) ✓ Arremesso de peso (THW7)
Jadir Antunes	✓ 100 m (TW4) ✓ 200 m (TW4)	Suely Guimaraes	✓ Lançamento de dardo (THW7) ✓ Lançamento de disco (THW7) ✓ Arremesso de peso (THW7)
Lia Pereira	✓ 100 m (TW4) ✓ 200 m (TW4)	Iranilson Oliveira da Silva	✓ 100 m (TW4) ✓ 200 m (TW4)
Ignácio Ricardo	✓ Salto em distância (J2)	Márcia Malsar	✓ 100 m (C5-6)
Cláudio Nunes da Silva	✓ 400 m (C6) ✓ 5.000 m (C5>8) ✓ <i>Club throw</i> (C6) ✓ Lançamento de dardo (C6)	Sebastião Antônio da Costa Neto	✓ Arremesso de peso (C6) ✓ <i>Club throw</i> (C6) ✓ Futebol de sete
Rivaldo Martins	✓ Ciclismo de estrada – Road (LC2)	Ronaldo Brito	✓ Futebol de sete
Jorge Henrique	✓ Futebol de sete	Phelipe Pires	✓ Futebol de sete
Anderson Santos	✓ Futebol de sete	Marcos da Costa	✓ Futebol de sete
Cláudio Nunes da Silva	✓ Futebol de sete	Marcos de Moraes	✓ Futebol de sete
Sidnei de Oliveira	✓ Futebol de sete	Daniel do Carmo	✓ Futebol de sete
C. dos Santos	✓ Futebol de sete	W. Rodrigues	✓ 200 m (B1)
Leila Marques	✓ 100 m (B3) ✓ 200 m (B3)	Ádria Santos	✓ 100 m (B2) ✓ 200 m (B2)
Alessandro de Oliveira	✓ Judô – até 71 kg	Leonel Cunha Moraes Filho	✓ Judô – acima de 95 kg

Maurício de Oliveira	✓ Judô – até 65 kg	Arlindo Tinoco	✓ Judô – até 86 kg
Genezi Alves	✓ 100 m livre (S3) ✓ 50 m peito (SB2) ✓ 50 m livre (S3) ✓ 50 m costas (S3)	Ana Berthier	✓ 100 m livre (S3-4) ✓ 50 m peito (SB2) ✓ 50 m livre (S3) ✓ 50 m costas (S3-4)
Ivanildo Vasconcelos Alves	✓ 100 m costas (S6) ✓ 100 m peito (S6) ✓ 100 m livre (S6) ✓ 200 m livre (S6) ✓ 50 m borboleta (S6) ✓ 50 m livre (S6) ✓ 200 m <i>medley</i> (SM5)	Graciana Moreira Alves	✓ 100 m costas (S9) ✓ 100 m peito (SB8) ✓ 100 m livre (S9) ✓ 100 m borboleta (S9) ✓ 50 m livre (S9) ✓ 200 m <i>medley</i> (SM9) ✓ 4x100 m livre (S7-10)
Rildene Fiemino	✓ 100 m costas (S6) ✓ 100 m peito (SB4) ✓ 100 m livre (S6) ✓ 200 m livre (S6) ✓ 50 m borboleta (S6) ✓ 50 m livre (S6) ✓ 4x100 m livre (S7-10)	Rivaldo Martins	✓ 100 m borboleta (S10) ✓ 100 m livre (S10) ✓ 400 m livre (S10) ✓ 50 m livre (S10) ✓ 4x100 m livre (S7-10) ✓ 4x100 m <i>medley</i> (S7-10)
Maria Jussara Matos	✓ 100 m costas (S9) ✓ 100 m livre (S9) ✓ 100 m borboleta (S9) ✓ 50 m livre (S9) ✓ 200 m <i>medley</i> (SM9) ✓ 4x100 m livre (S7-10)	José Arnulfo Medeiros	✓ 100 m borboleta (S8) ✓ 400 m livre (S8) ✓ 100 m livre (S8) ✓ 50 m livre (S8) ✓ 200 m <i>medley</i> (SM7) ✓ 4x100 m livre (S7-10) ✓ 4x100 m <i>medley</i> (S7-10)
Claudia Paulino	✓ 100 m costas (S8) ✓ 100 m peito (S8) ✓ 100 m borboleta (S8) ✓ 100 m livre (S8) ✓ 400 m livre (S8) ✓ 50 m livre (S8) ✓ 200 m <i>medley</i> (SM6-7) ✓ 4x100 m livre (S7-10)	Gledson Soares	✓ 100 m costas (S8) ✓ 100 m peito (SB6) ✓ 100 m borboleta (S8) ✓ 100 m livre (S8) ✓ 400 m livre (S8) ✓ 50 m livre (S8) ✓ 200 m <i>medley</i> (SM8) ✓ 4x100 m livre (S7-10) ✓ 4x100 m <i>medley</i> (S7-10)
Eduardo Wanderley	✓ 100 m livre (S4) ✓ 150 m <i>medley</i> (SM3) ✓ 50 m livre (S4) ✓ 50 m costas (S4) ✓ 50 m peito (SB2) ✓ 50 m borboleta (S3-4)	Mauro de Oliveira	✓ 100 m peito (SB3) ✓ 100 m livre (S6) ✓ 200 m livre (S6) ✓ 50 m borboleta (S6) ✓ 50 m livre (S6) ✓ 200 m <i>medley</i> (SM5)
Irapuan de Souza	✓ 100 m costas (S9) ✓ 100 m peito (SB8) ✓ 100 m borboleta (S9) ✓ 4x100 m livre (S7-10) ✓ 4x100 m <i>medley</i> (S7-10) ✓ 50 m livre (S9)	Keiki Shimomaebara	✓ Tênis de mesa – individual (3)

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Nessa edição, a conquista de medalhas caiu bruscamente: de 27 medalhas, em Seul, o Brasil caiu para apenas sete medalhas, em Barcelona, as quais foram conquistadas pelos atletas: Luiz Cláudio Alves Pereira (1), Eduardo Ferreira Wanderley (1), Ádria dos

Santos (1), Sebastião Antônio da Costa Neto (1), Suely Guimarães (1), Genezi Alves de Andrade (1) e Ivanildo Alves Vasconcelos (1).

Um fato ocorrido nessa edição influenciou nessa queda do número de medalhas. Segundo Bailey (2008) a mudança no sistema de classificação dos atletas, que saiu da classificação médica para funcional, implicou também de forma considerável na redução do número de provas, o que reduziu a possibilidade de conquista de medalhas. Possivelmente pela mudança de classe, atletas que ganharam três medalhas em Seul, nessa edição, não conseguiram nenhuma. No caso do Brasil, destacamos o inverso: o atleta Eduardo Ferreira Wanderley que conquistou sua primeira medalha nesse ano, pode ter sido beneficiado pela equiparação das disputas, ocasionada pelo novo método de classificação.

3.0 ASSOCIAÇÕES DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO

A primeira instituição de gestão do esporte paralímpico foi criada em 18 de agosto de 1975, a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais (ANDE), atual ANDE – Associação Nacional de Desporto de Deficientes. Naquele período a associação tinha a função de agregar e organizar os esportes praticados por atletas com qualquer tipo de deficiência e responder internacionalmente pelos atletas brasileiros. Essa associação foi criada por estímulo da *International Stoke Mandeville Games Federation*, pois até aquele momento o Brasil tinha participado de competições através de ações dos clubes (CPB, 2015; ANDE; 2015).

De acordo com Sheid e Rocha (2012), atualmente a ANDE é responsável pelas modalidades bocha e futebol de sete, ambas para atletas com deficiência física.

No levantamento de dados realizado para esse estudo foi descoberta uma publicação sobre a fundação de um Comitê Paralímpico Brasileiro no ano de 1965, contudo não se encontrou nessa pesquisa nenhum documento oficial de registro ou atividades desenvolvidas por esse comitê.

Figura 41: Notícia de fundação de um Comitê Paralímpico Brasileiro. Publicado em 26 de julho de 1965, no jornal *O Globo*, Matutina, Esportes, página 3.



Fonte: Acervo digital *O Globo*.

Alguns anos mais tarde, em 19 de janeiro de 1984, em uma sessão do Conselho Nacional de Desportos – CND fundou-se a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC), uma entidade de administração nacional do desporto, sem fins lucrativos, que congrega associações e atletas com deficiência visual e tem os seguintes objetivos: massificar a prática esportiva para esse público; desenvolver o desporto de rendimento; fomentar e desenvolver o desporto escolar; garantir e exercer a representatividade nacional e internacional; contribuir na formação do atleta cidadão; envolver a família e a sociedade em geral; qualificar profissionais das áreas técnicas administrativas; e divulgar o desporto praticado por atletas cegos e deficientes visuais (ARAÚJO, 2011).

A criação dessa confederação foi estimulada pelos diversos grupos e instituições que já desenvolviam o esporte para pessoas com deficiência visual. Mais tarde essa instituição passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Desporto para Cegos (CBDC). Hoje a Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Visuais (CBDV) é responsável pela gestão das modalidades *goalball*, futebol de cinco e judô (PARSONS e WINCKLER, 2012).

Nesse mesmo ano, em 9 de dezembro, foi fundada a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR), mas essa instituição só foi reconhecida como entidade nacional dirigente do desporto em 30 de setembro de 1987, após criação de regionais. A associação tinha por finalidade ser a representante do desporto em cadeira de rodas diante das entidades internacionais; difundir o desporto em cadeira de rodas; coordenar as atividades de suas filiadas; promover e dirigir competições e campeonatos nacionais; e facilitar o progresso técnico e material de suas filiadas (ARAÚJO, 2011). Hoje a instituição não tem mais representatividade nacional, pois foi desfilhada do Comitê Paralímpico Brasileiro, ficando este órgão responsável pela gestão das modalidades que eram geridas pela ABRADECAR (CPB, 2015).

Outra associação, criada no dia 17 de maio de 1989, foi a Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais (ABDEM), contudo só se tornou um órgão representativo nacional após criação do seu próprio estatuto, em agosto de 1995, pois até então existia uma dependência da Federação Nacional das APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). A entidade coordena o desporto para deficientes intelectuais, representando o país no Comitê Paralímpico Brasileiro e entidades internacionais (ARAÚJO, 2011; CPB, 2015).

Em 1990, a Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA) foi fundada em 24 de agosto e reconhecida como associação dirigente do desporto nacional em 1991. De acordo com Araújo (2011), seus objetivos são: dirigir o desporto para amputados no país; promover e dirigir competições nacionais; representar internacionalmente o desporto para amputados; e facilitar o desenvolvimento técnico e material de suas filiadas.

Portanto, antes da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro, essas eram as instituições que geriam o esporte paralímpico no país, promovendo as modalidades e competições, representando o Brasil internacionalmente nas entidades esportivas e viabilizando a participação das delegações brasileiras em competições internacionais, especialmente nos Jogos Paralímpicos. E mais tarde representantes dessas instituições participaram da fundação do Comitê Nacional.

A criação da ANDE e das demais associações no período foram de suma importância para o desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência. A reportagem do jornal *O Globo* mostra como essas foram importantes, principalmente por conseguirem apoio governamental.

Figura 42: Reportagem sobre a importância das instituições gestoras do esporte. Publicada em 26 de setembro de 1989, no jornal *O Globo*, Matutina, página 31.

Ande integra 27 clubes em todo o Brasil

Segundo Aldo Miccolis, a Ande foi criada dentro de um avião, quando a equipe brasileira regressava do 5º Jogos Panamericanos em cadeiras de rodas, no México, em 1975. Ele diz que, na época, a intenção do Brasil, era sediar os jogos do ano seguinte. A idéia foi então levada à Federação Panamericana que, em contrapartida, exigiu que fosse criada no País uma associação nacional de excepcionais que representasse todos os clubes e instituições dessa natureza.

— A Ande só foi reconhecida oficialmente pelo CND (Conselho Nacional de Des-

portos), em 1977, e os jogos só puderam ser realizados no Brasil em 1978 — conta Aldo.

Até a criação da Ande, que hoje integra 27 clubes em todo o Brasil, o esporte para deficientes não contava com qualquer apoio governamental. Atualmente, as quatro associações nacionais recebem uma verba oficial para organizarem suas programações de jogos.

Aldo acrescenta ainda que uma das pessoas que mais colaborou com a entidade foi o advogado Robson Sampaio de Almeida, que já havia criado, em 1958, o Clube do Otimismo com o

objetivo de integrar os deficientes na sociedade. Robson ficou paraplégico devido a um acidente que sofreu quando vivia nos Estados Unidos, par a onde havia ido estudar e trabalhar em uma fábrica de papel do Texas.

— Ele se acidentou justamente no dia de seu aniversário. Estava na fábrica de papel do Texas.

— Ele se acidentou justamente no dia de seu aniversário. Estava manobrando um trator quando uma bobina de papel caiu sobre seu corpo. Ao voltar para o Brasil resolveu fundar uma instituição destinada à paraplégicos — comenta,

De acordo com Bailey (2008), já nos jogos de 1992 havia uma movimentação dos países e das delegações, instigados pelas organizações mundiais, para que fossem formados os comitês paralímpicos nacionais, especialmente em virtude da constituição do Comitê Paralímpico Internacional em 1989.

Diante desse movimento internacional e das dificuldades encontradas no país para organização das delegações, gestão e difusão do esporte paralímpico, em 5 de fevereiro de 1995 foi fundado o Comitê Paralímpico Brasileiro. Nessa ocasião João Batista de Carvalho e Silva foi indicado presidente e esteve à frente desse órgão por cinco anos (1995-2000), sendo sucedido por Vital Severino Neto, eleito e reeleito (2001-2009), e, atualmente, é presidido pelo presidente reeleito Andrew George William Parsons (2010-2017) (CPB, 2015).

Desde então, a organização e a gestão do esporte no país ficaram a cargo desse comitê, que tem como filiadas as principais instituições de representatividade do paradesporto para auxiliá-lo. E muitas mudanças e evoluções podem ser percebidas nos quesitos difusão, desenvolvimento, recursos financeiros e conquistas de medalhas.

4.0 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Os participantes eleitos para serem depoentes deste estudo foram os atletas pioneiros do esporte paralímpico que conquistaram medalhas de grande importância para o país, especialmente por terem sido conseguidas no período inicial desse movimento esportivo, em que existiam muitos obstáculos e poucas oportunidades.

Embora tenham alcançado grandes feitos no esporte representando o país, a maioria teve pouco reconhecimento por suas medalhas e nenhuma remuneração por essas conquistas no período estudado. Alguns ainda mantêm algum tipo de envolvimento com o esporte paralímpico, seja como técnico, gestor, dirigente ou atleta de diferentes níveis, mas a maioria não.

Essas pessoas estão vivendo em oito diferentes estados brasileiros, e houve grande dificuldade para contatá-los, uma vez que o Comitê Paralímpico Brasileiro, órgão responsável pelo esporte, não possuía contato ou sabia da localização da maioria desses atletas, pelo fato de suas vidas esportivas terem acontecido antes da criação do CPB.

Dessa forma grande esforço foi feito na tentativa de localizar esses participantes. A primeira ação foi uma busca detalhada no *Google* com os nomes dos atletas, o que converteu principalmente em reportagens, citações sobre a conquista das medalhas ou outras publicações que não levavam ao contato direto dessas pessoas. Mas uma importante conversão foi o direcionamento para perfis da rede social *Facebook*, na qual foram encontrados dez atletas e a filha de um deles. Automaticamente essas pessoas receberam um convite de amizade na rede social com uma mensagem explicativa do motivo do contato e, quando retornaram positivamente aos convites, foram inseridos em um grupo fechado da mesma rede social chamado “Medalhistas Paralímpicos de 1976 a 1992”, criado pela pesquisadora.

Tendo em vista o sucesso dessa busca, foi publicada na página do *Facebook* chamada Memória Paralímpica, que incentiva o resgate da memória do esporte, a intenção da pesquisa e os nomes dos atletas que ainda estavam sendo buscados. A partir daí várias pessoas colaboraram com informações sobre local onde as pessoas trabalhavam, instituição da qual o atleta fazia parte e treinava, contato de uma terceira pessoa que poderia indicar a localização do atleta, telefones de contatos diretos, informações de falecimento e cidades em que os

atletas viviam. Esses colaboradores também foram inseridos no grupo fechado da pesquisadora, em que continuou a troca de informações.

De posse desses novos dados, ainda vagos, uma nova busca foi feita, principalmente com telefonemas, e nove atletas foram encontrados e convidados a participarem da pesquisa em um momento posterior que seria agendado. Todos prontamente tiveram interesse e relataram um sentimento de importância por estarem sendo procurados. Então, já com a localização e primeiro contato de 19 atletas, foi estabelecido um roteiro de viagens para realização das entrevistas.

O Rio de Janeiro foi o primeiro estado escolhido para o início da coleta, com seis entrevistas agendadas nas cidades de Magé, Rio Bonito e Rio de Janeiro, mas com o sucesso de ter conseguido o contato de mais uma atleta que se encontrava no Rio de Janeiro, realizando assim sete entrevistas. Em seguida o destino foi a cidade de Goiânia, Goiás, onde foram entrevistados quatro atletas.

Depois foi o momento de realizar as entrevistas no sul do país, passando pelas cidades de Curitiba, Maringá e São José dos Pinhais, no Paraná, fazendo quatro entrevistas. Em Santa Catarina, na cidade de Joinville, estavam previstas duas entrevistas, sendo que uma foi desmarcada momentos antes por motivos pessoais do atleta, mas que posteriormente cedeu sua entrevista por telefone.

Após o sul do país, o destino foi o nordeste, na cidade de Recife, Pernambuco, onde foram realizadas duas entrevistas, seguidas pela entrevista de um atleta de Natal, mas que foi realizada em São Paulo, pelo fato de o atleta estar em uma competição nessa cidade.

E a última entrevista desse ciclo foi realizada com uma atleta em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, completando assim 21 entrevistas. Porém faltava encontrar dois atletas que ainda não haviam sido localizados, um deles o único representante dos Jogos Paralímpicos de 1976.

Logo esse atleta foi localizado, mas em contato telefônico sua esposa afirmava que ele não queria participar, isso depois de várias tentativas e conversas por intermédio da esposa, pois ele não manteve contato com a pesquisadora. Alguns meses depois, por intermédio de um ex companheiro de equipe do basquetebol em cadeira de rodas, e que não faz parte do universo dos participantes, o atleta optou por participar do estudo. Então outra viagem foi feita ao Rio de Janeiro para entrevistá-lo.

E por último, através do resultado de um edital disponível na internet e contato com o setor de recursos humanos da empresa, foi possível localizar o último atleta, que estava na cidade de Uberaba, em Minas Gerais. Depois do contato com o atleta, ele aceitou participar do estudo concedendo a entrevista.

Após todas as entrevistas, outros familiares e atletas foram inseridos no grupo de medalhistas, muitos que não se falavam há anos retomaram contato, e o grupo é ainda o meio de comunicação entre pesquisadora e participantes que acompanharam a evolução da pesquisa.

5.0 MÉTODO

Este estudo foi de natureza qualitativa que, de acordo com Thomas e Nelson (2002), envolve em seus métodos observação de campo, estudos de caso, etnografia e relatos narrativos. Ainda tem como característica significativa o conteúdo interpretativo.

Os autores complementam declarando que esse tipo de pesquisa busca a compreensão do significado para os participantes de uma experiência em um ambiente específico e de que maneira os componentes formam o todo. Para tal, o pesquisador deve estar apto a entrevistar os participantes no tempo e local apropriados, uma vez que esses indivíduos são as fontes de levantamento de dados.

Minayo (2001) nos mostra que a pesquisa qualitativa está focada em um universo de significados, motivos, desejos, valores, crenças e atitudes, por isso requer um aprofundamento na análise das relações e dos fenômenos, que não podem ser medidos por variáveis.

Portanto, para este estudo qualitativo de caráter descritivo, exige-se do investigador diversas informações sobre o que deseja pesquisar. Para Triviños (1987) este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Neste tipo de estudo, “o pesquisador centra seu interesse no registro e análise das formas de relações que o sujeito ou grupos de sujeitos estabelecem com o mundo ao seu redor num âmbito micro ou macro ou consigo mesmo” (BRISOLA e MARCONDES, 2011).

Como método para este estudo, adotamos a história oral, especificamente com a técnica do depoimento oral (MEIHY, 2005; VON SIMSON, 1996). Para Schiavon (2009, p. 134), “no depoimento oral, o pesquisador propõe um tema para organizar o relato de vida das pessoas que serão estudadas”. Neste estudo, o foco da pesquisa é a história do indivíduo como atleta paralímpico.

De acordo com Von Simson (2006), é importante que o pesquisador tenha conhecimento prévio sobre a realidade a ser pesquisada, pois dessa forma sua atuação será melhor e também a qualidade do depoimento.

A história oral é a metodologia que se vale da memória de informantes selecionados para reconstituir oralmente e registra-se por audiogravação ou filmagem, aspectos do passado não contidos em outros suportes (VON SIMSON, 1996; BOSI, 2003). Optou-se, então, por essa metodologia baseada na identificação da insuficiência de documentos e referências (MEIHY, 2005; VON SIMSON, 1996). Assim as pessoas que viveram a história podem contribuir com informações valiosas para o registro e a constituição do esporte paralímpico no país, por meio de seus depoimentos orais.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Com as narrativas provenientes desses depoimentos, foi possível contemplar uma subjetividade comum às histórias orais, indo ao encontro das ideias de Bosi (2003), que afirma que, ao recuperarmos a memória em um discurso de história de vida, podemos captar as idiossincrasias do indivíduo e da sua cultura, em uma instância que trata das paixões individuais – e que documentos próprios de outros métodos de investigação não alcançam.

E, embora essas narrativas estejam entranhadas de subjetividade, para Joutard (1998) isso não significa abandonar ou rejeitar as regras de uma abordagem científica, ou seja, fazem-se necessárias crítica e adoção de uma perspectiva, confrontando-as com outras fontes.

Assim, se há uma potência na narrativa oral, ela reside em mais do que a linearidade sugerida pelo documento oficial, está em mostrar “a complexidade do acontecimento”. Trata-se de uma “via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da história com a vida cotidiana (...). A fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” (BOSI, 2003, p. 20).

Para Matos e Senna (2011), as diferentes narrativas se complementam, não são fontes excludentes e não se configuram também como meros sustentáculos das formas escritas tradicionais, pois têm sua constituição interna e utilidade inerente.

Como cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica. Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção

verdadeira do real, emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção, está, de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação (MATOS e SENNA, 2011, p. 98).

5.1 Participantes da pesquisa

No período de 1976 a 1992, os atletas brasileiros conquistaram o total de 64 medalhas, sendo elas ouro, prata ou bronze, nos Jogos Paralímpicos de Verão, nas modalidades atletismo, natação, *lawn bowls* e judô. Essas medalhas foram conquistadas por 27 atletas, com deficiências físicas e visuais.

O recorte temporal desse estudo deu-se em 1976, porque foi quando houve a primeira conquista de medalha do país, embora o Brasil tenha participado de sua primeira Paralimpíada em 1972, e o ano de 1992 foi a última edição dos jogos em que o país participou sem a oficial representação e instituição do Comitê Paralímpico Brasileiro.

A seleção dessa amostra intencional foi feita com o propósito de verificar o processo de constituição do esporte, antes da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro, pois com base nessa instituição houve mudanças significativas em diferentes aspectos, tais como: legislação, financiamento, divulgação, pesquisa e treinamento.

Assim, elegemos como participantes desta pesquisa 27 indivíduos que conquistaram medalhas em uma ou mais das edições dos Jogos Paralímpicos de Verão compreendidos no período acima delimitado. A escolha de entrevistar apenas medalhistas foi baseada nos seguintes aspectos: o grande número de participantes de todas as edições dos jogos inviabilizaria a pesquisa e também por entender que o ápice da vida de um atleta com deficiência é a conquista de uma medalha paralímpica, portanto entender como esses atletas atingiram o ponto mais alto de suas carreiras.

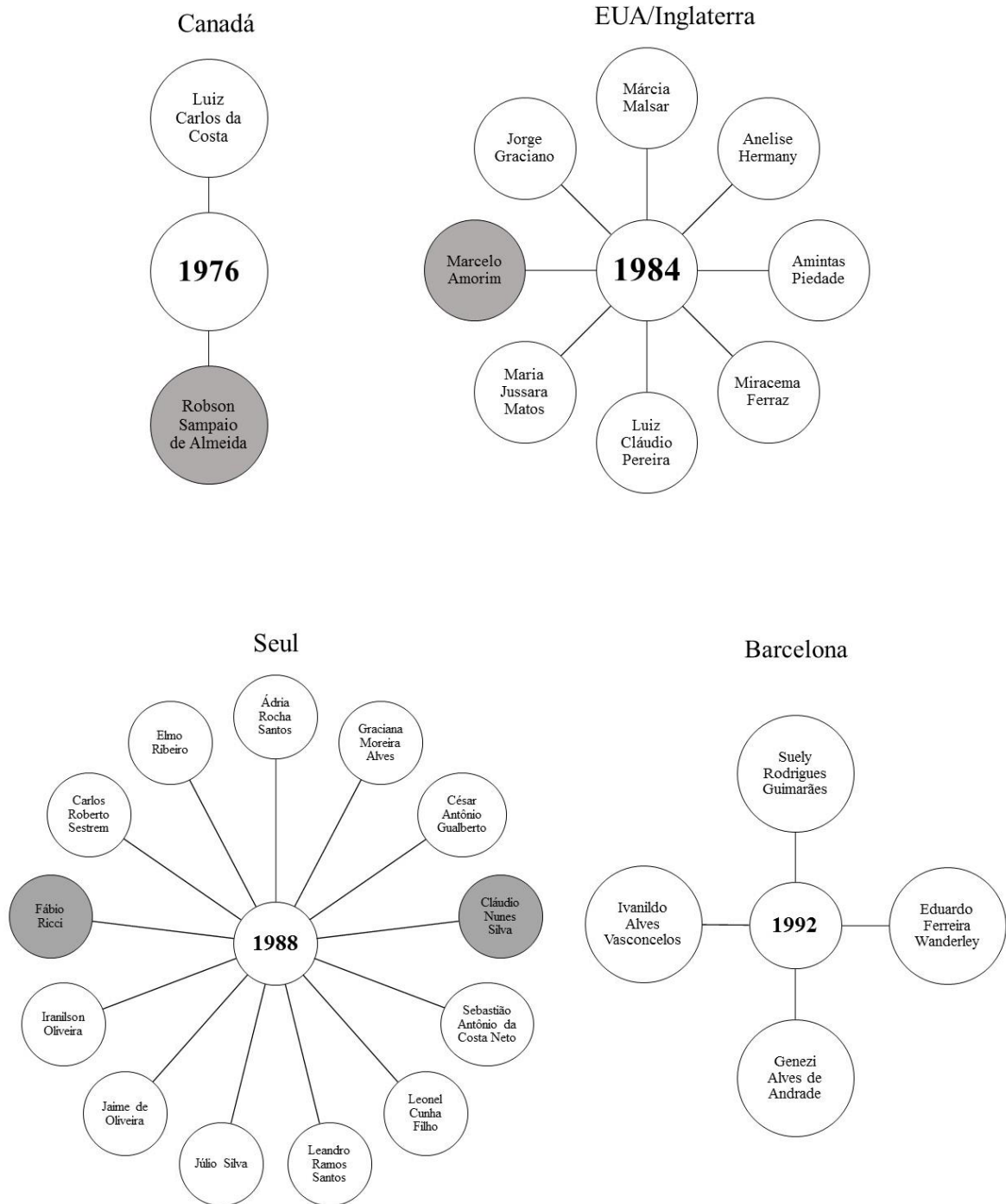
Do universo total de participantes até o momento da coleta, quatro indivíduos já tinham falecido, mas segundo Meihy e Holanda (2007) esse acontecimento é comum, pois nesse tipo de estudo lidamos com períodos passados, ora de poucos, ora de muitos anos. As

informações de falecimento foram obtidas pelos familiares ou outros participantes da pesquisa.

Portanto, os critérios de inclusão adotados foram participantes de qualquer faixa etária ou gênero que tenham conquistado pelo menos uma medalha, seja de ouro, prata ou bronze, em edições de Jogos Paralímpicos no período de 1976 a 1992. E, como critério de exclusão, participantes que conquistaram sua primeira medalha após os jogos paralímpicos de 1992.

O esquema a seguir mostra os participantes separados por ano de conquista da primeira medalha paralímpica, e os que se encontram em destaque são os atletas que faleceram:

Figura 43: Esquema de organização dos participantes da pesquisa por ano de conquista da primeira medalha.



Fonte: International Paralympic Committee – IPC (2014).

5.2 Caracterização dos participantes entrevistados, participações em Jogos Paralímpicos e medalhas conquistadas

Com intuito de apresentar informações fidedignas sobre os participantes, descrevemos todas as participações nos diversos Jogos Paralímpicos, as medalhas conquistadas, deficiência, modalidades e classes funcionais, além de local e ano de realização dos jogos. Os dados foram coletados da base de dados disponível para consulta no site do *International Paralympic Committee – IPC* (2015).

Os 23 atletas descritos abaixo foram os atletas que participaram da pesquisa concedendo seus depoimentos, pois, conforme citado, quatro atletas medalhistas desse período já faleceram; são eles: **Robson Sampaio de Almeida** (medalhista na edição de 1976), **Marcelo Amorim** (medalhista na edição de 1984), **Fábio Ricci** e **Cláudio Nunes Silva** (medalhistas na edição de 1988).

A seguir apresentamos informações de caracterização dos participantes da pesquisa, coletados por uma anamnese, bem como informações sobre a realização da coleta de dados:

O atleta **Luiz Carlos da Costa** foi entrevistado, em sua própria residência no Rio de Janeiro, em 24 de maio de 2015, com idade atual de 65 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de poliomielite.

Quadro 7: Título paralímpico do atleta Luiz Carlos da Costa					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Basquetebol em cadeira de rodas	1972	Alemanha	Equipe	-	1
<i>Lawn bowls</i>	1976	Toronto	Dupla masculina	Prata	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Jorge Graciano** foi entrevistado, em sua própria residência, no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 2014, com idade atual de 50 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de poliomielite.

Quadro 8: Título paralímpico do atleta Jorge Graciano					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1984	Stoke Mandeville	100 metros (3)	Bronze	1

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

A atleta **Amintas Piedade** foi entrevistada, em sua própria residência no Rio de Janeiro, em 8 de janeiro de 2015, com idade atual de 73 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de mielite transversa.

Quadro 9: Títulos paralímpicos da atleta Amintas Piedade					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1984	Stoke Mandeville	Arremesso de peso (1C)	Ouro	4
			Lançamento de dardo (1C)	Ouro	
			<i>Slalom</i> (1C)	Prata	
			Lançamento de disco (1C)	Prata	
	1988	Seul	Arremesso de peso (2)	-	
			Lançamento de dardo (2)	-	
			Lançamento de disco (2)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

A atleta **Márcia de Fátima Vieira Malsar** foi entrevistada, em sua própria residência na cidade de Rio Bonito, no Rio de Janeiro, em 22 de maio de 2015, com idade atual de 55 anos. Possui deficiência física e intelectual leve, adquirida por sequelas de paralisia cerebral.

Quadro 10: Títulos paralímpicos da atleta Márcia de Fátima Vieira Malsar					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1984	Nova York	200 metros (C6)	Ouro	4
			<i>Cross country</i> – 1.000 metros (C6)	Prata	
			60 metros (C6)	Bronze	
			<i>Club throw</i> (C6)	-	
			Lançamento de dardo (C6)	-	
	1988	Seul	100 metros (C6)	Prata	
	1992	Barcelona	100 metros (C6)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Luiz Cláudio Alves Pereira** foi entrevistado, em seu local de trabalho, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, em 8 de janeiro de 2015, com idade atual de 54 anos. Possui deficiência física adquirida por lesão medular em um acidente esportivo.

Quadro 11: Títulos paralímpicos do atleta Luiz Cláudio Alves Pereira					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1984	Stoke Mandeville	Arremesso de peso (1C)	Ouro	9
			Lançamento de dardo (1C)	Ouro	
			Lançamento de disco (1C)	Ouro	
			Pentatlo (1C)	Prata	
			Slalom (1C)	-	
	1988	Seul	Arremesso de peso (1C)	Ouro	
			Lançamento de dardo (1C)	Ouro	
			Lançamento de disco (1C)	Ouro	
			Pentatlo (1C)	Prata	
	1992	Barcelona	Arremesso de peso (1C)	Ouro	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

A atleta **Miracema Ferraz da Silva** foi entrevistada, em sua própria residência, na cidade de Magé, no Rio de Janeiro, em 30 de dezembro de 2014, com idade atual de 56 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de poliomielite.

Quadro 12: Títulos paralímpicos da atleta Miracema Ferraz da Silva					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1984	Stoke Mandeville	100 metros (1A)	Prata	6
			200 metros (1A)	Prata	
			400 metros (1A)	Prata	
			800 metros (1A)	Prata	
			Slalom (1B)	Prata	
			Arremesso de peso (1A)	Ouro	
			Lançamento de dardo (1B)	-	
			Lançamento de disco (1B)	-	
			100 metros (1C)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

A atleta **Anelise Hermany** foi entrevistada, em sua própria residência, na cidade Curitiba, no Paraná, em 10 de abril de 2015, com idade atual de 49 anos. Possui catarata congênita que ocasionou deficiência visual congênita, além de um glaucoma adquirido posteriormente.

Quadro 13: Títulos paralímpicos da atleta Anelise Hermany					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1984	Nova York	100 metros rasos (B2)	Prata	5
			Salto em distância (B2)	Prata	
			800 metros (B2)	Bronze	
			1.500 metros (B2)	-	
			400 metros (B2)	-	
	1988	Seul	800 metros (B2)	Prata	
			400 metros (B2)	Bronze	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC (2014).*

A atleta **Maria Jussara Mattos de Oliveira** foi entrevistada, no seu local de trabalho, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 18 de abril de 2015, com idade atual de 45 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de poliomielite.

Quadro 14: Títulos paralímpicos da atleta Maria Jussara Mattos de Oliveira					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Natação	1984	Stoke Mandeville	100 metros livre (6)	Prata	5
			100 metros costas (6)	Prata	
			4x50 metros – <i>medley</i> individual (6)	Ouro	
			400 metros livre (6)	-	
	1988	Seul	100 metros costas (6)	-	
			100 metros <i>crawl</i> (6)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (6)	-	
			400 metros livre (6)	-	
			100 metros livre (6)	Bronze	
			100 metros borboleta (6)	Prata	
	1992	Barcelona	100 metros costas (S9)	-	
			100 metros borboleta (S9)	-	
			100 metros livre (S9)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (SM9)	-	
			4x100 metros livres (S7-S10)	-	

			50 metros livre (S9)	-	
--	--	--	----------------------	---	--

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

A atleta **Graciana Moreira Alves** foi entrevistada, no seu local de treino (Associação dos Deficientes Físicos do Estado de Goiás), na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, em 13 de janeiro de 2015, com idade atual de 50 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de poliomielite.

Quadro 15: Títulos paralímpicos da atleta Graciana Moreira Alves					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Natação	1988	Seul	400 metros livre (6)	-	3
			100 metros costas (6)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (6)	-	
			100 metros <i>crawl</i> (6)	Bronze	
			100 metros borboleta (6)	Bronze	
			100 metros livre (6)	Ouro	
	1992	Barcelona	100 metros costas (S9)	-	
			100 metros <i>crawl</i> (SB8)	-	
			100 metros borboleta (S9)	-	
			100 metros livre (S9)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (SM9)	-	
			4x100 metros livres (S7-S10)	-	
			50 metros livre (S9)	-	
Voleibol	2012	Londres	Voleibol sentado	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Eduardo Ferreira Wanderley** foi entrevistado, no hotel em que a pesquisadora estava hospedada na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, em 13 de janeiro de 2015, com idade atual de 50 anos. Possui deficiência física adquirida por lesão medular em acidente de mergulho.

Quadro 16: Título paralímpico do atleta Eduardo Ferreira Wanderley					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Natação	1984	Nova York	25 metros livre (1B)	-	1
			100 metros livre (1B)	-	
	1988	Seul	100 metros livre (1B)	-	
			25 metros costas (1B)	-	
			25 metros <i>crawl</i> (1B)	-	
			25 metros borboleta (1B)	-	
			50 metros livre (1B)	-	
			75 metros – <i>medley</i> individual (1B)	-	
	1992	Barcelona	100 metros livre (S4)	-	
			150 metros – <i>medley</i> individual (SM3)	-	
			50 metros costas (S4)	-	
			50 metros <i>crawl</i> (SB2)	-	
			50 metros livre (S4)	-	
50 metros borboleta (S3-S4)	Bronze				

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC (2014).*

A atleta **Ádria Rocha Santos** foi entrevistada, em sua própria residência, na cidade de Joinville, em Santa Catarina, em 11 de abril de 2015, com idade atual de 41 anos. Possui retinose pigmentar que ocasionou deficiência visual congênita.

Quadro 17: Títulos paralímpicos da atleta Ádria Rocha Santos					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1988	Seul	100 metros (B2)	Prata	13
			400 metros (B2)	Prata	
	1992	Barcelona	100 metros (B2)	Ouro	
			200 metros (B2)	-	
	1996	Atlanta	100 metros (T10)	Prata	
			200 metros (T10)	Prata	
			400 metros (T10)	Prata	
			800 metros (T10-11)	-	
	2000	Sidney	100 metros (T12)	Ouro	
			200 metros (T11)	Ouro	
			400 metros (T11)	Prata	
	2004	Atenas	100 metros (T11)	Ouro	
			200 metros (T11)	Prata	
			400 metros (T12)	Prata	
	2008	Beijing	100 metros (T11)	Bronze	
			200 metros (T11)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC (2014).*

O atleta **César Antônio Gualberto** foi entrevistado, em sua própria residência, na cidade de Maringá, no Paraná, em 10 de abril de 2015, com idade atual de 56 anos. Possui deficiência visual adquirida por um glaucoma.

Quadro 18: Título paralímpico do atleta César Antônio Gualberto					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1988	Seul	400 metros (B1)	Prata	1
			800 metros (B1)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Elmo Ribeiro Junior** foi entrevistado, em seu local de trabalho, na cidade de Uberaba, Minas Gerais, em 28 de julho de 2015, com idade atual de 52 anos. Possui catarata congênita que ocasionou deficiência visual leve.

Quadro 19: Título paralímpico do atleta Elmo Ribeiro Junior					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1988	Seul	400 metros (B2)	Prata	1
			Pentatlo (B2)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Carlos Roberto Sestrem** foi entrevistado por telefone, de sua cidade Joinville, Santa Catarina, em 14 de agosto de 2015, com idade atual de 53 anos. Possui retinose pigmentar que ocasionou deficiência visual congênita. Sua entrevista não foi realizada pessoalmente, pois na data combinada o atleta teve um problema de saúde com um de seus familiares e não pôde receber a pesquisadora, sendo inviável retornar à cidade em outra data.

Quadro 20: Título paralímpico do atleta Carlos Roberto Sestrem					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1988	Seul	5000 metros (B1)	Bronze	1
			Maratona (B1)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Jaime de Oliveira** foi entrevistado, em seu local de trabalho, na cidade de Curitiba, no Paraná, em 10 de abril de 2015, com idade atual de 46 anos. Possui deficiência visual congênita ocasionada por glaucoma.

Quadro 21: Título paralímpico do atleta Jaime de Oliveira					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Judô	1988	Seul	Até 60 kg	Bronze	1

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Iranilson Oliveira da Silva** foi entrevistado, na residência de um amigo em comum, entre entrevistado e pesquisadora, no Rio de Janeiro, em 7 de janeiro de 2015, com idade atual de 43 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de poliomielite.

Quadro 22: Título paralímpico do atleta Iranilson Oliveira da Silva					
Modalidade	Ano	Local	Prova	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1988	Seul	100 metros (5-6)	Bronze	1
			200 metros (5-6)	-	
			800 metros (5-6)	-	
			Lançamento de disco (5)	-	
			Pentatlo	-	
			Basquetebol	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Júlio Silva** foi entrevistado, em sua residência, na cidade de São José dos Pinhais, no Paraná, em 11 de abril de 2015, com idade atual de 53 anos. Possui deficiência visual congênita ocasionada por microftalmia.

Quadro 23: Título paralímpico do atleta Júlio Silva					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Judô	1988	Seul	Até 65 kg	Bronze	1

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Leonel Cunha Moraes** foi entrevistado, em sua residência, na cidade de Goiânia, em Goiás, em 14 de janeiro de 2015, com idade atual de 53 anos. Possui deficiência visual adquirida em acidente automobilístico.

Quadro 24: Título paralímpico do atleta Leonel Cunha Moraes					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Judô	1988	Seul	Acima de 95 kg	Bronze	1
	1992	Barcelona	Acima de 95 kg	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Leandro Ramos Santos** foi entrevistado, no hotel em que a pesquisadora estava hospedada, na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, em 14 de janeiro de 2015, com idade atual de 46 anos. Possui deficiência física adquirida por sequelas de poliomielite.

Quadro 25: Título paralímpico do atleta Leandro Ramos Santos					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Natação	1988	Seul	100 metros borboleta (L6)	Bronze	1
			100 metros costas (L6)	-	
			100 metros <i>crawl</i> (L6)	-	
			100 metros livre (6)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (6)	-	
			400 metros livre (6)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Sebastião Antônio da Costa Neto** foi entrevistado, em sua residência, na cidade do Rio de Janeiro, em 29 de dezembro de 2014, com idade atual de 62 anos. Possui deficiência física adquirida por paralisia cerebral.

Quadro 26: Títulos paralímpicos do atleta Sebastião Antônio da Costa Neto					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1988	Seul	Arremesso de peso (C6)	Bronze	2
			Lançamento de dardo (C6)	-	

			100 metros (C6)	-	
	1992	Barcelona	<i>Club Throw</i> (C6)	Bronze	
			Arremesso de peso (C6)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

A atleta **Suely Guimarães** foi entrevistada, no hotel em que a pesquisadora estava hospedada, na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, em 18 de abril de 2015, com idade atual de 58 anos. Possui deficiência física, amputação dos dois membros inferiores adquirida em acidente automobilístico.

Quadro 27: Títulos paralímpicos da atleta Suely Guimarães					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Atletismo	1992	Barcelona	Arremesso de disco (THW7)	Ouro	3
			Arremesso de peso (THW7)	-	
			Lançamento de dardo (THW7)	-	
	1996	Atlanta	Arremesso de disco (F55-57)	Bronze	
			Arremesso de peso (F55-57)	-	
			Lançamento de dardo (F55-57)	-	
	2000	Sidney	Arremesso de disco (F58)	-	
			Arremesso de peso (F57)	-	
			Lançamento de dardo (F58)	-	
	2004	Atenas	Arremesso de disco (F56-58)	Ouro	
			Arremesso de peso (F56-58)	-	
	2008	Beijing	Arremesso de disco (F54 -56)	-	
Arremesso de peso (F54 -56)			-		

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

O atleta **Genezi Alves de Andrade** foi entrevistado, no hotel em que estava hospedado para uma competição, na cidade de São Paulo, em 26 de abril de 2015, com idade atual de 43 anos. Possui deficiência física ocasionada por seqüela de poliomielite.

Quadro 28: Títulos paralímpicos do atleta Genezi Alves de Andrade					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Natação	1992	Barcelona	50 metros costas (S3)	Bronze	5
			100 metros livre (S3)	-	
			50 metros <i>crawl</i> (SB2)	-	
			50 metros livre (S3)	-	

	1996	Atlanta	50 metros costas (S3)	-
			50 metros <i>crawl</i> (SB2)	-
			50 metros livre (S3)	-
			100 metros livre (S3)	Bronze
			200 metros livre (S3)	Bronze
			150 metros – <i>medley</i> individual (SM3)	Prata
	2000	Sidney	100 metros livre (S3)	-
			50 metros <i>crawl</i> (SB2)	-
			150 metros – <i>medley</i> individual (SM3)	Bronze
	2004	Atenas	100 metros livre (S3)	-
			150 metros – <i>medley</i> individual (SM3)	-
			200 metros livre (S3)	-
			50 metros costas (S3)	-
			50 metros <i>crawl</i> (SB2)	-
			50 metros livre (S3)	-
	2008	Beijing	100 metros livre (S3)	-
			200 metros livre (S3)	-
			50 metros costas (S3)	-

Fonte: International Paralympic Committee – IPC (2014).

O atleta **Ivanildo Alves Vasconcelos** foi entrevistado, no hotel em que a pesquisadora estava hospedada, na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, em 17 de abril de 2015, com idade atual de 43 anos. Possui deficiência física por seqüela de poliomielite.

Quadro 29: Títulos paralímpicos do atleta Ivanildo Alves Vasconcelos					
Modalidade	Ano	Local	Prova/Classificação Funcional	Medalha	Número de medalhas
Natação	1992	Barcelona	100 metros costas (S6)	-	4
			100 metros <i>crawl</i> (SB4)	-	
			100 metros livre (S6)	-	
			200 metros livre (S6)	-	
			50 metros borboleta (S6)	-	
			50 metros livre (S3)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (SM5)	Bronze	
	1996	Atlanta	100 metros costas (S6)	-	
			200 metros livre (S6)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (SM5)	-	
			4x50 metros livres (S1-6)	-	
			4x50 metros <i>medley</i> (S1-6)	-	
			100 metros <i>crawl</i> (SB4)	Bronze	
2000	Sidney	100 metros costas (S6)	-		

			100 metros <i>crawl</i> (SB4)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (SM5)	-	
	2004	Atenas	100 metros costas (S6)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (SM5)	-	
			100 metros <i>crawl</i> (SB4)	Prata	
	2008	Beijing	4x50 metros <i>medley</i> (20 pontos)	Prata	
			100 metros <i>crawl</i> (SB4)	-	
			200 metros – <i>medley</i> individual (SM5)	-	
	2012	Londres	100 metros costas (S6)	-	
			100 metros <i>crawl</i> (SB4)	-	

Fonte: *International Paralympic Committee – IPC* (2014).

5.3 Contatos com os participantes

O projeto elaborado para esta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas e aprovado no dia 13 de outubro de 2014, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE número 32934214.5.0000.5404 (Anexo C).

A partir dessa aprovação, a primeira ação de contatar esses atletas foi buscar informações no Comitê Paralímpico Brasileiro; no entanto, obtiveram-se apenas dois contatos de atletas que ainda se encontravam ativos ou envolvidos com o CPB.

A segunda estratégia foi buscá-los por informações na internet (*sites* de busca), e, em alguns casos, a busca do nome do atleta convertia-se em um perfil do *Facebook*, pelo qual se iniciaram as primeiras interações com os atletas que possuíam perfil na rede social e que, por consequência, indicavam outros atletas.

Então, formamos um grupo no *Facebook* denominado Medalhistas Paralímpicos de 1976 a 1992, no qual houve intensa troca de informações e buscas incessantes por quaisquer tipos de contato dos participantes da pesquisa. Essa trajetória específica de busca foi do período de outubro a dezembro de 2014. De posse da localização e de algum contato já estabelecido com a maioria dos atletas, no final de dezembro desse mesmo ano iniciamos um

contato telefônico para ordenar um possível cronograma e agendamento das entrevistas e, em seguida, a coleta de dados.

5.4 Coleta de dados

A coleta de dados desta pesquisa aconteceu em vários momentos, contudo não foram momentos isolados, e, sim, uma construção de um *corpus* que necessitou de diversas buscas em locais diferentes.

As entrevistas foram realizadas presencialmente pela pesquisadora em diversas regiões do país, uma vez que esses atletas se encontram em diferentes cidades e estados:

Quadro 30: Locais e datas das entrevistas			
Número de entrevistas	Cidade/Estado	Data da entrevista	Atleta
6	Rio de Janeiro/RJ	27/12/2014	Jorge Graciano
		29/12/2014	Sebastião da Costa Neto
		06/01/2015	Iranilson Oliveira
		07/01/2015	Luiz Cláudio Pereira
			Amintas Piedade
		24/05/2015	Luiz Carlos da Costa
1	Rio Bonito/RJ	22/05/2015	Márcia Malsar
1	Magé/RJ	30/12/2014	Miracema Ferraz
4	Goiânia/GO	13/01/2015	Graciana Moreira Alves
		14/01/2015	Leandro Ramos Santos
		14/01/2015	Leonel Cunha Filho
		13/01/2015	Eduardo Ferreira Wanderley
2	Curitiba/PR	10/04/2015	Anelise Hermany
		10/04/2015	Jaime de Oliveira
1	Maringá/PR	10/04/2015	César Antônio Gualberto
1	São José dos Pinhais/PR	11/04/2015	Júlio Silva
		11/04/2015	Ádria Rocha Santos

2	Joinville/SC	14/08/2015	Carlos Roberto Sestrem ⁴
2	Recife/PE	18/04/2015	Suely Guimarães
		17/04/2015	Ivanildo Alves Vasconcelos
1	São Paulo /SP	25/04/2015	Genezi Alves de Andrade ⁵
1	Uberaba/MG	28/07/2015	Elmo Ribeiro
1	Campo Grande/MS	18/05/2015	Maria Jussara Mattos

Fonte: Coleta de dados (2014-2015).

Conforme relatado anteriormente, as entrevistas foram previamente agendadas por telefone, no local e hora que melhor atendessem o entrevistado, e a maioria das entrevistas foi feita na própria casa do indivíduo, outras no local de trabalho. Dessa forma, foi possível manter a qualidade e a rotina da entrevista.

Meihy (2005) nos afirma que a casa das pessoas é o local mais escolhido pelos próprios colaboradores, mas o importante é observar se há condições adequadas para gravação, concentração e minimização das interrupções.

Primeiramente os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), obedecendo à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. No caso de pessoas com deficiência visual, o termo foi lido e todos tiveram condições de assinar com orientação espacial. Em seguida, foi preenchida pela pesquisadora uma Ficha de Identificação do Atleta (Apêndice B) de acordo com as informações fornecidas pelo entrevistado.

A entrevista (Apêndice C) foi elaborada pela autora e pelo orientador da pesquisa, com o objetivo de alcançar os objetivos específicos da pesquisa. Ela foi constituída pelo seguinte roteiro de temas geradores:

I – Sobre a iniciação esportiva

II – Estrutura de metodologia do treinamento

III – Estrutura dos locais de treinamento

IV – Treinadores

⁴ Um dos atletas de Joinville desmarcou a entrevista minutos antes da realização da mesma, por motivo de doença na família, o que inviabilizou a realização da entrevista pessoalmente, por isso esta entrevista foi realizada por telefone.

⁵ O atleta é residente da cidade de Natal – Rio Grande do Norte, mas a entrevista foi realizada na cidade de São Paulo, durante uma competição que o mesmo participava.

V – Paralimpíadas

VI – Aposentadoria e vida após o esporte

VII – Visão geral do esporte paralímpico

Não foi realizado um estudo piloto, pois de acordo com Schiavon (2009), citando Von Simson, “o pesquisador não se despe das informações obtidas em cada entrevista e, portanto, utiliza-se de dados das entrevistas já realizadas para reelaborar as questões para as próximas coletas”. De posse dessa afirmação torna-se possível diante da metodologia escolhida adequar as questões para melhor atingir os objetivos

Optamos por gravação em áudio com o intuito de evitar constrangimento do entrevistado e possibilitar uma narração mais espontânea; para isso, o aparelho utilizado para a gravação foi um minigravador de voz digital da marca Sony – PX440.

Foi solicitado ao entrevistado, no agendamento da entrevista, que ele separasse ou levasse para a entrevista fotos, jornais, revistas e documentos pessoais de sua atuação como atleta no período em questão. Nem todos possuíam um acervo de tal natureza, e outros não apresentaram, mas tivemos acesso a alguns materiais.

Além disso, uma pesquisa documental foi realizada em dois grandes acervos digitais de jornais que já eram veiculados no período estudado, *O Globo* e *Folha de São Paulo*. As palavras-chaves utilizadas para essa busca foram: olimpíada deficiente; olimpíada paraplégico; clube paraplégicos; clube otimismo; basquetebol cadeira de rodas; e paraolimpíada. As palavras foram eleitas devido ao vocabulário utilizado na época para se referir ao esporte paralímpico ou esporte adaptado, além dos nomes das principais instituições do país e eventos. Esses documentos nos auxiliaram na elaboração do referencial teórico e na análise dos dados.

5.5 Análise dos dados

Após a coleta, os depoimentos foram transcritos na íntegra, observadas as orientações apresentadas por Meihy e Holanda (2007); Matos e Senna (2011): a) a

transcrição foi feita pela própria entrevistadora/pesquisadora, o quanto antes; b) as passagens pouco audíveis foram colocadas entre colchetes; c) as dúvidas, os silêncios, assinalados por reticências; d) as pessoas citadas, designadas por iniciais (se necessário); e) anotações como risos foram grifadas; e f) os erros flagrantes foram corrigidos: datas, nomes próprios, siglas etc.

Thompson (1992) aponta que é preciso ter cuidado na entrevista e na transcrição, de forma a constituir precisão no relato oral. Paralelamente aos dados orais, deve ser feita, no decorrer da pesquisa, uma comparação com a documentação escrita já existente.

Para isso, utilizamos informações contidas em documentos como regulamentos, figuras, ofícios, atas e outros, além de jornais e revistas da época; e, finalmente, um diálogo com a literatura científica que colaborasse com a pesquisa.

Sobre essas etapas, Struna (2002) comenta que a escrita da história não se compõe de duas etapas estanques – a seleção dos fatos primeiro e a sua interpretação depois. Estas duas etapas confundem-se na prática, pois a seleção dos fatos relevantes baseia-se numa determinada valorização deles, numa certa interpretação da organização da sociedade e sua evolução no tempo.

Os fatos relevantes para uma teoria podem não ser para outra. Por exemplo, uma interpretação da história que privilegie ações individuais de setores dominantes da sociedade tenderá a escolher fatos que comprovem tais ações.

Para tanto, nossa intenção é fornecer toda informação sobre o fato histórico, e não interpretá-lo, o que seria algo pernicioso, porque cada pessoa, de posse dos fatos acontecidos, comprovados por documentos, tem a capacidade de interpretar esse fato histórico (ALCÂNTRA, 1995). Por isso, mantivemos distanciamento e objetividade para descrever essa história.

Os dados coletados nos depoimentos, após transcrição na íntegra, foram cruzados para identificar as relações de discrepância, ambiguidade e ratificação sobre os fatos. A partir disso, confrontamos os dados, destacando semelhanças e diferenças entre o processo de formação do esporte paralímpico no país com a literatura existente e documentos.

Para Von Simson (2006, p. 144) criar uma rede de informações composta por mais de um informante é importante para “confrontar certas discrepâncias e/ou ambiguidades

que a realidade pode mostrar, não podendo restringir seu trabalho somente a uma versão sobre o passado”.

E, finalmente, organizamos categorias direcionadas pelos temas geradores desse estudo, que se encontram claros no roteiro orientador da entrevista, logo tecemos uma análise para codificação das categorias. Sobre isso, Laville e Dionne (1999) nos declaram que recortes que se agrupam, em função de sua significação, são portadores de sentido em relação ao material analisado e às intenções da pesquisa. A cada unidade de análise foram agrupados os relatos que os atletas fizeram sobre esse mesmo tema.

Para chegar às categorias, Strauss e Corbin (1991) indicam etapas: primeiramente deve-se fazer uma ampla identificação e articulação dos dados, denominada codificação aberta, de onde provém o potencial de encontro entre o material empírico e o conhecimento sobre o contexto do pesquisador. O segundo passo é reordenar os dados com base no referencial teórico da pesquisa – denominada “codificação axial”.

Para Gonçalves e Lisboa (2007, p. 90):

Nesse momento colocam-se os desafios de transformar os dados, situações, ações e interações em conceitos; identificar as variáveis, as características das respectivas categorias e subcategorias; e de estabelecer uma lógica de análise.

Após esse processo chegaremos à codificação seletiva, identificando as categorias-chave que serão aprofundadas na análise da pesquisa.

6.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar os dados coletados na pesquisa de campo nas entrevistas com os participantes, adotou-se o método comparativo, em que as informações cedidas por cada atleta foram cruzadas e correlacionadas a fim de estabelecer possíveis relações, para, assim, confrontá-las e discutir sobre as principais semelhanças e diferenças na constituição do esporte paralímpico no país.

Foram organizadas três categorias de análise com base nos temas geradores da entrevista, e, em cada depoimento, foram feitos recortes e fichamentos dentro das mesmas categorias. Esses recortes das falas dos participantes embasaram nossa discussão, confrontando-os com as informações encontradas na literatura.

As categorias de análise estão assim distribuídas:

Categoria 1 – Condições histórico-sociais de desenvolvimento do esporte: discutiram-se as questões sociais acerca da pessoa com deficiência no período estudado, o apoio e o envolvimento familiar na vida do atleta.

Categoria 2 – Aspectos técnicos, infraestrutura e treinamento no período de implantação do esporte paralímpico: analisaram-se questões que envolvem a iniciação esportiva, espaço físico e materiais, profissionais e condições de treinamento que proporcionaram o desenvolvimento do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência.

Categoria 3 – Incentivos e obstáculos para a prática do esporte: abordaram-se nessa categoria questões de financiamento do esporte (patrocínio, verba pública) e encerramento de carreira.

Mas antes de iniciarmos as discussões das categorias, consideramos indispensável a apresentação do quadro a seguir, que contém os dados coletados em uma anamnese com dados que subsidiarão as posteriores discussões das categorias:

Quadro 31: Caracterização dos participantes a partir dos dados da anamnese.

Participantes	Data de nascimento	Idade de início no esporte paralímpico	Tipo de deficiência	Adquirida ou congênita	Causa
1	11/08/1974	13 anos	Deficiência visual	Congênita	Retinose pigmentar
2	26/08/1942	35 anos	Deficiência física	Adquirida (23 anos)	Mielite transversa
3	04/01/1966	17 anos	Deficiência visual	Congênita	Catarata congênita
4	26/04/1962	17 anos	Deficiência visual	Congênita	Retinose pigmentar
5	22/07/1959	25 anos	Deficiência visual	Adquirida (19 anos)	Glaucoma
6	30/08/1965	19 anos	Deficiência física	Adquirida (16 anos)	Lesão medular
7	07/11/1963	22 anos	Deficiência visual	Congênita	Catarata congênita
8	31/08/1972	16 anos	Deficiência física	Adquirida (3 anos)	Poliomielite
9	16/05/1965	16 anos	Deficiência física	Adquirida (7 anos)	Poliomielite
10	28/09/1962	19 anos	Deficiência física	Adquirida (1 ano)	Poliomielite
11	26/09/1972	16 anos	Deficiência física	Adquirida (4 anos)	Poliomielite
12	19/12/1969	13 anos	Deficiência visual	Congênita	Glaucoma
13	03/02/1965	15 anos	Deficiência física	Adquirida (6 meses)	Poliomielite
14	08/07/1978	16 anos	Deficiência visual	Congênita	Microftalmia
15	28/10/1969	11 anos	Deficiência física	Adquirida (1 ano e 6 meses)	Poliomielite
16	25/05/1962	20 anos	Deficiência visual	Adquirida (19 anos)	Acidente de automóvel
17	08/07/1947	19 anos	Deficiência física	Adquirida (2 anos e 6 meses)	Poliomielite
18	10/06/1961	19 anos	Deficiência física	Adquirida (16 anos)	Acidente lutando judô
19	04/06/1960	18 anos	Deficiência física	Adquirida (2 anos)	Paralisia cerebral
20	24/01/1970	12 anos	Deficiência física	Adquirida (1 ano e 3 meses)	Poliomielite
21	30/12/1959	19 anos	Deficiência física	Adquirida (1 ano e 7 meses)	Poliomielite
22	03/09/1953	34 anos	Deficiência física	Congênita	Paralisia cerebral
23	19/11/1957	31 anos	Deficiência física	Adquirida (7 anos)	Amputação

Fonte: Coleta de dados.

6.1 Categoria 1: condições histórico-sociais de desenvolvimento do esporte

No Brasil, o movimento de inclusão das pessoas com deficiência ganhou forças e amparos legais efetivos a partir da década de 1990, contudo já existiam ações em benefício e atendimento a esses indivíduos. A exemplo disso, destacamos as instituições que promoviam reabilitação, alfabetização, ofício profissional e, também, práticas esportivas às pessoas com deficiência.

Miranda (2003) afirmou que, em meados do século XIX, houve uma fase de institucionalização, na qual os deficientes eram segregados e protegidos em instituições residenciais. Sassaki (2003) complementa afirmando que por anos e anos as pessoas com deficiência foram reclusas em organizações do terceiro setor, como ONGs e associações.

Era comum que as famílias levassem seus filhos ou parentes com deficiência e os deixassem vivendo nessas instituições residenciais para serem cuidados. Estas tinham como proposta, em um primeiro momento, retirar essas pessoas da sociedade, mas com o passar do tempo começaram a fornecer informações sobre deficiência, organizar grupos de apoio, ofertar oportunidades de lazer e desenvolvimento pessoal, assistência profissional sobre alternativas de emprego, educação, conscientização, sensibilização da sociedade a respeito das necessidades e potencialidades das pessoas com deficiência (SASSAKI, 2003).

No período estudado, 1976 a 1992, foi possível perceber as mudanças em relação ao perfil dessas instituições. Inicialmente, tínhamos a instituição que acolhia as pessoas com deficiência em um regime de internato, na qual o indivíduo residia e desenvolvia atividades, ainda, com um papel de segregação social. As falas dos participantes a seguir indicam características desse tipo de instituição.

Participante 17: *E por sorte eu conheci no hospital um rapaz que já conhecia o Clube do Otimismo. Ele conviveu comigo no hospital e quando ele saiu ele foi lá pro Clube do Otimismo. Aí ele foi me visitar e falou, "pô, Luiz, vai lá pro Clube do Otimismo, lá é assim, assim, assim... lá a gente pratica esporte, lá a gente pode sair, ir pra rua", caramba, isso é o paraíso. Só vivi preso, o tempo todo preso. "Cara, vou ver", está, aí minha mãe chegou lá, conversou com a assistente social, aí ela conseguiu que eu saísse do hospital e*

fosse lá para poder ter uma atividade. Estudar ou fazer alguma coisa, e foi onde eu comecei lá, com o esporte, e trabalhando, né?

Participante 2: *Aí tinha um grupo ali. Então tinha uma casa alugada para as meninas, porque só tinha rapazes. E eu fui a pioneira. Cheguei e não tinha. Então tinha que voltar lá todo dia para misturar no meio deles, para treinar alguma coisa e valeu muito. Parecia que era uma tortura na hora que a gente chega. Atleta da SADEF – Sociedade Amiga do Deficiente Físico.*

Participante 13: *Bom, a minha iniciação esportiva foi quando eu aos 15 anos, né? Recentemente completado 15 anos, eh... fui pra uma instituição de deficiente físico, essa instituição fica em Piedade, eh... chamada Clube do Paraplégico. É uma instituição muito... naquela época era uma instituição muito reconhecida aqui no Brasil, né? E de lá foi o início de tudo, eu iniciei no atletismo, né?*

A institucionalização foi, por muito tempo, a única alternativa da família, uma vez que havia falta de recursos materiais, instrução e/ou identificação com o indivíduo com deficiência. Assim a reclusão foi vista como uma ação social em prol desses indivíduos (MAIA, 2009).

Goffman (2008, p.11) define uma instituição como um “local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos, com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”.

Considerando essa definição, pode-se assinalar que essas instituições tiveram um importante papel para a iniciação e prática do esporte paralímpico. As condições de semelhança das deficiências dos indivíduos foram propícias ao desenvolvimento das modalidades, especialmente as coletivas, como o caso do basquetebol em cadeira de rodas, primeira modalidade para pessoas com deficiência praticada no país. Pois considerando o movimento mundial de desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência, promovendo reabilitação e inclusão social, as instituições brasileiras e os próprios indivíduos se interessassem pela prática.

O Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, foi uma das primeiras instituições brasileiras com cunho esportivo, fundada em 1958. E, conforme registro do participante, também oferecia moradia aos atletas e orientação profissional. A fala do participante 17 demonstrou a importância que o atleta atribuiu à possibilidade de “sair pra rua”. Podemos associar essa fala à busca pela quebra de barreiras, para se tornar um ser social, sair da situação de alguém que viveu dentro de um hospital, recluso e se passando por cobaia, e ser um cidadão com direitos.

A Sociedade Amiga do Deficiente Físico (SADEF) e o Centro de Amparo ao Incapacitado Físico (CAIF) – Clube do Paraplégico do Rio de Janeiro, também tinham como proposta a oferta de moradia para as pessoas com deficiência, comumente eram abandonadas pela família (CAIF, 2016).

Segundo Araújo (2011), a iniciação esportiva da maioria de pessoas com deficiência ocorre num contexto de construção ou reconstrução de caminhos, em que o foco principal é a inserção num contexto social como um todo, buscando recuperação da autoestima, ampliação de oportunidades, benefícios orgânicos. Verifica-se que a prática de esporte é capaz de gerar resultados positivos ao indivíduo em todos esses aspectos.

Mas essa situação social da pessoa com deficiência começa a se transformar realmente a partir de 1981, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) atribuiu ao governo a responsabilidade de garantir direitos iguais a esses indivíduos (FIGUEIRA, 2008). Isso representou uma mudança política no tratamento da pessoa com deficiência, exigida pelas organizações de pessoas com deficiência e movimentos sociais, que ganharam forças com a legislação e os estudos científicos desenvolvidos sobre as diversas deficiências (SANTOS, 2008).

De acordo com Figueira (2008), antes da Constituição Federal de 1988, o Brasil tinha políticas e ações de proteção e assistencialismo às pessoas com deficiência, pautadas em caridades e cuidados, quando não eram tratadas no âmbito do abandono e do confinamento. As mudanças propostas pela ONU acarretaram modificações nas instituições, por isso os atletas que foram medalhistas a partir de 1988 já retrataram uma instituição com caráter diferente, em especial no quesito de não serem internatos. As pessoas as frequentavam, principalmente para a prática de atividade física, e alguns também já buscando uma forma de inclusão na sociedade pelo trabalho.

Nessas “novas” instituições, um pouco mais engajadas e amparadas por lei, o esporte foi eleito como atividade principal em muitas delas, dadas as possíveis transformações sociais que vinham acontecendo por meio da prática esportiva. Contudo, não havia grandes estruturas, especialmente para o desenvolvimento de um atleta de alto rendimento, mas como já eram conhecidos os benefícios dos esportes, mesmo sem foco específico no alto rendimento e sem infraestrutura, essas instituições buscavam parcerias com universidades, clubes e academias, com o propósito de oferecer essa prática quando não tinham condições de ofertá-la.

A participante 23 ilustra em sua fala essa realidade, que a instituição viabilizou a prática esportiva em outros espaços, assim como do participante 14, que foi para uma academia por intermédio de um membro de uma instituição especializada:

Participante 23: *Na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) pela ADM, Associação de Deficientes Motores foi minha primeira entidade e naquela época a gente praticava esporte para marcar ponto para associação, né, você não via o atleta, você via era você ganhar medalha, a sua associação ficar, ganhar por ponto, né...*

Participante 14: *Bom, na realidade quando eu, eu conheci a ADEVIPAR isso foi em 1978, eu conheci um rapaz chamado Chico, que eles lá o chamavam mais por apelido, né... então eu conheci ele, e ele... e ele me indicou uma academia de judô que fica ali na Marechal Floriano, né, próximo da praça Carlos Gomes.*

No quadro 32 apresentamos as instituições que desenvolveram ou incentivaram a prática do esporte paralímpico:

Quadro 32: Distribuição das instituições de desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil.			
Número de atletas	Cidade /estado	Instituição (número de atletas)	Atletas
6	Rio de Janeiro/RJ	Clube do Otimismo (1)	Luiz Carlos da Costa
		Sociedade Amigos do Deficiente Físico – SADEF (3)	Sebastião da Costa Neto Luiz Cláudio Pereira Amintas Piedade
		Centro de Amparo Ao Incapacitado Físico (CAIF) - Clube do Paraplégico do Rio de Janeiro (2)	Miracema Ferraz Jorge Graciano
1	Niterói/RJ	Polícia Militar (1)	Márcia Malsar
1	Uberlândia	Associação dos Deficientes Visuais do Triângulo Mineiro –	Elmo Ribeiro

		ADEVITRIM	
1	Belo Horizonte/ MG	Associação dos Deficientes Visuais de Belo Horizonte – ADEVIBEL	Ádria Rocha Santos
1	Campo Grande/ MS	Associação Campo-grandense Beneficente de Reabilitação – ACBR	Maria Jussara Mattos
4	Goiânia/GO	Associação de Deficiente Físico do Estado de Goiás – ADFEGO (3)	Graciana Moreira Alves Leandro Ramos Santos Eduardo Ferreira Wanderley
		Jóquei Clube de Goiás (1)	Leonel Cunha Filho
1	Maringá/PR	Universidade Estadual de Maringá	César Antônio Gualberto
2	Curitiba/PR	Associação dos Deficientes Visuais do Paraná – ADEVIPAR	Jaime de Oliveira Júlio Silva
1	Porto Alegre/RS	Sociedade Louis Braille – SOLB	Anelise Hermany
1	Joinville/SC	Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais – AJIDEVI	Carlos Roberto Sestrem
3	Recife/PE	Associação de Deficientes Motores – ADM (2)	Suely Guimarães Iranilson Oliveira
		Associação Desportiva de Deficiente Físico de Pernambuco – ADDF/PE	Ivanildo Alves Vasconcelos
1	Natal/RN	Associação Desportiva Deficiente Físico – ADDF	Genezi Alves de Andrade

Fonte: Dados da pesquisadora.

Sobre essas instituições, já destacamos o Clube do Otimismo, a SADEF e o CAIF como instituições pioneiras no país, mas que atuavam com regime de internato. As demais instituições apresentadas abaixo diferiam, pois já não configuravam como internatos.

As associações ADEVIBEL (1985), ADEVITRIM (1985), AJIDEV (1981), ADEVIEPAR (1979) e SOLB (1973) acima relacionadas, são instituições de atendimento e apoio à pessoa com deficiência visual, fundadas entre as décadas de 1970 e 1980, que promoveram o esporte paralímpico para pessoa com deficiência visual e consagraram pelo menos um dos seus atletas como campeão paralímpico.

Já as associações ACBR (1983), ADFEGO (1981), ADM (1973), ADDF/Pernambuco (1987) e ADDF/Natal são instituições também criadas nas décadas de 1970 e 1980, porém com foco no atendimento da pessoa com deficiência física. Algumas dessas instituições usavam o esporte como um atrativo para que as pessoas com deficiência se associassem, sendo as modalidades inicialmente desenvolvidas (ADFEGO, 2015), e conseguiram criar medalhistas paralímpicos.

Um último perfil institucional de desenvolvimento do esporte paralímpico são os clubes, projetos universitários e academias convencionais que ofereciam a prática de atividade

física para pessoas sem deficiência. Por iniciativa dos próprios atletas que buscaram a prática esportiva nesses espaços abriu-se a oportunidade de se desenvolver o esporte paralímpico.

Neste estudo, esses casos aparecem em número reduzido, mas como apresentamos os casos do Jóquei Clube de Goiás e da Universidade Estadual de Maringá, casos nos quais os próprios atletas buscaram o esporte em locais convencionais, sem intermédio de uma instituição especializada, ocorrendo principalmente nos casos de indivíduos que adquiriram a deficiência.

Participante 16: Com 6, 7 meses de cego, eu estava buscando alguma coisa para “mim” poder fazer, para dar uma descarregada na tensão, no nervosismo, que eu ficava em casa, não tinha como fazer nada, e eu pensava que eu tinha ficado inútil para o resto da vida. Procurei um clube aqui de Goiás, que era o Jóquei Clube de Goiás, tinha um professor, um japonês, que chama Lhofei Shiozawa, ele era professor da equipe do jóquei, de judô [...].

Participante 5: [...] Eu fui para a Universidade Estadual de Maringá e solicitei. Tinha um técnico lá na época que treinava pessoas que enxergam. E eu falei que iria treinar com ele, se ele podia me ajudar, podia dar treinamento para mim e ele me aceitou. Não só me aceitou como também permitiu que eu utilizasse o grupo dele como guia. Um dia um me guiava, outro me guiava e tal. Não tinha um guia só. E ele me deu o treinamento que ele julgava bom para a equipe dele como um todo, de pessoas que enxergam, era o mesmo treinamento que eu fazia.

Os participantes no período estudado tinham oportunidades reduzidas na escolha de uma modalidade por falta de oferta, por isso eles praticavam aquela a que tinham acesso, especialmente ofertada nessas instituições. Esse fator pode ter contribuído para a característica da regionalização do desenvolvimento do esporte por deficiência no país. A região Centro-Oeste do Brasil apresentou-se como formadora de atletas com deficiência física para natação e a região Sul, como formadora de atletas com deficiência visual para as provas de atletismo.

Não obstante às questões ligadas às instituições, as relações familiares, como parte constituinte da iniciação e desenvolvimento da prática esportiva, foram abordadas nos

depoimentos. Consideramos nesse estudo as relações familiares entre pais e filhos, e também de matrimônio que foi recorrente, pois muitos iniciaram a vida esportiva já adultos.

Nos dados analisados encontramos duas situações diferentes: o primeiro caso é o de um atleta que adquiriu uma deficiência física pela contaminação pelo vírus da poliomielite, nos anos iniciais de vida. Nascido no ano de 1947, o participante relatou que passou a maior parte da vida longe da família, destacando que grande parte do tempo estava internado em hospitais e, posteriormente, na instituição onde iniciou sua vida esportiva.

Participante 17: Não, a família é o seguinte, eu sempre fui muito ausente da família, porque eu quando fiquei assim, com a paralisia infantil na idade tão cedo, né, a minha mãe... eu vivi mais em hospital do que com a família. Eu ia, passava um tempo no hospital, eles faziam várias cirurgias, eu fui como uma espécie de pesquisa pra eles. Eu tenho 14 cirurgias no corpo. Eu tenho, a minha perna não dobra, porque eles, enfim, fizeram muitas cirurgias, então eu fui como, vamos dizer, uma cobaia humana, na época, entendeu, então eu ficava em hospital, quando davam alta eu ia para casa, aí passava um tempo eu voltava. Mas eu nunca tive muito contato. Mas aí eu passei um período grande de, no Hospital Jesus, Hospital Menino Jesus em Vila Isabel (Rio de Janeiro), e de lá eu saí e depois que não tinha mais o que fazer, fiquei numa cadeira de rodas mesmo, até porque as cirurgias não deram o resultado que se esperava, porque aquela coisa, né, não tinha conhecimento de nada. Hoje em dia não faria a metade das cirurgias que foram feitas. Que eu acho que muitas foram desperdícios mesmo [...].

Campos (2009) destaca, em seu estudo, que até a década de 1950 a poliomielite se retratava como um dilema para as ciências médicas no Brasil, pois a medicina ainda era frágil a seu diagnóstico, identificação das formas de contaminação e, especialmente, de tratamento. A fragilidade no tratamento da poliomielite relatada pode ter levado o indivíduo realmente a uma situação de cobaia, na expectativa de tentar solucionar as sequelas físicas ocasionadas pela doença.

E nos demais casos todos os atletas destacaram com ênfase o apoio familiar para sua prática de esporte, como pode ser verificado nas falas dos entrevistados:

Participante 1: *Sim, minha família sempre me apoiou, até hoje eles me apoiam muito nas coisas que eu faço. Tenho um orgulho muito grande de tudo o que eu fiz e faço até hoje [...].*

Participante 3: *Sim, a minha família sempre, minha mãe, meu pai, sempre eles... apoiaram a gente em tudo. A gente não tinha estrutura para treinamento, para nada. Mas a gente dava um jeito, né!*

Participante 5: *Eu era casado e tinha uma filha muito jovem. Filha, entende, de meses. Acho que... sei lá... dois, três meses de vida. E acho que eles nem sabiam muito qual era a função desses treinamentos. Eu falava, claro, mas a minha ex esposa, na época, ela sempre apoiou as minhas atitudes, o meu trabalho nos outros setores e também nesse, sempre tive apoio dela.*

Participante 6: *Apoiava... minha mãe ela morria de medo era até engraçado porque ela, como é que fala, não gostava de me ver nadando, porque como o meu acidente foi mergulho não é, então ela não gostava muito de me ver competindo porque ela achava que eu ia ter alguma coisa dentro da água.*

[...] *Meu pai sempre apoiou porque na época, o que acontecia, não tinha, a gente não tinha rendimento nenhum, o atleta não tinha rendimento nenhum, você não ganhava nada, não tinha patrocínio, não tinha nada disso, então você tinha que ter uma estrutura por trás para bancar, aí nesse caso, meu pai e minha mãe me ajudavam, eu não tinha despesa nenhuma [...].*

Estudos relativos ao contexto esportivo assinalam que as famílias possuem grande influência no desenvolvimento do talento esportivo de um indivíduo. Silva e Fleith (2010a) identificaram fatores de extrema importância na relação família e atleta de alto rendimento, foram eles: *envolvimento da família com a prática esportiva do filho*, que diz respeito à relação direta como a modificação da rotina, apoio e cobrança dos treinos; *suporte informativo e emocional proporcionado pela família*, envolve o apoio e a resolução de problemas enfrentados pelos atletas; *crenças da família sobre o potencial do filho*, converge no sentido de acreditar que o filho era capaz de enfrentar os desafios; *valores da família*, a capacidade de persistência; e finalmente *expectativas da família sobre o desempenho do filho*, acreditar nas potencialidades do filho para a prática de esporte.

Tratando-se de pessoas com deficiência, esse apoio familiar torna-se fundamental na superação dos desafios impostos durante a carreira do atleta, principalmente no período de iniciação e estruturação do esporte paralímpico abordado neste estudo, em que as dificuldades como preconceito, falta de acessibilidade, falta de oportunidade e de investimento no esporte eram maiores. Nesse contexto, Silva e Fleith (2010a) afirmam que os familiares desempenham um importante papel, fornecendo o suporte, incentivo e reconhecimento necessários para que os atletas persistam em suas atividades, buscando um constante aperfeiçoamento.

Conforme relatado pelo participante 6, e é unânime na fala de todos os entrevistados, havia a necessidade de apoio financeiro, o qual, na maioria das vezes, vinha da família ou de amigos, principalmente nos momentos de competições, pois os participantes não tinham remuneração por serem atletas, mesmo com representação nacional.

Contudo, a afirmação de Silva e Fleith (2010b) indica que a família não pode ser considerada como fator determinante para a carreira do atleta de alto rendimento, pois alguns atletas conseguem um desempenho esportivo muito bom sem o suporte familiar, como vimos também em nosso estudo. E outros, mesmo com o apoio da família, não atingem um alto desempenho.

6.2 Categoria 2: aspectos técnicos, infraestrutura e treinamento no período de implantação do esporte paralímpico

Após análise das condições sociais dos atletas que envolveram a estruturação do esporte paralímpico no Brasil, buscou-se entender como foram desenvolvidas, efetivamente, as práticas esportivas no período de 1976 a 1992.

Os participantes da pesquisa são oito do gênero feminino e 15 do gênero masculino, dos quais 14 possuem deficiência física e nove têm deficiência visual. As modalidades praticadas e nas quais foram conquistadas as medalhas foram atletismo (provas de pista e de campo), natação, judô e *lawn bowls*.

As medalhas conquistadas pelo país, nesse período, foram predominantemente em modalidades individuais, com exceção da primeira, que foi em uma prova de dupla. Essa

característica pode ter sido proveniente de alguns fatores como: a extensão geográfica do país, que dificultava o agrupamento de atletas com as mesmas características de deficiência, e a falta de recursos para investimento coletivo, pois os atletas arcavam com suas despesas de treino e materiais.

Até chegar à medalha paralímpica muitos obstáculos foram transpostos por esses atletas desde sua iniciação esportiva. Os atletas apresentavam idade média de $\pm 19,21$ anos quando iniciaram a prática do esporte paralímpico. Uma justificativa para essa média de idade pode estar relacionada às poucas oportunidades que existiam para prática de esporte voltada para pessoa com deficiência, especialmente para o alto rendimento.

De acordo com Vital et al. (2002), no Brasil, poucos atletas, deficientes ou não, tinham a possibilidade de conhecer ou optar pelo esporte na escola e menos ainda nos centros de reabilitação, portanto as opções eram as associações e sociedades de deficientes, que receberam e desenvolveram possíveis atletas.

Diferentemente disso, hoje temos iniciativas que incentivam a prática do esporte paraolímpico como os programas oferecidos pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, como o Clube Escolar Paralímpico e as Paralimpíadas Escolares, que visam à promoção e ao desenvolvimento do esporte paralímpico nas fases iniciais da vida e, também, à detecção de novo atletas (CPB, 2015).

Independentemente das oportunidades, um aspecto determinante para a idade avançada no início do esporte paralímpico são as deficiências adquiridas. De acordo com Winnick (2004), esse tipo de deficiência pode ocorrer em qualquer momento da vida, após o nascimento, por causas acidentais, de doenças, tumores, entre outros.

Outra peculiaridade do esporte paralímpico está na determinação do esporte de acordo com a deficiência. Uma vez que a maioria das modalidades foi adaptada do esporte convencional, elas atenderam à necessidade de adaptação àquela deficiência específica, existindo, assim, modalidades e provas para determinados tipos e graus de deficiência. Como exemplo, temos o basquetebol em cadeira de rodas, que é especificamente para atletas com deficiência física, usuários de cadeira de rodas.

Costa e Winckler (2012) explicam que o esporte paralímpico é restritivo, marcado pelo processo de classificação funcional para que o atleta se torne elegível ou inelegível para

aquele esporte. Assim, o esporte de alto rendimento não é acessível a todos, apenas para aqueles que têm as características necessárias para se tornarem elegíveis.

A classificação funcional torna-se fundamental no esporte paralímpico, uma vez que as deficiências se manifestam de diferentes formas, em diferentes intensidades e produzindo diferentes sequelas, e isso gera desigualdade nas competições. Então, a solução encontrada foi criar categorias e classes para agrupar os competidores de acordo com o comprometimento, para que o grau ou tipo de deficiência não sejam desvantagens para o atleta (SHERRIL, 1999).

Desde as primeiras competições, essa classificação começou a ser implementada e vem sendo aperfeiçoada ao longo dos anos. Bailey (2008), citando Guttman (1976), descreve o objetivo da classificação em esporte de cadeira de rodas que pretendia “assegurar a competição justa e eliminar as possibilidades de injustiça entre participantes de classes semelhantes e dar prioridade para as mais severas desabilidades”.

Sobre a classificação funcional dos atletas brasileiros, todos se remetem à existência de classificação funcional ou médica nas competições internacionais, pois quando o país começou a ser representado nos Jogos Paralímpicos (1972) já existia o sistema de classificação do atleta com deficiência, porém não acontecia efetivamente em todas as modalidades, como evidenciado quando o assunto era a classificação funcional:

Participante 17: Tem, você tem que passar, principalmente para a época, para o time de basquetebol, nós tínhamos que passar por um exame, atleta por atleta.

E, quando perguntado sobre a classificação funcional no *lawn bowls*, modalidade na qual o atleta foi medalhista:

Participante 17: Não, esse não, é, nós não chegamos, pelo menos nessa época nós não chegamos a ser avaliados, não. Foi avaliado no basquetebol sim, houve uma avaliação, que tem a classificação, era com essa, eu fui ponto 3 classes 1, que era, eu acho que é a lesão mais alta, eu acho que, para o basquetebol, é o classe 3 que representa ponto dentro de quadra.

Participante 3: *Olha, teve! Teve sim. Teve classificação. Eu na época era B2. Eu corria como B2. Tinha direito de correr com um guia, mas eu corria sem guia. Então, foi normal assim, porque, na verdade, que nem eu estou te falando, as delegações, cada um foi para o seu lado. Então ficou os deficientes visuais de um lado e os amputados, paralisados cerebrais de outro. Mas a classificação foi tudo normal assim, não teve problema nenhum de...*

No Brasil, os profissionais envolvidos no esporte de rendimento passaram a se desenvolver para fazerem a classificação funcional no país, evidenciado na fala do atleta que teve sua primeira participação em 1984:

Participante 6: *[...] Aí na classificação que você ia saber qual que era tua classe. Você já saía daqui com a tua classe definida, vamos dizer assim. Mas nada impedia que quando você chegasse lá, se o pessoal da classificação achasse que você estava classificado errado, entendeu, aí você era classificado novamente para outra classe, e vamos ver o que que dá.*

[...] A sua classe é acima ou então sua classe é abaixo do que você foi classificado no Brasil. No meu caso, nunca teve problema, como também que eu saiba que no caso do Leo, e da Graciana, também nunca teve problema desse tipo de coisa. Mas eu não duvido que tenha tido problema disso, em relação a outras pessoas. Agora, na época, o pessoal da classificação brasileira, quem fazia se não me engano era Sheila, ela era muito boa nisso. Era muito estudiosa, pelo que eu saiba, ela era muito conceituada no meio, não é? Dos classificadores.

No entanto, quando o atleta ia participar de sua primeira competição internacional ou dos jogos paralímpicos, o mesmo era classificado ou reclassificado para definição da classe, como descreve o atleta:

Participante 11: *Lá (Jogos de Barcelona) eu subi, fiquei na classe S7. E aí eles achavam que eu estava mesmo fazendo corpo mole. E aí, o Brasil fez um protesto disso que eu não estava afazendo corpo mole e realmente eu não conseguia. Eles achavam que eu poderia esticar mais a perna e eu não podia. Eles viram novamente, avaliaram e eu voltei para a classe que eu era. Então foi o único problema em relação a classificação.*

Participante 15: *Fiz aqui no Brasil, na Inglaterra eu tinha feito em 87, no Stoke Mandeville, né, e são, o Stoke Mandeville hoje é referência nessa área. [...] Só que chegando lá eu peguei uma médica australiana, né, aí nós entramos com recurso, aí o recurso ganhou só que eu não poderia, que eles já tinham me inscrito como les autres, né, aí como eu era da ABRADACAR de imediato eu já fui competir pela ANDE, né, que eram duas associações simultaneamente.*

Outro ponto muito importante de se tratar nessa estruturação do esporte é sobre os profissionais que estiveram à frente do treinamento desses atletas nesse período inicial. De acordo com os depoimentos dos atletas, tem-se indícios de que a maioria desses professores tinha formação profissional em Educação Física, embora se acredite que eles não possuíam nenhuma preparação acadêmica ou especialização para trabalhar com pessoas com deficiência.

Pedrinelli e Verenguer (2008) relatam que, a partir de 1980 no Brasil, começou-se a pensar na formação acadêmica do profissional de Educação Física para atuar com pessoas com deficiência, pois se identificou que havia pouca atuação do profissional nessa área por falta de qualificação específica na graduação e cursos de atualização. Mas foi observado que, somente a partir da década de 1990, as instituições de ensino superior inseriram nos seus currículos a disciplina Educação Física Adaptada (com diversas variações de nomenclatura). Portanto, seria pouco provável que os profissionais que atuaram como técnicos ou treinadores no período estudado tivessem preparação acadêmica, mas puderam adquirir experiências com os atletas.

Participante 3: *Era formado em Educação Física. [...] Nunca tinha trabalhado. Nada, nada, nada! Nós fomos os primeiros atletas dele. Então assim, ele deu o treino, ele treinava pessoas ditas normais, mas pessoal com deficiência, foi a primeira experiência, foi com a gente*

Participante 20: *Sim, ela era recém-formada em Educação Física.*

Outros atletas não sabiam afirmar se o professor tinha formação acadêmica, no entanto existem dois aspectos que se repetem nos perfis desses treinadores, um de terem sido

ou serem na época atletas de alto rendimento na modalidade que ensinavam e outro de já trabalharem com equipes de competição de pessoas sem deficiência.

Essas características podem ter sido fundamentais para que esses atletas chegassem a níveis tão altos dentro do esporte. Uma vez que o treinador já possuía o domínio da técnica, seria mais fácil adaptar os treinamentos, os gestos de acordo com a deficiência, considerando a dificuldade de acesso a artigos e livros específicos do esporte adaptado para a época. As falas a seguir confirmam essas características dos treinadores:

Participante 17: *O Aldo foi jogador de basquetebol, isso eu sei, no Tijuca, me parece, eu não sei se ele era formado, isso eu não posso te dizer, eu sei que ele praticou, jogou basquetebol [...].*

Participante 16: *Que que eu fiz, eu fui na, lá no jóquei, eu era sócio do clube, e tentei conseguir para eu praticar judô, e esse professor meu, ele é, ele é um dos melhores judocas do mundo, e do Brasil, nunca tinha visto falar em esporte pra cego.*

Participante 8: *Ele se arriscou. Na realidade assim, a preparação com deficiente não, ele se arriscou, se aventurou. Mas ele já era treinador do convencional. Então, no decorrer dessas viagens que a gente fazia para os Estados, ele foi adquirindo experiência. Pegando mais contato com o pessoal, com os treinadores nacionais, e aí...*

Em relação às sessões de treinos que eram desenvolvidas, os atletas comentaram que não eram feitas grandes adaptações, talvez por falta de experiência profissional e/ou pela falta de infraestrutura.

Os treinos desses atletas eram realizados em espaços convencionais, tanto públicos como particulares, portanto não eram encontradas adaptações nesses locais, uma vez que acessibilidade não era ainda legalizada e regulamentada no país, como atualmente é feita pela Lei de Acessibilidade (BRASIL, 2000). Portanto os locais (pistas de atletismo, piscinas, salas de musculação, tatames) e o acesso a eles não eram adaptados.

Identificou-se também que a maioria dos grupos de treinamento eram compostos apenas por pessoas com deficiência, o que possivelmente facilitava didaticamente para o profissional e também para o desenvolvimento dos atletas.

Participante 7: *Só deficientes. Nós tínhamos os nossos colaboradores na época técnicos e tudo mais, mas a nível de atletas são todos deficientes.*

Participante 12: *ADEVIPAR, sim. Mas existiam atletas que enxergavam que vinham lutar com a gente, também. Né? Nós fazíamos intercâmbios.*

Em relação aos materiais para a prática esportiva, eram utilizados os convencionais, como para prática do atletismo (peso, dardo, disco) e para natação (pranchas, flutuadores), isso quando os convencionais eram disponibilizados, conforme relato.

Participante 10: *Essa história é engraçada, porque o recurso era muito pobre mesmo que nós tínhamos e nem a UFPE tinha o dardo oficial, que era o dardo de fibra e eu treinava com dado de bambu porque era um dado completamente diferente.*

Participante 9: *No meu caso não, mas era para cadeirantes, eles faziam alguma adaptação com prancha, aquele macarrão. No meu caso eu não precisei de adaptação específica não. Eu utilizava os materiais que as outras crianças utilizavam, boia, pé de pato, prancha, tudo normal.*

Participante 3:[...] *Não tínhamos tênis, não tinha sapatilha, não tinha nada [...].*

Participante 19: *Não, não tinha... Era... Era... Chão... Chão... Poeira... [...]: Não tinha sapatilha como... Como agora.*

Participante 18: *Nós tínhamos... primeiro o material é o mesmo material dos olímpicos, mas nós não tínhamos, então a gente conseguia muita doação das confederações olímpicas que doavam para a gente. Outro material, por exemplo, o dardo, você só tinha o dardo na Inglaterra, então em uma dessas viagens a gente ia, comprava o nosso próprio material, nós usávamos o dardo feminino.*

O principal equipamento e indispensável era a cadeira de rodas para a prática de algumas modalidades, cadeiras estas que eram produzidas pelos treinadores ou pelos atletas, eram muito precárias e dificultavam o desempenho dos atletas, como mostram os relatos. Uma prática comum naquele período era comprar uma cadeira de rodas no exterior, nas

viagens de competições e confeccionar uma cadeira mais parecida possível com materiais mais baratos no Brasil, assim como a compra de materiais particulares.

Participante 17: *Essa que é a boa. As cadeiras de rodas eram aquelas “antigas” que não se tinha recurso nenhum. Então a cadeira de roda que não tinha pneu de inflar, era pneu de borracha, às vezes até comprava-se aquelas mangueiras, enfiava o arame por dentro, para amarrar para fazer de pneu. E eu fazia isso, né, e tinha que fazer porque eu cuidava das cadeiras. Porque aqueles pneus, tinha uns pneus de cadeiras de rodas, não sei se você chegou a ver, eles não são infláveis, eles são duros. Eles são de borracha maciça.*

Participante 21: [...] *Aí ela começou a me treinar (referindo-se à treinadora), aí ela fez uma cadeira adequada pra aquele... Para que eu queria. E eu chamava de pazinha que era uma cadeira de ferro. Era uma cadeira completamente... Com banco de cadeira... Dessas cadeiras plásticas. [...] Ela tirou uma cadeira daquela, desfez uma cadeira daquela, colocou o assento da cadeira. Aí eu ia fazer...*

Participante 18: *Era desigual porque você tinha garra e determinação, mas não tinha equipamento. As nossas cadeiras de roda que tinha apelido de siri, uma série de outros apelidos, foram construídas por pessoas que olhavam o material... a cadeira de banho foi a cadeira da Miracema que se transformou em uma cadeira de corrida, do Tita também. Então, assim, nós pegávamos tudo que era... não era convencional, era destinada a uma outra finalidade e transformava aquilo em uma corrida, em uma cadeira de corrida por exemplo. Então nossa cadeira de corrida de 15 quilos, o cara de 6.500 (kg).*

Araújo (2011), citando Sérgio Del Grande, relata que o Clube dos Paraplégicos de São Paulo recebeu uma cadeira esportiva de Nova York, em 1958, Estados Unidos, e baseada nela foram construídas dez cadeiras por um fabricante no Brasil. Na fala a seguir percebe-se a importância do material para o desempenho e como os atletas brasileiros tentavam se aproximar dos demais atletas nesse quesito, mesmo sem recursos.

Participante 17: *É muito engraçado que quando... Uma vez fomos fazer um jogo contra a seleção do Japão, e foi muito engraçado que os japoneses tavam começando a se*

dedicar ao esporte pra deficiente, então a nossa seleção já estava já um pouco à frente. Aí nós fomos jogar contra a seleção do Japão, era, os primeiros, nas primeiras competições a gente ganhava fácil deles. Mas a gente sentia que eles eram dedicados. Eles eram fracos em relação à técnica, essa coisa. Aí eu tive oportunidade de ir a outras, a outras olimpíadas. E estavam evoluindo muito, e o engraçado é que eu que cuidava das cadeiras de rodas, eu ficava imaginando, e a gente ficava observando a cadeira deles. Você tá vendo esse pininho aqui? (Indicando parte da sua cadeira). Os japoneses já tinham isso e nós não sabíamos. Esse pino aqui a gente achava, que material é esse que esses caras usam na cadeira de rodas, isso aqui não quebra.

[...] Aí, tá. E as cadeiras ótimas, ágeis. E as cadeiras foram se aperfeiçoando. Aí tá o nosso banco de reserva, e o banco deles logo ali. Só que quando a nossa cadeira quebrava uma roda, o outro tinha que ceder a cadeira. Eles tiravam a roda e na mesma hora botava uma nova, sem chave, sem nada. Era só isso aqui.

E mesmo com as dificuldades de espaço físico e materiais os atletas alcançaram níveis de desempenho espetaculares, conquistando medalhas e estabelecendo records mundiais. Assim, entende-se que um possível fator para tal desempenho possam ser as metodologias de treinamento que eram aplicadas.

Nos relatos foi possível verificar que a média de duração dos treinos era de duas horas, cinco vezes por semana e foi relatada a grande dificuldade de espaço e disponibilidade de horário para realização dos treinos. Uma vez que eles aconteciam em espaços públicos ou cedidos, os atletas tinham que se adequar à disponibilidade. Foi comum encontrar nas falas que os atletas só tinham o horário de meio-dia para treinar ou, ainda, às quatro horas da manhã, por não poderem concorrer com as pessoas que ocupavam esses espaços para treino.

Participante 22: Era terrível, eu tinha que trabalhar e treinar, treinava no Maracanã, no Célio de Barros, era terrível, só deixava a gente treinar de meio dia às duas. Num horário terrível. Fome, sol escaldante. Mas a gente treinava.

Participante 18: É, a vida para o revolucionário não é fácil, porque tudo lhe é negado, você tem que buscar tudo. Primeiro que nós não tínhamos um local para treinar e o grande sonho da gente era treinar no Célio de Barros que era... ali era o templo sagrado do

atletismo e ali a gente sabia que era um espaço privilegiado de treinamento e a gente começou a treinar lá. E aí a gente... as questões são meio veladas, mas no início não permitiram que a gente treinasse lá, não deixavam que a gente treinasse, tinha um administrador chamado seu Pereira que virou amigo da gente, entendia isso, a Sandra Peres com muito jogo de cintura acabou liberando treinamento 4 horas da manhã para a gente, a gente tinha que chegar escondido para treinar, depois deram o horário de meio-dia que era o horário que ninguém queria, ninguém queria esse horário, aí quando viram que deu certo todo mundo quis esse horário, nós perdemos o horário, depois houve a discriminação de que as cadeiras de rodas estragava a pista de tartan do Maracanã, foi preciso vir uma declaração dizendo que a cadeira de rodas não faz salto em altura nem faz salto à distância e lá estava danificado, o problema era falta de estrutura, enfim, até hoje nós temos dificuldades de local para treinar.

Foi possível, também, identificar alguns aspectos dos treinamentos desenvolvidos, o que deixa indícios de que era desenvolvido tinha qualidade técnica e de condicionamento, havendo treinos básicos para o trabalho das valências físicas como: força, agilidade, velocidade e resistência, também treinos específicos voltados para técnica e uma periodização.

Participante 3: Os treinos eram... Bom a gente aquecia, e daí vinha os treinos específicos. Era corrida, a gente treinava os tiros 200, 300 metros. Fazia treinamento para os saltos em distância. Fazia treinamento... Porque na verdade eu fui fazer salto em distância e corrida.

Participante 6: Bom, no caso, a gente fazia distância, não é? Vamos nadar o tempo todo nadando a distância e de vez em quando você intercalava distância com velocidade, não é, e nadava os quatro estilos, não é? Aí a gente fazia isso, todo dia de uma a duas horas por dia nesse horário.

[...] como eu estava te falando a piscina era uma piscina pública do estado lá e a gente e tinha tipo um relógio de treino, não é, e tinha um relógio de treino lá que também a gente usava de vez em quando, aí agora o treinamento ele obviamente ele diferenciava de acordo com a lesão, não é, porque aí já como aqui em Goiânia na época o maior quantitativo

de atletas da seleção brasileira de natação éramos nós aqui de Goiânia, inclusive o técnico era daqui de Goiânia, não é, o Maurício. Então, quer dizer, ele fazia o treinamento mais ou menos de acordo com cada tipo de lesão, certo?

Participante 13: [...] É que eu fazia academia também, né? Nesse local, tinha parte da academia que era pra fortalecer os músculos, né? Que normalmente quem faz... a... eh... atletismo, ele faz um outro exercício paralelo pra ajudar no condicionamento físico, entendeu? Então, eu fazia praticamente assim, é uma hora de... academia, de musculação, no caso. Uma hora de musculação e duas horas de... de... como é que... de corrida, no caso. Eu era muito, era rápido nos 100 metros. Então meu forte era os 100 metros, entendeu.

Participante 17: Ah, é peso, é muito peso, é subir rampa, descer rampa, ela sabe. Subir rampa, jogar bola, aquela medicine ball, aquela bola de areia. Ela pesada, pra jogar aquilo, aí você tinha que subir rampa de frente, depois tinha que subir rampa de costa, hoje até pra subir de frente tá ruim. [...] Era de frente, de costa, lá no clube tem ah, são 3 andares, tinham 4 lances de rampa. Ele fazia a gente subir aqueles 4 lances de rampa de frente, depois voltar, eles criavam um circuito na quadra, com cones, aqueles cones, aí você tinha que passar naquele circuito ali e ia marcando o tempo, depois você, olha, mas era muito bom, era muito bom que você desenvolvia, né, e depois você subia essas 4 rampas de frente, depois você tinha que voltar, bebia uma água e voltar, subir de costa.

Nas falas acima é possível identificar que de alguma forma os princípios do treinamento esportivo eram realmente trabalhados nos treinos, como os princípios da individualidade biológica, da continuidade, da progressão e da sobrecarga, que compõem uma estrutura adequada de treinamento (TUBINO e Da COSTA, 2006).

Mas mesmo com essa estrutura de treinamento, os atletas relatam que havia uma sensação de inferioridade relação aos atletas dos países mais desenvolvidos quando se tratava de condicionamento e porte físico em. Uma possível justificativa pode ser o fato de que os atletas brasileiros não tinham mais nenhum tipo de acompanhamento profissional, como nutricional, fisioterápico ou psicológico, todo o desempenho era pautado no trabalho desenvolvido pelo técnico.

Participante 3: [...] *Nossa! Porque a distância dos tempos era muito diferente. Tanto é que os meninos que foram daqui, todo mundo achando que iam abafar lá, né! Abafaram nada, só levaram ferro. Não é verdade. Nossa o Mário era o melhor atleta dos 100 metros aqui, chegou lá... Aff... não foi nem para semifinal, entendeu? E a estrutura de treinamento... A menina que ganhou a os 800 metros, nossa... Ela ganhou bem na frente de mim, sabe? Então os tempos deles eram muito diferentes. Estrutura de tudo, alimentação, tudo, tudo. A gente não tinha nada.*

Participante 6: *Ah sim, você já vê diferença nos tempos, porque quando você ia comparar os teus tempos, com o tempo dos outros, porque quando você vai formar lá a piscina, não é, vamos dizer, a raia, você vai fazer a raia para distribuir quem é que vai nadar, quem é que não vai nadar, aquela coisa toda, não é, porque dependendo da quantidade de atletas, chegava a ter baterias.*

Uma característica encontrada no estudo é que muitos atletas conquistaram apenas uma medalha, algumas vezes participando de mais de uma edição de Jogos Paralímpicos e de muitas provas. Naquela época, uma prática comum nas competições paralímpicas, especialmente até a década de 1980, era, de acordo com Parsons e Winckler (2012), a valorização da participação do atleta, não preconizando o desempenho. Assim, identificamos uma falta de especialização dos atletas e participações em modalidades muito distintas, para as quais eles não haviam treinado. Na fala dos atletas a seguir, justificamos essa abordagem:

Participante 17: *Sim, nós fomos jogar basquetebol. Eu fui jogar basquetebol e arco e flecha, porque arco e flecha eu fiz o treinamento aqui no municipal, lá na, é Tijuca, né? É, que o arco e flecha era arco e flecha de índio, né, que aqui não tinha recurso nenhum, né, não tinha recurso, mas eu aprendi a acertar o alvo, para mim já era o máximo. Aí eu fui escolhido pra competição, fui como basquetebol e arco e flecha. Aí quando nós chegamos lá no boliche, falou vamos lá pra o ginásio pra ver como é que é isso. Chegando lá, eles fizeram um ginásio só pra esse tipo de esporte, esporte interno porque lá chove muito, a temperatura, é muito frio. Então, nós chegamos lá e começaram a vir o pessoal treinar, meu Deus do céu, que jogo estranho, aí o Robson falou “oh, fica tranquilo que a gente vai, eu vou ver aqui como é que com...” aí chamou um deles e falou como é que é esse jogo aí, aí o Robson foi conversando com ele e foi repassando pra mim. “Robson, pergunta se a gente não pode dar*

uns treininhos, aí”, ele falou “olha, vem aqui dia tal, que vai estar livre a pista, vocês vão dar uns treinos aqui pra vocês conhecerem”, tá ótimo. Aí fui eu e o Robson pra lá. Chegamos lá aí conversava com um dos rapazes lá, aí ele explicou para a gente, “olha, essa bola aqui, que é a bola objetiva, você vai jogar ela, ela tem que passar daquela linha ali que é o objetivo, ela não pode ficar antes. Dali para lá, começa o jogo, aí cada um joga três bolas, essa bola é uma bola específica. Ela, conforme você dá a velocidade ela vai, conforme ela vai parando, ela vai fazendo uma curva, e ela tem um lado do peso”. Tá bom, treinar. Aí eu e o Robson começamos a treinar, assim, do nada. Começamos a treinar. Aí virou para mim e falou assim, “e aí, Luiz, acha que dá?”, “inscreve aí, vamo tentar”.

Participante 6: Então você sabia, olha, por exemplo, 25 metros borboleta, tantos no 25 peito, tantos 100 metros livre, tantos... Para você ir tentando chegar naquele índice, não é. Se você chegasse naquele índice, você era convocado para uma prova, duas provas, três provas. Só que aí quando você chegava lá, você não ia nadar uma prova só, aquela que você conseguiu o índice. Você ia nadar todas.

Já os atletas que participaram da última edição abordada neste estudo (1992 – Barcelona) começaram a fugir dessa característica comum, passaram a se especializar de forma mais pontual, principalmente nas provas de natação e atletismo. No judô, dada à especificidade da modalidade e categorias, não existia esse tipo de prática relatada nas outras modalidades.

O reduzido número de medalhas por atleta, também, pode ser atribuído à pequena experiência dos atletas, em relação ao tempo de treinamento e participação nos Jogos Paralímpicos, ao reduzido número de competições preparatórias e às seletivas para convocação. No depoimento do atleta, que competiu em 1976, não obtivemos informações sobre competições preparatórias ou seletivas; na fala identificamos a expressão “fui escolhido” para participar.

Os demais atletas envolvidos no estudo relataram que participavam de competições regionais, nacionais e algumas internacionais, quando essas existiam, e, assim, definiam-se os índices e convocações.

Participante 6: *Tinha, você participava de campeonatos nacionais, regionais, não é? e você... a ABRADecAR, ela estipulava o índice para você participar da olimpíada. Eu tenho a impressão que esse índice era estipulado já lá pelo comitê olímpico, não é? Mas pelo caso a ABRADecAR, porque ela antes não tinha o comitê olímpico, eu não sei com base em que que eles estipulavam aquele índice.*

Após a convocação, os atletas se concentravam de uma semana a um mês, para uma preparação da seleção que representaria o país nos Jogos Paralímpicos. Nessa concentração ocorria uma lapidação breve do atleta, mas principalmente um entrosamento entre o técnico que estaria à frente da seleção que, na maioria dos casos, não era o técnico com os quais os atletas treinavam ao longo do ano.

As concentrações aconteciam, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro, no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN), possivelmente por nessa cidade estarem as sedes da ANDE e da ABRADecAR, que naquele período geriam o paradesporto no Brasil. Mas isso não foi regra para todas as edições e nem para todos os atletas.

Essas concentrações aconteciam com durações variáveis, e os atletas afirmaram que não havia condições adequadas de acessibilidade e de treino. E um fator de muita insatisfação relatado é que, muitas vezes, já em fase de concentração, os atletas não sabiam se haveria verba para que eles fossem para a competição. As delegações brasileiras até 1988 não tinham sequer uniforme, deixando à mostra algumas dificuldades financeiras enfrentadas pelos pioneiros do esporte paralímpico no país.

6.3 Categoria 3: incentivos e obstáculos para a prática do esporte

Todo processo de implantação ou inovação de qualquer setor requer incentivos, preparação profissional e investimentos, no sentido mais amplo da palavra. Abordamos as iniciativas e as considerações sobre os profissionais, portanto focou-se nessa categoria na

análise dos investimentos financeiros para o desenvolvimento e prática do esporte paralímpico no período de 1976 a 1992. Além disso, tratou-se do encerramento da carreira desses atletas.

O primeiro decreto de organização do desporto no país data de 14 de abril de 1941, o Decreto-Lei n. 3.199, em que “se instituiu no Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Desportos, destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país” (BRASIL, 1941). De acordo com Starepravo (2005), essa lei contribuiu para regulamentação das entidades esportivas, definição das funções do Estado em relação ao esporte e orientações sobre administração das práticas esportivas. E não havia nenhuma menção ao esporte para pessoas com deficiência, tendo em vista que as primeiras manifestações registradas no país datam do final da década de 1950. Mas foi a partir do Conselho Nacional de Desportos que o esporte paralímpico se subsidiou, em especial para participar de competições abordadas neste estudo.

A falta de um órgão único que representasse e, principalmente, administrasse esse setor do esporte por anos (1958 a 1975) fez com que a falta de organização financeira e de captação de verba fosse sempre um entrave para o desenvolvimento do esporte paralímpico. Os participantes apontaram que existiam dificuldades financeiras em diversos aspectos: para aquisição de materiais, em infraestrutura, para participação e realização das competições nacionais e internacionais, e, especialmente, a inexistência da remuneração do atleta.

Ferreira (2007) considera em seu estudo que a “criação de infraestruturas e a disponibilidade de recursos materiais são fundamentais, para o desenvolvimento do atleta de alto rendimento, servem como indicador importante da política esportiva de um país”. E, para que tais ações sejam efetivadas, o investimento e o financiamento são primordiais para alcançar bons resultados.

Nesse mesmo estudo, o autor destaca, também, a importância de centros de treinamento especializados, como já informado pelos atletas. Eles treinavam em estruturas convencionais, sem acessibilidade ou adaptação. E no final de 2013 é que o Brasil deu início à construção do seu primeiro centro de treinamento especializado no esporte paralímpico, que se configura como um legado dos Jogos Paralímpicos que ocorrerão no país em 2016, quase 60 anos após os passos iniciais do esporte.

Um ponto comum apresentado pelos atletas eram a dificuldade e a incerteza de participação nessas edições dos jogos. Os atletas eram convocados, mas não sabiam até o último momento se realmente iriam para a competição por falta de verbas para as passagens.

Participante 3: *Que quando foi para a gente ir para Nova York, eles tinham... nós éramos em seis atletas, como eu falei. Cinco homens e eu de mulher. Tinham cinco passagens. Então, o Mário que é meu ex-marido, ele era o bambambam da época. Ele era o atleta. Nossa ele era o cara do evento, né! O que aconteceu? Ah vamos ter que cortar alguém. Quem vamos cortar? A Ane porque não tinha passagem. Então não tinha, oh, não tem, não tem, não tem. Quando foi na última hora eles conseguiram a passagem. Então, eu fui de última hora. Eu estava classificada, mas não tinha garantia nenhuma de que eu ia. Daí na última hora conseguiram.*

Participante 17: *Eu fiz algumas viagens, eu sei que eu fui pra, eu tive uma primeira oportunidade de viagem, eu fui pra Alemanha. Eu fiz a primeira viagem foi pra Alemanha que nós fizemos, com o time de basquetebol. Nós recebemos esse dinheiro de um ministro, que era o Ministro do Esporte, eu esqueci o nome dele, agora não me recordo o nome dele. Ele conseguiu essa verba pra gente...*

[...] *E nós íamos assim, na época um ministro, na época, não me recordo o nome dele, sempre arrumava essas passagens pra gente porque não tinha, não existia comitê paralímpico brasileiro. Não existia passagem pra, a gente tinha que pedir, tinha que, entendeu, aí se reuniam os atletas, os melhores atletas, formava uma equipe, e a gente ia representar o Brasil, no caso [...].*

[...] *Olha, eu não me recordo do nome desse ministro, na época ele ajudou muito, que ele dava verba para a gente viajar, entendeu, mas era coisa fora da parte do governo, que não tinha nada, não tinha apoio do governo [...].*

As incertezas podiam trazer danos ao desempenho do atleta no sentido de gerar ansiedade, desmotivação, além de prejudicar o técnico sobre prescrição do treinamento no período pré-competitivo. Araújo (1998) afirmou que na década de 1980 o Brasil tinha muitas dificuldades para enviar suas delegações para os Jogos Paralímpicos. Mesmo com algumas associações já formadas e a ANDE à frente do esporte paralímpico, chamamos a atenção para as Paralimpíadas de 1980, na Holanda, de que o Brasil participou com uma delegação de apenas 15 pessoas e não conquistou medalhas. A citação do participante 4 evidencia como a diferença entre a condição dos atletas era percebida em diversas esferas:

Participante 4: [...] *Aí cheguei lá em Seul a gente viu o material deles, a sapatilha era olímpica, né, marca pesada, eles usavam sapatilha mesmo, material, a roupa deles agasalho tudo já era assustador, né ainda mais o treino, o apoio, nós não tínhamos nada em 1988, em 1988 nós tínhamos cara e a coragem só e mais nada e depois fomos para Seul fizemos o nosso papel lá.*

Hoje os atletas brasileiros não enfrentam esse tipo de problema; a partir de 2001, com a Lei Agnelo Piva, o Comitê Paralímpico Brasileiro passou a receber anualmente 15%, do total de 2% da arrecadação das Loterias Caixa para investir no esporte paralímpico (BRASIL, 2001). De acordo com Meira et al. (2012), essa lei representou um marco para o esporte nacional, ao proporcionar um avanço na captação de recursos destinados ao desenvolvimento desportivo brasileiro.

Mas é importante ressaltar que uma nova alteração nesses valores percentuais foi feita, com base na alterada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 6 de julho de 2015, que entrou em vigência em 2016. Sendo assim, de acordo com o artigo 110, parágrafo 1.º:

Do total de recursos financeiros resultantes do percentual de que trata o inciso VI do *caput*, 62,96% (sessenta e dois inteiros e noventa e seis centésimos por cento) serão destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e 37,04% (trinta e sete inteiros e quatro centésimos por cento) ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), devendo ser observado, em ambos os casos, o conjunto de normas aplicáveis à celebração de convênios pela União (BRASIL, 2015).

Diferentemente da situação atual, o quesito remuneração dos atletas não existia; encontramos nas falas dos participantes a menção à palavra patrocínio, mas, transpondo para a realidade atual, eles apenas recebiam apoios esporádicos para participarem das competições, oriundos de amigos ou de empresas onde trabalhavam. E eram buscados de forma independente por cada atleta.

Participante 4: [...] *Então da parte minha estava acostumado, mas os outros sentia numa situação bem delicada, o Brasil não deu apoio nenhum, nenhum, o Brasil foi zerado.*

Participante 3: [...] *A gente não tinha patrocínio de nada. A gente treinava [...].*

[...] Sem patrocínio, sem nada. Nós fomos para o Rio de Janeiro, no final de maio para a gente viajar em junho para Nova York. Não tinha passagem, não tinha uniforme. Não tinha nada. Não tinha tênis, não tinha nada.

Participante 6: [...] *a gente não tinha rendimento nenhum, o atleta não tinha rendimento nenhum, você não ganhava nada, não tinha patrocínio, não tinha nada disso, então você tinha que ter uma estrutura por trás para bancar [...].*

Participante 16: [...] *Então a gente não tinha apoio, não tinha nada, tanto a sel... Quando a gente viajou, a seleção paralímpica, a ABDC estava com maior dificuldade de apoio, e patrocínio para a gente poder viajar. [...] Na época a gente não tinha nada, não.*

Foi citado por alguns atletas que a grande dificuldade de conseguir apoio das empresas acontecia por preconceito, pois não era interessante vincular sua marca a uma pessoa com deficiência.

Participante 10: *Patrocinadores não queriam associar o nome deles a uma pessoa deficiente física: “Porque vou colocar meu nome nas costas de um portador de deficiência?” Como o negro sofria na época com o preconceito racial. Hoje ainda sofre, mas muito mais. Então quer dizer, neguinho não queria associar sua marca a um cadeirante, sabe? Depois de Seul as coisas tenderam a mudar um pouquinho. Não tanto.*

Os atletas trataram ainda sobre algumas recompensas pela conquista de medalha, naquele período já era uma prática comum para os atletas olímpicos, mas ocorreu em proporções bastante diferentes para os atletas paralímpicos. Com relação à situação atual, o Comitê Paralímpico Brasileiro anunciou as recompensas por medalha para atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos de 2016, sendo um montante de aproximados três milhões de reais, assim distribuídos:

O medalhista de ouro em competições individuais receberá R\$ 60 mil por medalha, enquanto a prata renderá R\$ 30 mil cada e o bronze, R\$ 20 mil. O

título paralímpico em modalidades coletivas, por equipes e revezamentos valerá um prêmio de R\$ 30 mil por atleta. A prata, neste caso, será bonificada com R\$ 15 mil e o bronze, com R\$ 10 mil. Atletas-guia, calheiros e pilotos receberão um terço do valor da medalha conquistada por seu atleta (CPB, 2016).

De acordo com os relatos a seguir, são descritas as premiações recebidas pelos participantes:

Participante 6: *Para você ter uma ideia, a única coisa que eu ganhei assim, como atleta, isso foi depois que a gente voltou de Barcelona, que aí chamaram a gente para ir lá para São Paulo, aí fizeram um evento lá, levaram a gente numa churrascaria e deram lá para a gente uma televisão Gradiente, porque não tinha nem esse modelo assim, era um tipo um capacete.*

Participante 20: *Ah, não, essa televisão nós não ganhamos aqui. Pra mim, ganhei um radinho. Não sei por quê. Ah, falou assim, “vai chegar uma televisão pra você, vai chegar uma televisão...” Menina, chegou um rádio (risos).*

E ainda hoje, mesmo com a transformação financeira do cenário do paradesporto no Brasil, esses atletas não têm ou tiveram nenhuma renda em virtude de suas conquistas em prol do país no passado, com exceção de alguns atletas que ainda estão envolvidos em competições ou recebem remuneração por seus feitos após esse período. No Brasil somente depois de 1998, com a Lei Pelé, a prática esportiva profissional foi reconhecida e prevê-se remuneração formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva (BRASIL, 1998). Portanto, hoje é possível encontrarmos atletas que possuem renda mensal fixa, proveniente de incentivos do governo (bolsas), contratos de trabalho e patrocínios, o que não é realidade para os atletas que deram os passos iniciais do esporte paralímpico no país e hoje são esquecidos pelos órgãos responsáveis.

Muitos atletas envolvidos no estudo já encerraram suas carreiras esportivas, isso aconteceu muito cedo para alguns, e os motivos apresentados foram: a necessidade de trabalhar para ter renda, o interesse em constituir família, outros dizem terem sido excluídos pelo surgimento de novos talentos. Dividimos os participantes em três grupos quando tratamos do encerramento de carreira:

a) totalmente desligados do esporte paralímpico: 15 participantes;

b) mantêm atuação no esporte paralímpico: quatro participantes – um participante pratica a mesma modalidade –, porém sem índices para participarem dos Jogos Paralímpicos; outro migrou para uma modalidade que não é paralímpica, mas compete em níveis nacionais, e por último, dois atletas que ainda competem em níveis nacionais e internacionais com possibilidades de índices e convocações paralímpicas.

c) atuação com técnico ou dirigente: quatro participantes – sendo que três atuam como dirigentes em níveis estaduais e nacionais, e um atua como técnico na modalidade que praticava e foi medalhista.

Dos motivos apontados para o encerramento da carreira, o que mais se destaca é a necessidade de ter uma remuneração por ser atleta de alto rendimento. Como naquele período isso não era a realidade do mundo esportivo, logo eles abandonaram o esporte. Onze atletas que participaram do estudo conquistaram somente uma medalha e nove tiveram uma única participação em Jogos Paralímpicos, o que talvez tenha sido um fator negativo para o quadro de medalhas do Brasil.

Bailey (2008) afirma que o aumento do financiamento destinado ao esporte paralímpico se transforma em uma possibilidade de ascensão e reconhecimento social para o indivíduo com deficiência. Mas notou-se que para a maioria dos atletas envolvidos nesse estudo esse reconhecimento não foi factível através do esporte, considerando o período de atuação.

7.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrevistar os atletas pioneiros que participaram dos períodos iniciais de estruturação do esporte paralímpico, diversas constatações foram feitas no sentido de entender com se desenvolveu e evoluiu esse movimento até a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro. Alguns tópicos puderam ser discutidos de maneira mais efetiva com a literatura, mas outros, pelas referências insuficientes, têm sua importância pelo registro inédito e poderão ser base para futuras discussões.

Identificamos que as oportunidades de prática esportiva para pessoas com deficiência no período estudado (1976-1992) foram restritas, pelas poucas ações de inclusão e número reduzido de instituições que ofereciam o esporte para esse público. Além do mais, as questões técnicas e específicas do esporte paralímpico, como a classificação funcional e a definição das modalidades por deficiência, afunilavam cada vez mais a escolha e o acesso ao esporte. Detectou-se a predominância da conquista de medalhas nas modalidades individuais, que por consequência eram as mais praticadas, mesmo se tendo registro de as primeiras iniciativas serem voltadas para o basquetebol em cadeira de rodas.

O atletismo (provas de pista e campo), o judô, a natação eram as modalidades mais praticadas. Algumas justificativas para tal ocorrência podem ser: o custo mais baixo das modalidades por não exigirem muitos equipamentos, como, por exemplo, provas de corridas para deficientes visuais; e também a dificuldade financeira e geográfica de se formar equipes em modalidades coletivas. Como vimos no estudo, a modalidade *lawn bowls* rendeu ao Brasil sua primeira medalha paralímpica, no entanto não era desenvolvida no país.

As dificuldades financeiras acima apontadas no período de iniciação esportiva e principalmente quando os atletas viajavam para as competições foram enfrentadas pelas famílias, que, além de incentivadoras e apoiadoras, exerceram uma função de financiar a vida esportiva dos atletas, uma vez que não existiam recursos governamentais. Alguns atletas relataram a presença de um tipo de patrocínio pontual, configurando-se apenas para pagamento de despesas de competição.

As instituições especializadas no atendimento das pessoas com deficiência também tiveram um importante papel por proporem e incentivarem a prática esportiva,

mesmo quando não tinham infraestrutura, e profissionais capacitados viabilizaram o desenvolvimento do esporte paralímpico através de parcerias.

Diante das dificuldades identificadas de se ter uma infraestrutura adequada com acessibilidade e materiais específicos para o desenvolvimento das modalidades, os profissionais/técnicos merecem destaque pelo fato de que, embora tivessem uma formação acadêmica em Educação Física, não conseguiam, por falta de opções, ter acesso a disciplinas e cursos para qualificação no esporte paralímpico. Contudo a experiência como ex atleta ou como técnico do esporte convencional de alto rendimento possivelmente tenha sido um fator positivo que contribuiu para o desenvolvimento do esporte e para a conquista das medalhas paralímpicas.

Os treinamentos propostos e ministrados pelos treinadores aos atletas brasileiros foram capazes de equipará-los e até de fazê-los superar o desempenho dos seus adversários, deixando de lado diferença qualitativa, equipamentos e falta de materiais oficiais de competição.

O surgimento das entidades gestoras do esporte paralímpico a partir de 1975 proporcionou aos atletas brasileiros melhores possibilidades, uma vez que ficou a cargo dessas entidades a busca de recursos para fomentar o esporte, permitindo aos atletas participações em campeonatos regionais, nacionais e internacionais, no intuito de se qualificarem e também se classificarem para as Paralimpíadas. A partir de 1984, registraram-se períodos de treinamento e concentração das seleções que representariam o país, pois as delegações para os Jogos Paralímpicos passaram a ser organizadas por essas entidades. E nota-se, portanto, com o passar dos anos uma gradativa evolução nesses processos até 1992.

Mesmo diante dessa inicial organização através das entidades, as questões relativas a investimentos governamentais no desenvolvimento do esporte de alto rendimento não foram concretizadas, predominando a falta e a incerteza de recursos para participação em Paralimpíadas e ausência total de remuneração dos atletas. A dificuldade de sobreviver de rendas provenientes do esporte no país fez com que muitos atletas encerrassem suas carreiras de maneira precoce por terem de trabalhar e não poderem se dedicar à vida esportiva.

Após o amplo registro de informações sobre a constituição do esporte paralímpico no Brasil nos anos iniciais de implantação e estabilização enquanto país com representatividade nos Jogos Paralímpicos de Verão desde 1972, alcançaram-se os esclarecimentos dos objetivos específicos de investigação desta pesquisa. Porém, o ineditismo

e a relevância do estudo para o meio acadêmico não ofuscam a importância de se registrar a história dos atletas paralímpicos que foram os pioneiros e tiveram função fundamental para que hoje o Brasil se tornasse uma das potências mundiais nos Jogos Paralímpicos.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Alzira Batalha. **O ensino de História Tradicional: um muro já transposto?** Tese de doutorado. Niterói: Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense, 1995.
- ALENCAR, Benoni. **1996 – Paraolimpíada: o Brasil no Pódio.** Rio de Janeiro: CPB, 1997.
- AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES (AAIDD). Disponível em: <https://aaid.org/intellectual-disability/definition/faqs-on-intellectual-disability#.VrU1d7IrLIU>. Acesso em: 5 fev. 2016.
- ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto adaptado no Brasil.** São Paulo, SP: Phorte, 2011.
- ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade** (Tese de doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: [s.n.], 1996.
- ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.
- ASSIS, Joana de. **Para-heróis.** Caxias do Sul, RS: Belas Letras, 2014.
- ASSOCIAÇÃO DE DEFICIENTE FÍSICO DO ESTADO DE GOIÁS. Disponível em: <http://www.adfego.org.br/adfego/estatuto>. Acesso em: 20 out. 2015.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DESPORTO PARA DEFICIENTES (ANDE). Disponível em: <http://www.ande.org.br/>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- BAILEY, Steve. **Athlete First: A History of the Paralympic Movement.** West Sussex: John Wiley, 2008.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social,** SP: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BORDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.
- BRASIL. Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União – Seção 1 de 16/04/1941 República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1941. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 09 dez. 2015.
- BRASIL. Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, 24 de março de 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm. Acesso: 8 fev.2016.
- BRASIL. Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com

mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 7 fev. 2016.

BRASIL. Lei n. 10.264, de 16 de julho de 2001. Estabelece recursos financeiros para o esporte. Brasília, 16 de julho de 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10264.htm. Acesso em: 10 dez. 2015.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 11 dez. 2015.

BRISOLA, Elisa Maria Andrade; MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. A história oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa: um foco a partir da análise por triangulação de métodos. **Revista Ciências Humanas – UNITAU**. Universidade de Taubaté. Taubaté, v. 4. n.1, p. 124-136, jan-jul. 2011.

BRZ COMUNICAÇÃO. Disponível em: <http://www.brzcomunicacao.com.br/olimpiadas-logotipos-das-edicoes-dos-jogos-olimpicos-de-verao-inverno-e-paraolimpiadas/>. Acesso em: 5 de nov. de 2015.

CENTRO DE AMPARO AO INCAPACITADO FÍSICO (CAIF). Disponível em: <http://caif.atSPACE.org/historico.htm>. Acesso em: 16 dez. 2015.

CAMPOS, André Luiz Vieira. Ciência médica e poliomielite no Brasil na primeira metade do século XX. **Tempos históricos**, volume 13, 2.º semestre, 2009. p. 103-118.

CASTRO, Eliane Mauerberg. **Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

CIDADE, Ruth Eugenia Amarante. Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea. Tese de doutorado – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: [s.n.], 2004.

CLUBE DOS PARAPLÉGICOS DE SÃO PAULO (CPSP). Disponível em: <http://www.cpsp.com.br/site/index.php>. Acesso em: 10 ago. 2015.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). Disponível em: <http://www.cpb.org.br/>. Acesso em: 10 ago. 2015.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). Disponível em: <http://www.cpb.org.br/>. Acesso em: 8 fev. 2016.

CONNOR, Henry. Wenlock and Mandeville. **Journal of Medical Biography**. 20: 93-94. 2012. Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=Connor%20H%5BAuthor%5D&cauthor=true&author_uid=22892297. Acesso em: 5 nov. 2015.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 25, n. 3,

jul. 2004. ISSN 2179-3255. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/236/238>. Acesso em: 7 nov. 2015.

COSTA, Alberto Martins da; WINCKLER, Ciro. A Educação Física e o esporte paralímpico. MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Ateneu, 2012.

DEAFLYMPICS. International Committee of Sports for the Deaf. Disponível em: <http://www.deaflympics.com/games.asp?1924-s>. Acesso em: 5 nov. 2015.

DIE-STADTREDAKTION. Disponível em: <http://www.die-stadtredaktion.de/2014/08/rubriken/sport/weltspiele-der-gelaehmten-in-heidelberg-1972-wegweisend-fuer-die-paralympische-bewegung/>. Acesso em: 2 nov. 2015.

DUTTI, Sérgio. **Vencedores**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 2013.

FERREIRA, Raimundo Luiz. Políticas para o esporte de alto rendimento: estudo comparativo de alguns sistemas esportivos nacionais visando um contributo para o Brasil. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Recife: CBCE; 2007.

FIGUEIRA, Emílio. **Caminhando em silêncio**: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil. São Paulo: Giz Editorial, 2008.

FLORENCE, Rachel Barbosa Poltronieri. **Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004**: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado. (Tese de doutorado) Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. Acervo digital. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/?cmpid=menulate>. Acesso em: 9 de jan. 2016.

FRANKEL, Hans Ludwig. The Sir Ludwig Guttman Lecture 2012: the contribution of Stoke Mandeville Hospital to spinal cord injuries. **Spinal Cord**. **50**, 2012. p. 790-796. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1038/sc.2012.109>. Acesso em: 5 nov. 2015.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo Weischaup; LUCENA, Ricardo Ferreira (Org.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 5-29.

GOFFMAN, Ervig. **Manicômios, prisões e conventos** [tradução de Dante Moreira Leite]. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade: trajetórias de vida. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 83-92, 2007.

GORGATTI, Márcia Greguol; BÖHME, Maria Tereza. Atividade física e a lesão medular. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (IPC). Disponível em: <http://www.paralympic.org/the-ipc/history-of-the-movement>. Acesso em: 20 set. 2015.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR & AMPUTEE SPORTS FEDERATION (IWASF). Disponível em: <http://www.iwasf.com/>. Acesso em: 15 set. 2015.

JEWISH MUSEUM. Disponível em: http://www.jewishmuseum.org.uk/ludwig_guttman. Acesso em: 2 nov. 2015.

JOURNAL OF MEDICAL BIOGRAPHY. Disponível em: <http://jmb.sagepub.com/content/20/3/101/F7.large.jpg>. Acesso em: 2 nov. 2015.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MAIA, Amanda Criste Nobre. Institucionalização de pessoas com deficiência mental: um estudo no Abrigo Desembargador Olívio Câmara. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas (4, 2009: São Luiz). **Anais da IV Jornada Internacional de Políticas Públicas – São Luís**: Universidade Federal do Maranhão/Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2009.

MANDEVILLE LEGACY. Disponível em: http://www.mandevillelegacy.org.uk/page_id__17.aspx. Acesso em: 2 nov. 2015.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **O esporte paralímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. Tese de doutorado – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MONTAGNER, Paulo César. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 637-648, 2009.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MATTOS, Elisabeth. Atividade física nos distúrbios neurológicos e musculares. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom Meihy. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom Meihy; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRA, Tatiana de Barros; BASTOS, Flávia da Cunha; BOHME, Maria Tereza Silveira. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 251-262, June, 2012. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092012000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2015

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. **A prática pedagógica do professor de alunos com deficiência mental**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MIRANDA, Tatiane Jacusiel. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MUNSTER, Mey de Abreu van; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. Atividade física e deficiência visual. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

NEWS ENGLAND – BBC. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-england-19324787>. Acesso em: 2 nov. 2015.

O GLOBO. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 10 de jan. 2016.

OSANDÓN, Patrícia. **Guerreiros paralímpicos: vida e magia**. Brasília: Thesaurus, 2008.

PARSONS, Andrew; WINCKLER, Ciro. Esporte e as pessoas com deficiência – contexto histórico. In: MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Ateneu, 2012.

PEDRINELLI, André; TEIXEIRA, Willian Jacobsen. Atividade física nas amputações e nas anomalias congênitas. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

PEDRINELLI, Verena Junghähnel; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Educação Física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

RADIO TIMES. Disponível em: <http://www.radiotimes.com/news/2012-08-16/meet-ludwig-guttmann---the-Jornal-jewish-doctor-who-fled-nazi-germany-to-set-up-the-paralympic-games>. Acesso em: 2 nov. 2015.

REVISTA DO COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, Edição Especial, n. 38, outubro-novembro, 2011. Disponível em: http://www.cpb.org.br/wp-content/uploads/2012/02/bp_38_fim3_baixa.pdf. Acesso em: 10 de out. 2015.

SANTOS, Wederson Rufino dos. Pessoas com deficiência: nossa maior minoria. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 501-519, set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>.

php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 nov. 2015.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos**. São Paulo: RNR, 2003, p. 12-16.

SAVITZ, Harriet May. **Wheelchair Champions: A History of Wheelchair Sports**. Authors Guild Backin Print Books. 2006

SCHEID, Luciana; ROCHA, Edilson Alves da. Organização Administrativa do Desporto Paralímpico. In: MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Ateneu, 2012.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica artística e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos**. Campinas. Faculdade de Educação Física (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SHERIL, Claudine. Disability sport and classification theory: a new era. **Adapted Physical Activity Quaterly**, Champaign, v. 16, p. 206-215, 1999. Disponível em: <http://journals.humankinetics.com/apaq-back-issues/apaqvolumel6issue3july/disability-sport-and-classification-theory-a-new-era>. Acesso em: 26 nov. 15.

SILVA, Paulo Vinícius Carvalho; FLEITH, Denise de Souza. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. **Rev. Bras. Psicol. Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 1, jun. 2010a. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 23 nov. 2015.

SILVA, Paulo Vinícius Carvalho; FLEITH, Denise de Souza. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. **Rev. Bras. Psicol. Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 1, jun. 2010b. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2015

SILVER, John Russell. Ludwig Guttman (1899-1980), Stoke Mandeville Hospital and the Paralympic Games. **J Med. Biogr.** 20 (3): 101-5, 2012.

SIQUEIRA, Sérgio. **Dinastia paralímpica – Beijing 2008: a inserção social em movimento**. Brasília: SENAC/DF, 2009.

SIQUEIRA, Sérgio; RONCHI, Mike. **Paralímpicos: os deuses de Atenas 2004**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 2005.

SPORTS SPECIAL. Disponível em: <http://sportsspecial.mainichi.jp/news/20141108ddm035050081000c.html>. Acesso em: 2 nov. 2015.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. 2005. **O esporte universitário paranaense e suas relações com o poder público**. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná.

STRUNA, Nanci L. Pesquisa histórica em atividade física. In: THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TEZUKURIKAGU. Disponível em: <http://www.tezukurikagu.com/blog/category/adaptedsports/>. Acesso em: 2 nov. 2015.

THE GUARDIAN. Disponível em: <http://www.theguardian.com/theguardian/from-the-archive-blog/2012/aug/30/archive-history-of-the-paralympics>. Acesso em: 2 nov. 2015.

THE SUNDAY TIMES. Disponível em: <http://www.thesundaytimes.co.uk/sto/sport/article1111606.ece>. Acesso em: 2 nov. 2015.

THIBOUTOT, Armand; CRAVEN, Philip. **The 50th Anniversary of Wheelchair Basketball: A History**. Waxmann Verlag: Munster/New York. 1996. p. 80

THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Manoel Gomes; DA COSTA Lamartine. Treinamento Esportivo. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

VITAL, Roberto; LEITÃO, Marcelo Bichels; MELLO, Marco Túlio De; TUFIK, Sergio. Avaliação clínica dos atletas paralímpicos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 8, n. 3, maio/jun., 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbme/v8n3/v8n3a03.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Reflexões de uma socióloga sobre o uso do Método Biográfico. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.) **Reintroduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, p. 83 a 91, 1996.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. A arte de recriar o passado: a metodologia da história oral e suas contribuições à promoção do envelhecimento bem-sucedido. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, p. 141-160, 2006.

WHEELCHAIRS CAN JUMP. Disponível em: <http://wheelchairscanjump.com/table-of-contents.html>. Acesso em: 2 nov. 2015.

WHEEL POWER – BRITISH WHEELCHAIR SPORT. Disponível em: <http://www.wheelpower.org.uk/wpower/index.cfm/who-we-are/wheelpower-what-we-do/>. Acesso em: 2 nov. 2015.

WINNICK, Joseph. P. Introdução à Educação Física e esportes adaptados. In: WINNICK, Joseph. P. **Educação Física e esportes adaptados**. [Tradução da 3. ed.] de Fernando Augusto Lopes. Barueri, SP: Manole, 2004.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre E Esclarecido

O ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: CONSTITUIÇÃO NO PAÍS ATRAVÉS DAS VOZES, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS ATLETAS MEDALHISTAS DE 1976 A 1992.

Pesquisadora Responsável: **MICHELLE ALINE BARRETO**
Número do CAAE: **32934214.5.0000.5404**

Você está sendo convidado a participar como voluntário de um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houverem perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

O objetivo principal desse estudo é descrever e analisar os aspectos técnicos e as condições gerais correlatas da constituição do esporte paralímpico no Brasil a partir dos depoimentos orais de atletas medalhistas no período de 1976 a 1992.

Os objetivos específicos são:

- a) Identificar os motivos de escolha e os contextos sociais de desenvolvimento do esporte/ modalidade;
- b) Identificar as condições de treinamento no período e treinadores;
- c) Relatar os incentivos e obstáculos para prática do esporte paralímpico;
- d) Verificar o processo de transição de atleta para ex atleta e sua condição atual de ex atleta.

O estudo justifica-se dada a importância de se compreender a relação entre pessoa com deficiência, esporte paralímpico e sociedade, por meio da história dos participantes que viveram esse processo de constituição do esporte paralímpico ou parte dele. Torna-se fundamental para se ter a real ideia da constituição desse movimento no país em especial na formação e treinamento do atleta com deficiência. Um outro aspecto fundamental é a escassez de estudos voltados para o esporte paraolímpico nesse período.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a gravar uma entrevista em áudio que será transcrita literalmente e utilizada para fins científicos.

Essa entrevista será gravada em uma única sessão, e a pesquisadora responsável se deslocará até o local pré-determinado pelo sujeito da pesquisa para a coleta de dados, não sendo necessário o deslocamento para coleta de dados. O tempo previsto para a realização da coleta de dados é de aproximadamente uma hora.

Armazenamento do material coletado :

As entrevistas coletadas por meio de áudio serão arquivadas em meio digital na instituição de ensino, mais especificamente no Laboratório de Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, durante cinco anos à disposição dos participantes, após esse período será devidamente descartado. Fotos e outros documentos que sejam fornecidos pelo entrevistado não serão arquivados, apenas utilizados para o estudo.

() concordo com armazenamento

() não concordo com armazenamento

Caso o sujeito não concorde, o material será utilizado na pesquisa e automaticamente descartado.

Desconfortos e riscos:

A pesquisa não contém métodos invasivos nem procedimentos nocivos, portanto apresenta riscos mínimos aos participantes. Contudo, caso haja qualquer dano ou transtorno aos participantes da pesquisa, esta poderá ser suspensa, se necessário. Sendo de responsabilidade da própria pesquisadora quaisquer danos, que serão ressarcidos.

Benefícios:

Este estudo pretende registrar um período ainda pouco estudado da história do desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência no país.

A sua participação nesse estudo não trará benefícios diretos à você nesse momento, contudo o estudo pretende dar voz aos indivíduos que fizeram parte desse contexto de estruturação, implementação e expansão do esporte para esse público. Pretende-se ainda construir uma possível história coletiva, baseada nos aspectos técnicos e sociais do desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil, contada pelos atletas que viveram esse período. Assim constituindo uma história desse momento de suma importância para o movimento paralímpico brasileiro.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento:

Não haverá ressarcimento pela participação da pesquisa.

A pesquisadora se deslocará até o local da coleta de dados indicada pelo sujeito, este poderá ser sua residência ou outro lugar preferido, de forma a não gerar ônus ao participante.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com Michelle Aline Barreto, na Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Departamento de Estudos da Atividade Adaptada. Faculdade de Educação Física - UNICAMP Caixa Postal: 6134. Cidade Universitária Zeferino Vaz CEP: 13083-970 - Campinas, SP - Brasil - Caixa-postal: 6134. Contato telefônico (35) 9931-3529. E-mail: michelle.barreto@yahoo.com.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter sido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

_____ Data: ____ / ____ / ____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do responsável)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____ / ____ / ____.

(Assinatura do pesquisador)

APÊNDICE B – Ficha de Identificação do Atleta

Nome: _____

Naturalidade: _____

Data de nascimento: _____

Idade de início no esporte paralímpico: _____

Escolaridade: _____

Com que idade começou a praticar atividade física? _____

O que praticava? _____

Qual sua deficiência? _____

Sua deficiência é: () congênita ou () adquirida

Se adquirida – quando: _____

Como: _____

Antes da deficiência você praticava alguma atividade física? Qual? _____

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista

I - SOBRE A INICIAÇÃO ESPORTIVA

- a) Por que escolheu essa modalidade?
- b) Início do seu treinamento (Onde? Quando?);
- c) Qual o objetivo que você tinha com o esporte?
- d) Você teve apoio familiar?

II – ESTRUTURA DE METODOLOGIA DO TREINAMENTO

- a) Horas de treinamento por dia (já na fase profissional)?
- b) Os treinos eram em grupo ou individualizado? Se em grupo, outras com pessoas com deficiência ou não?
- c) Como eram seus treinos?
- d) Quais as adaptações e materiais que eram utilizados para o treino?

III – ESTRUTURA DOS LOCAIS DE TREINAMENTO

- a) Como era(m) o (s) local(is) que você treinava?
- b) Como era a estrutura, se comparado às estruturas de competição oficial da época?
- c) O que foi primordial em seu treinamento para você chegar às Paralimpíadas?
- d) Existia uma preocupação nutricional, psicológica ou outra com o atleta?

IV – TREINADORES

- a) Seus treinadores possuíam formação profissional em Educação Física? Eles tinham alguma experiência para trabalhar com pessoas com deficiência?
- b) Qual foi o treinador de maior destaque em sua ascensão profissional?
- c) Como era sua relação com seu(s) treinadores(s)?

V – PARALIMPÍADA

- a) Como foi o processo de qualificação para o evento?
- b) Houve um período de treinamento específico? Em outro local ou outra estrutura?

- c) Como foi a preparação para paralimpíada?
- d) Você estava preparado para um evento de grande porte?
- e) Você percebeu grandes diferenças estruturais e de condicionamento entre você e seus adversários?
- f) Você passou por classificação funcional ou médica? No Brasil ou fora? Quando e como foi?
- g) Houve algum suporte financeiro para sua participação?
- h) Como foi ganhar a medalha? O que representou para você?
- i) Alguém ou algo influenciou de forma determinante para seu resultado?
- j) Qual foi a repercussão na mídia de sua conquista?

VI – APOSENTADORIA E VIDA APÓS O ESPORTE

- a) Quando e como você decidiu parar?
- b) Você se preparou para esse processo? Por quê?
- c) O que você faz hoje é influenciado por sua carreira de atleta?

VII – VISÃO GERAL DO ESPORTE PARALÍMPICO

- a) A visão do esporte paralímpico hoje?
- b) Como você o atleta de hoje em relação à sua condição de atleta?
- c) Como você vê o futuro do esporte e do atleta paralímpico?

ANEXO A – Notícias das primeiras exposições de esportes paralímpicos no Brasil.

Divulgação dos jogos de exibição dos atletas com deficiência no Brasil, publicado em 23 de Abril de 1957, no jornal O Globo, Geral, página 6.

Em Cadeiras de Rodas Provarão Que Basquete se Joga Com a Cabeça

Chegaram os Atletas Semiparalíticos Dos Pan Am Jets — Exibição Sábado, no Maracanãzinho — Serão Recebidos Pelo Presidente



Atletas semiparalíticos fotografados com duas aeronaves, após o desembarque

PARA demonstrar que o basquetebol também pode ser jogado em cadeiras de rodas com muita boa-vontade, prática e, principalmente, com cabeça, chegaram ontem ao Rio, viajando pela Pan-American, seis dos dezoito atletas semiparalíticos da equipe dos Pan Am Jets. Vão exibir-se no próximo sábado, no Maracanãzinho, sob o patrocínio das Pioneiras Sociais e da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, como noticiamos.

Campeões Americanos

Os Pan Am Jets, funcionários do departamento de contabilidade da Pan American em Brooklyn, foram campeões norte-americanos do basquetebol jogado em cadeiras de rodas, competindo com 35 quadros. Já venceram também na Inglaterra. Os seis atletas que chegaram são Bill Shea, Saul Welger, Mário d'Antônio, Percy Mabee, Júlio Giacoppo e John Basile, cujas idades variam de 23 a 36 anos. Todos passaram, durante longo período, por um centro de reabilitação das vítimas da paralisia infantil.

Falando a O GLOBO, Giacoppo, de 23 anos, o mais novo integrante dos Pan Am Jets, disse que seu treinamento é feito duas vezes por semana, à noite, durante três horas cada exercício. Acentuou que as regras do seu basquetebol

são as mesmas seguidas pelos quadros normais, naturalmente com algumas modificações, como: 1) um jogador na ofensiva não pode ficar mais de seis segundos na boca do garrafão sem atirar a bola à cesta; 2) cada jogador, para driblar, deve dar duas rodadas com a cadeira e dois taps na bola, com uma ou ambas as mãos e 3) não é permitido contato pessoal, o que reduz a em lance livre.

Com o Presidente

Ontem à noite os atletas do Pan Am Jets deram uma exibição de pingue-pongue no Tijuca Tênis Clube. Hoje à tarde visitarão o Prefeito, no Palácio Guanabara, e amanhã serão recebidos, às 10 horas, pelo Presidente da República. Almoçarão em várias entidades, passearão pela cidade, irão a Petrópolis, São Paulo e retornarão, a seguir, aos Estados Unidos.

Técnico Globetrotter

Outros dois grupos de atletas paraplégicos (alguns usando muletas, outros não) chegarão hoje e no dia 25. Integrando a última turma virá Junius Kellogg, que já pertenceu à equipe do Harlem-Globetrotters e foi vítima de um acidente automobilístico, ficando paralisado em consequência de fratura na espinha. Kellogg é um gigante de mais de dois metros de altura e pesa 125 quilos, exercendo atualmente as funções de treinador da equipe da PAA. Além de seus conhecimentos, Kellogg é emérito jogador de "snooker", e fará uma demonstração na ABI, no próximo dia 26, enfrentando o jornalista Antônio Buono Jr.

Divulgação dos jogos de exibição dos atletas com deficiência no Brasil, publicado em 23 de Abril de 1957, no jornal O Globo, Geral, página 24.

**SÁBADO A EXIBIÇÃO
DOS "PAN AM JETS"**

Jogarão Basquete em Ca-
- deiras de Roda no
Maracanãzinho

Sob os auspícios das Pioneiras Sociais e da Associação Brasileira Beneficente de Recuperados (ABBR), exibirão no próximo sábado à noite, no Maracanãzinho, num jogo de basquete sobre cadeiras de rodas, os Pan Am Jets, jogadores paraplégicos, funcionários da Pan American Airway. A exibição dos Pan Am Jets, que terá um caráter beneficente e educativo, será assistida pelos paralíticos internados nos hospitais da cidade e que serão levados ao Ginásio Gilberto Cardoso, pelas Pioneiras Sociais e pela ABBR. Haverá também um "show" artístico e demonstrações de arco e flecha, arremesso do dardo e tênis de mesa pelos atletas-paralíticos da Pan American. Serão cobrados os seguintes preços para o ingresso do público: Camarotes, Cr\$ 200,00; Cadeiras numeradas, Cr\$ 50,00; Arquibancadas, Cr\$ 20,00.

Fonte: Acervo digital O Globo.

Divulgação dos jogos de exibição dos atletas com deficiência no Brasil, publicado em 26 de Abril de 1957, no jornal O Globo, Geral, página 12.

Amanhã a Exibição Dos "Pan am Jets"

À Tarde, no Maracanãzinho, o Espetáculo Patrocinado Pelas Pioneiras Sociais e Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação

NO GINÁSIO Gilberto Cardoso, o conhecido Maracanãzinho, será realizada amanhã, à tarde, a anunciada exibição dos atletas paralíticos da Pan America Airways, os "Pan Am Jets", numa partida de basquetebol em cadeiras de rodas. Os "Pan Am Jets", que já fizeram demonstrações de tênis de mesa no Tijuca Tênis Clube e de arco e flecha nos jardins do Palácio Guanabara, cumprirão amanhã, à tarde, a sua mais movimentada exibição que será a do basquete em cadeiras de rodas.

O espetáculo terá o patrocínio das Pio-

neiras Sociais e da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, e, para facilidade do público, haverá venda de ingressos a partir de hoje, sexta-feira, nos seguintes locais: Teatro Municipal, Rádio Nacional, sede da A.B.B.R., à Rua 13 de Maio n. 23, sala 901, e ainda num posto especial no Edifício Marquês de Herval, à Avenida Rio Branco, 185 (esquina de Almirante Barroso). Os preços dos ingressos serão estes: camarotes, com quatro lugares, Cr\$ 200,00; cadeiras, Cr\$ 50,00, e arquibancadas, Cr\$ 20,00.

Fonte: Acervo digital O Globo.

Divulgação dos jogos de exibição dos atletas com deficiência no Brasil, publicado em 26 de Abril de 1957, no jornal O Globo, Geral, página 12.

Flugrentes de uma disputa de bola entre os quadros participantes, levando a melhor na oportunidade um dos jogadores dos Jatos da melhor posição para atacar

Panair, que jogaram de camiseta branca. Pode ser notado que os seus companheiros, à esquerda, já começam a se locomover, procurando a melhor posição para atacar

Brilhante Exibição Dos "Pan am Jets"

Os Famosos Paraplégicos Entusiasmaram o Público no Ginásio do Maracanã — Vencedores Por 34x32 os Jatos da Panair — "Show" de Carlos Machado

DELO espetáculo foi o realizado sábado à tarde no Ginásio do Maracanã, onde se apresentaram os famosos "Pan Am Jets", jogadores de basquete de cadeiras de roda. Demonstrando um espírito forte e um moral invejável, sem nenhum resquício de qualquer complexo, os paraplégicos da Pan-American World Airways entusiasmaram o grande público presente, não só pelo fim benéfico de que se revestiu o espetáculo mas também pela técnica com que se entregaram ao jogo prôpriamente dito de basquete.

O que se viu no Maracanã foi uma partida diferente, é verdade, mas só no modo como se apresentaram os participantes, pois no resto foi um basquete bom que se observou, com chaves, bloqueios e cestas sensacionais. O entusiasmo dos jogadores era tal, que muitas vezes no afã de recuperar uma pelota que escapava de seu controle, iam eles ao chão, caindo de suas cadeiras, e novamente sentavam-se com a ajuda de outras pessoas, tudo isto sem o mínimo complexo, numa demonstração extraordinária de moral. Compreendendo tudo o que era dado a assistir, o público não regateou aplausos ao "Pan Am Jets" saindo

satisfeito do Ginásio pelo espetáculo brilhante que presenciou.

Números de "Show"

Antes da apresentação do "Pan Am Jets" o produtor Carlos Machado exibiu vários números do seu espetáculo "Rio de Janeiro a Janeiro" com Grande Oito em destaque, o que também agradou plenamente ao público presente.

Vitória Dos Jatos da Panair

O cotejo de basquete foi disputado por duas equipes americanas, uma com a denominação de "Pan Am Jets" e outra com a de "Jatos da Panair". O "match" foi equilibrado e brilhante, havendo sempre equivalência de cestas.

No 1.º quarto, os Jatos assinalaram 10x8, no primeiro tempo viraram os "Jets" à frente em 18x16, no 3.º quarto ainda os "Jets" lideravam por 28x26 para ao final os Jatos obterem a vitória por 34x32.

Funcionaram na arbitragem os americanos William Shea e Wilhoir Condor, sendo estes os marcadores: Jatos — Mário 8, Peti 8, John, Jerry 6, Contes 2 e Julie 10; "Jets" — Joe 2, Saul 12, Joseph 2, Bill, Perky 2, Tony 14 e Kellogg.



Kellogg, ex-jogador dos Globetrotters e atual preparador dos "Pan Am Jets", beija uma das componentes do "show" de Carlos Machado, que se apresentou antes da partida de basquete



Fonte: Acervo digital O Globo.

Divulgação dos jogos de exibição dos atletas com deficiência no Brasil, publicado em 1 de Maio de 1957, no jornal Folha de São Paulo, página 7.



O PUBLICO ESPORTIVO de São Paulo soube prestigiar essa extraordinária campanha dos cestobolistas **paraplegicos** que os Estados Unidos nos mandaram. Exemplos de coragem e de fé, os componentes das equipes do "Pan Am Jets" e do "Jatos da Panair" tiveram a sua peleja disputada anteontem à noite no ginásio do Ibirapuera presenciada por grande numero de torcedores, que lá estiveram não tanto para ver a impressionante classe exibida pelos ases do cestobol em cadeiras de roda, mas para render-lhes um justo tributo de admiração e reconhecimento pela esplendida obra que estão realizando em prol da recuperação moral de todos os seres humanos vitimados pela incapacidade física. Nos flaps acima vemos duas crianças paralisadas entregando flâmulas aos capitães Angelim e Amauri (respectivamente do Corinthians e do Tietê) e uma fase do jogo "Pan Am Jets" vs. "Jatos da Panair", vencidos por estes últimos por 40 a 31. As duas equipes norte-americanas estiveram ontem cedo em Santos, participando de mais uma festa em benefício da Associação de Assistência a Criança Defeituosa, e ontem mesmo, à noite, encetaram a viagem de regresso à sua pátria. Boa viagem, bravos campeões da força de vontade!

Fonte: Acervo digital Folha de São Paulo.

ANEXO B – Notícias da primeira participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos – 1972.

Divulgação da primeira participação de atletas brasileiros em Paralimpíadas. Publicado em 22 de Maio de 1972, no jornal O Globo, página 32.

Paraplégicos também estarão em Munique

Válter pega a bola e lança para Cláudio. Ele para sua cadeiras de rodas, segura a bola de basquete com firmeza e arremessa em direção do aro. É cêta. A torcida aplaude com entusiasmo. Ela tem um ídolo: Cláudio, o melhor jogador.

Cinco vezes por semana, quase sempre à noite, 23 pessoas se reúnem num ginásio e começam a praticar diversas modalidades de esportes. Eles disputam uma das onze vagas existentes para as Olimpíadas de Munique. São 25 paraplégicos que, no barro da Piedade, treinam com entusiasmo no Clube dos Paraplégicos da Guanabara.

Fundado em 64, o clube está tentando difundir o esporte entre os deficientes físicos. Na sua luta, Aldo Micollis — coordenador geral de esportes — conseguiu no Conselho Nacional de Desportos onze passagens para as Olimpíadas. — Nós estamos treinando em ritmo intenso. Verificando os melhores índices para fazer uma seleção final. Somente no dia 16 de junho é que sairá a lista de convocados. Só temos onze vagas, até agora, e temos que reunir os melhores e mais versáteis. Nossa idéia é representar bem o Brasil no exterior.

Na Piedade, no final de 1963, alguns rapazes paraplégicos se uniram para decidir sobre a fundação de um clube. Depois de muita conversa e vários planos, ficou acertada uma coisa: muito trabalho. Quem explica é Abraão Gomes de Sousa, presidente do clube.

— Nós não tínhamos praça de esportes. Num bate-papo, um de nós, nem me lembro quem foi, teve a idéia de fundar o clube. Convidamos outros amigos e chegamos à conclusão de que vender bolas se-

ria uma boa maneira de começar. Hoje já temos um ginásio, a sede e estamos partindo para outras realizações. Mas não largaremos a venda de bolas.

O esporte como esporte e não como terapêutica ou fuga. Esta é a mentalidade dos 23 atletas e 75 torcedores. Ninguém leva em conta os problemas físicos. Muitos são casados. Outros solteiros que levam uma vida regular: 40 moram no clube, frequentam balões, passeiam e têm namoradas.

O treino

A expectativa é geral. Está na hora de começar o treinamento da turma de basquete — o esporte de melhores condições técnicas. Todos disputam uma vaga para as Olimpíadas de Munique. Em cada cabeça um sonho: representar o Brasil.

Aldo Micollis reúne o grupo e começa o treino individual. Ginástica, corrida e flexões. Todos estão animados. A torcida aplaude os de sua preferência. Num canto, existe uma mesa de sinuca. Negão disputa uma partida entusiasmada. Falta encaixar duas bolas. Mas quando o bate-bola começa, Negão prefere pegar sua muleta e entregar o jogo ao adversário: "Treino de basquete é muito importante. Aqui estão os melhores jogadores do Brasil".

Na expectativa da torcida está a dúvida dos jogadores. Todos querem ser titulares. Querem viajar para Munique. O técnico começa a distribuir as camisas pelo time de reservas. A medida que vai entregando, o suspense aumenta. Os que sobram ficam alegres. Cláudio e Válter são os únicos titulares. Depois de escaladas as equipes, entram em campo a Amarela — titu-

lares — e a Vermelha — reservas — no final do jogo, o time principal venceu por 16 a 6.

Dificuldades

No Clube dos Paraplégicos o atleta sempre pratica mais de um esporte. Natação, corrida, atletismo, boiche e basquete são alguns dos esportes em desenvolvimento. Mas há sempre um problema em cada reunião: não existe local para o aperfeiçoamento técnico. Os clubes de melhores condições financeiras estão sempre ocupados.

A natação está treinando na praia. Mas não há reclamações. Existe somente um objetivo: vencer. O pessoal do atletismo cada dia vai para um local diferente. Mas tudo será resolvido afirma Micollis —, que está entrando em entendimentos com vários clubes.

As medalhas

Vinte medalhas conquistadas nos Pan-Americanos da Argentina e Jamaica e um título nos Jogos Nacionais de Nova York são os títulos internacionais conquistados pelos atletas paraplégicos.

Final de treino. Todos se abraçam, conversam, discutem novas táticas. Um final alegre. Todos vão se arrumar. A conversa é sempre a mesma: Olimpíadas de Munique. Vencer, conquistar medalhas e ter um bom desempenho em Munique são os principais sonhos. Sonhos que estão prontos a se concretizarem. Até o dia 16 de junho, quando terminará a fase de treinamentos, tudo será dúvida. Uma dúvida para quem tem certeza de que está cumprindo seu objetivo: competir, lutar e difundir o esporte.



No esforço de todos a esperança de ir a Munique

Fonte: Acervo digital O Globo.

Divulgação da primeira participação de atletas brasileiros em Paralimpíadas.

Divulgação da primeira participação de atletas brasileiros em Paralimpíadas.

Publicado em 24 de Maio de 1972, no jornal O Globo, página 21.

Paraplégicos treinam hoje sua seleção

"Mostrar que o Brasil é bom de bola, também em cadeiras de rodas". Esse é o lema do Clube dos Paraplégicos, da Guanabara que mandará uma equipe para os Jogos Olímpicos de Munique. O time de basquete treinará hoje, às 19 horas, na Rua Virgem Peregrina, 148, Piedade.

Aldo Micollis, coordenador de esportes, está empenhado em conseguir mais 9 passagens para a Alemanha, pois são 20 atletas e o Conselho Nacional de Desportos deu somente 11. Além do basquete, as equipes de atletismo, natação, tênis de mesa, arco e flecha, halterofilismo e bôliche têm treinado com intensidade.

Fonte: Acervo digital O Globo.

Divulgação da primeira participação de atletas brasileiros em Paralimpíadas. Publicado em 19 de Maio de 1972, no jornal O Globo, página 21.

CND dá auxílio a paraplégicos

O Clube dos Paraplégicos, com sede na Piedade, acaba de conseguir do CND a concessão de 10 passagens aéreas para que sua equipe possa comparecer às Olimpíadas dos Paraplégicos, marcadas para Munique.

Fonte: Acervo digital O Globo.

Divulgação da primeira participação de atletas brasileiros em Paralimpíadas. Publicado em 22 de Maio de 1972, no jornal O Globo, página 8.

Publicado em 19 de Junho de 1972, no jornal O Globo, página 39.

Paraplégicos escalaram para mundial

A direção técnica do Clube Paraplégico relacionou os 14 atletas brasileiros que participarão dos XXI Jogos Olímpicos de 1 a 10 de julho na Alemanha. A seleção participará nas classes 5, 4 e 3 nas modalidades de basquete, natação, arco e flecha, tênis de mesa, "snooker", bôliche e corrida rasa com obstáculos. Até o dia da viagem para a Alemanha prevista para o dia 29 de julho, pela Luftansa, às 15 horas, no Galeão, três dirigentes serão escolhidos e com o técnico Aldo Micollis completará uma delegação de 18 pessoas.

A relação dos atletas foi feita ontem à noite na sede do Clube Paraplégicos. Classe 5 — Lourival, Haroldo, Osvaldo, D'penha, Roberto e Getúlio; classe 4 — Robson, Cláudio, Luis Carlos, Valério e Maria Aparecida; classe 3 — Válder Sales, Abraão e Sérgio. Os cortados foram: Paulo Bonfim, José Maria, Joel Lopes, Manuel da Silva e J. Laércio.

Fonte: Acervo digital O Globo.

Paraplégicos também estarão em Munique

Válter pega a bola e lança para Cláudio. Ele pára sua cadeira de rodas, segura a bola de basquete com firmeza e arremessa em direção de arô. E ceta. A torcida aplaude com entusiasmo. Ela tem um ídolo: Cláudio, o melhor jogador.

Cinco vezes por semana, quase sempre à noite, 25 pessoas se reúnem num ginásio e começam a praticar diversas modalidades de esportes. Eles disputam uma das onze vagas existentes para as Olimpíadas de Munique. São 25 paraplégicos que, no barro da Piedade, treinam com entusiasmo no Clube dos Paraplégicos da Guanabara.

Fundado em 64, o clube está tentando difundir o esporte entre os deficientes físicos. Na sua luta, Aldo Micollis — coordenador geral de esportes — conseguiu no Conselho Nacional de Desportos onze passagens para as Olimpíadas. — Nós estamos treinando em ritmo intenso. Verificando os melhores índices para fazer uma seleção final. Somente no dia 16 de junho é que sairá a lista de convocados. Só temos onze vagas, até agora, e temos que reunir os melhores e mais versáteis. Nossa idéia é representar bem o Brasil no exterior.

Na Piedade, no final de 1963, alguns rapazes paraplégicos se uniram para decidir sobre a fundação de um clube. Depois de muita conversa e vários planos, ficou acertada uma coisa: muito trabalho. Quem explica é Abraão Gomes de Sousa, presidente do clube. — Nós não tinhamos praça de esportes. Num bate-papo, um de nós, nem me lembro quem foi, teve a idéia de fundar o clube. Convidamos outros amigos e chegamos à conclusão de que vender bolas se-

ria uma boa maneira de começar. Hoje já temos um ginásio, a sede e estamos partindo para outras realizações. Mas não largaremos a venda de bolas.

O esporte como esporte e não como terapêutica ou fuga. Esta é a mentalidade dos 25 atletas e 75 torcedores. Ninguém leva em conta os problemas físicos. Muitos são casados. Outros solteiros que levam uma vida regular; 40 moram no clube, frequentam bailes, passeiam e têm namoradas.

O treino

A expectativa é geral. Está na boca de começar o treinamento da turma de basquete — o esporte de melhores condições técnicas. Todos disputam uma vaga para as Olimpíadas de Munique. Em cada cabeça um sonho: representar o Brasil.

Aldo Micollis reúne o grupo e começa o treino individual. Ginástica, corrida e flexões. Todos estão animados. A torcida aplaude os de sua preferência. Num canto, existe uma mesa de sinuca. Negão disputa uma partida entusiasmado. Falta encaixar duas bolas. Mas quando o bate-bola começa, Negão prefere pegar sua muleta e entregar o jogo ao adversário: "Treino de basquete é muito importante. Aqui estão os melhores jogadores do Brasil".

Na expectativa da torcida está a dúvida dos jogadores. Todos querem ser titulares. Querem viajar para Munique. O técnico começa a distribuir as camisas pelo time de reservas. A medida que vai entregando, o suspense aumenta. Os que sobram ficam alegres. Cláudio e Válter são os únicos titulares. Depois de escaladas as equipes, entram em campo a Amarela — tilu-

lares — e a Vermelha — reservas — no final do jogo, o time principal venceu por 16 a 6.

Dificuldades

No Clube dos Paraplégicos o atleta sempre pratica mais de um esporte. Natação, corrida, atletismo, bolche e basquete são alguns dos esportes em desenvolvimento. Mas há sempre um problema em cada reunião: não existe local para o aperfeiçoamento técnico. Os clubes de melhores condições financeiras estão sempre ocupados.

A natação está treinando na praia. Mas não há reclamações. Existe somente um objetivo: vencer. O pessoal do atletismo cada dia vai para um local diferente. Mas tudo será resolvido afirma Micollis —, que está entrando em entendimentos com vários clubes.

As medalhas

Vinte medalhas conquistadas nos Pan-Americanos da Argentina e Jamaica e um troféu nos Jogos Nacionais de Nova York são os títulos internacionais conquistados pelos atletas paraplégicos.

Final de treino. Todos se abraçam, conversam, discutem novas táticas. Um final alegre. Todos vão se arrumar. A conversa é sempre a mesma: Olimpíadas de Munique. Vencer, conquistar medalhas e ter um bom desempenho em Munique são os principais sonhos. Sonhos que estão prontos a se concretizar. Até o dia 16 de junho, quando terminará a fase de treinamentos, tudo será dúvida. Uma dúvida para quem tem certeza de que está cumprindo seu objetivo: competir, lutar e difundir o esporte.

Aldo Micollis, técnico e primeiro torcedor

Com a aproximação dos Jogos Olímpicos um homem não pára. Ele escreve cartas para as Federações, mantém contato com firmas particulares e apela para dirigentes de clubes. Aldo Micollis é o Coordenador de Esportes do Clube dos Paraplégicos da Guanabara. Nas suas andanças já conseguiu 11 passagens no Conselho Nacional de Desportos para mandar uma seleção a Munique.

Aldo é o técnico da seleção paraplégica de basquete. Antes de cada treino faz uma preleção mandando que todos pratiquem mais de um esporte, pois "assim pode-

rão prestar melhores serviços ao Brasil".

— Eu gosto muito desta vida. Aqui cada um tem sua função. Apesar de não ter defeito físico, estou interessado em ajudar e com a chegada das Olimpíadas estamos armando uma excelente equipe.

O Coordenador de Esportes afirma que no clube, além da prática de esporte, também são administradas aulas. São 70 alunos e 14 professores, todos cegos.

— O rendimento das aulas é excelente. A TV Educativa inclusive vai filmá-las para

divulgar pelo Brasil. Daí todos podem imaginar sua qualidade.

Um jogo entre a seleção carioca e a paulista está marcado para dia 3, na quadra do Mackenzie. Os jogadores estão esperando com ansiedade, e Aldo Micollis quer toda potência na quadra.

— O time que jogará será o mesmo das Olimpíadas. Vamos apresentar uma equipe com ótimo conjunto, bons valores individuais e uma grande vontade de vencer. A mesma vontade que nos levará a um bom resultado na Alemanha.

Fonte: Acervo digital O Globo.

Divulgação da primeira participação de atletas brasileiros em Paralimpíadas. Publicado em 22 de Maio de 1972, no jornal O Globo, página 8.

Aos 22 anos, Cláudio sabe de tudo no basquete

A certeza de um bom desempenho em Munique, a vontade de vencer e a esperança de ajudar cada vez mais o progresso do Clube dos Paraplégicos da Guanabara são os principais ideais do Cláudio Antônio de Araújo, um rapaz de 22 anos e o melhor jogador de basquete, na opinião de torcedores e de seus próprios companheiros.

Cláudio já disputou dois Pan-Americanos de Paraplégicos. O primeiro foi na Argentina, onde conquistou uma me-

dalha de prata. O outro, na Jamaica. Na sua opinião, o atual time de basquete do Clube dos Paraplégicos é o melhor do Brasil e tem muitas possibilidades de conseguir uma medalha de ouro em Munique.

— Nosso time está bem preparado técnica, tática e psicologicamente. O Professor Aldo Mecollis, coordenador de esportes e técnico, está acelerando nossa preparação. Durante a semana fazemos treinos individuais e técnicos. Is-

so vem ajudando bastante.

Para o jogador, a seleção brasileira paraplégica de basquete, que tem como base os jogadores cariocas, progredirá bastante até o dia 16 de junho, data marcada para os cortes finais.

— No dia 16 estaremos em ponto de bala. Com jogadas estudadas e tocando bola como se fosse ao som de música. Vamos para Munique com pinta de campeão e se depender de luta já somos os vencedores.

Válter: dois filhos e três medalhas olímpicas

Dono de três medalhas nos Jogos Pan-Americanos, pai de duas crianças e o melhor atleta em corrida. Estas são as credenciais de Válter Sales, 25 anos, sócio fundador do Clube dos Paraplégicos. Ele é um dos que mais treina. Além de corridas, Válter também disputa natação e joga no time de basquete.

Ele explica que o Brasil tem muitas chances nas Olimpíadas, mas que é necessário um maior apoio das autorida-

des e até de firmas particulares. Acha que com um pouco de ajuda o selecionado brasileiro poderá alcançar melhores índices em Munique.

— Na Jamaica eu perdi no final a prova de 100 metros. O corredor argentino chegou poucos segundos à frente. Mas tudo é explicável: minha cadeira de rodas pesa 27 quilos e a deles somente 18. É uma diferença muito grande. Mas Válter acredita que desta vez o Brasil terá uma

excelente presença na Alemanha. A equipe está bem treinada e poderá disputar quase todas as modalidades de esportes.

— Nosso basquete é um dos melhores. Estamos preparando uma boa seleção de arqueiros e corredores. Vamos para Munique dispostos a ganhar tudo que aparecer. Todos vão ver que essas onze passagens dadas pelo CND trarão grandes alegrias para a torcida brasileira.



Velozes com as cadeiras de rodas, os paraplégicos empolgam no basquete

Fonte: Acervo digital O Globo.

de Junho de 1972, no jornal O Globo, página 36.

Seleção dá apoio aos paraplégicos

Em suas cadeiras de rodas e vestindo camisas da CBD, os atletas do Clube dos Paraplegicos estiveram ontem na Gávea em visita à seleção brasileira. Eles vão disputar uma Olimpíada de Paraplegicos de 1 a 10 de agosto, em Heidelberg, na Alemanha, que compreenderá diversas modalidades de esporte: basquete, tênis de mesa, esgrima, arremesso de peso e outros.

Há um problema porém: a CBD liberou apenas 10 passagens para a viagem e sete atletas se vêem ameaçados de não poder participar. Por isso foram à Gávea, pedindo que os jogadores intercedessem por eles junto ao CND. Gerson foi o primeiro a aderir à campanha:


— Vou falar com o Brigadeiro Jerônimo Bastos. Ele é meu amigo e não vai se negar.

Paulo César também prometeu ajuda. E todos os jogadores e membros da Comissão Técnica fizeram questão de cumprimentar os paraplégicos, desejando-lhes boa viagem e boa sorte na Olimpíada.



Fonte: Acervo digital O Globo.

ANEXO C – Documento de aprovação no comitê de ética e pesquisa

FACULDADE DE CIENCIAS MEDICAS - UNICAMP (CAMPUS CAMPINAS)	
--	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: SUA CONSTITUIÇÃO NO PAÍS ATRAVÉS DAS VOZES, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS ATLETAS MEDALHISTAS (1976 A 1992)

Pesquisador: Michelle Aline Barreto

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 32934214.5.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 829.388

Data da Relatoria: 13/10/2014

Você está em: Público > Confirmar Aprovação pelo CAAE ou Parecer

CONFIRMAR APROVAÇÃO PELO CAAE OU PARECER

Informe o número do CAAE ou do Parecer:

Número do CAAE:

32934214.5.0000.5404

Número do Parecer:

[Pesquisar](#)

Esta consulta retorna somente pareceres aprovados. Caso não apresente nenhum resultado, o número do parecer informado não é válido ou não corresponde a um parecer aprovado.

DETALHAMENTO

Título do Projeto de Pesquisa:

O ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO: SUA CONSTITUIÇÃO NO PAÍS ATRAVÉS DAS VOZES,

Número do CAAE:

32934214.5.0000.5404

Número do Parecer:

829388

Quem Assinou o Parecer:

Renata Maria dos Santos Celeghini

Pesquisador Responsável:

Michelle Aline Barreto

Data Início do Cronograma: Data Fim do Cronograma:

15/02/2016

20/02/2016

Contato Público:

Michelle Aline Barreto